

*Diários de viagem  
duma portuense*



*Diário I:  
Turiperegrinações a Fátima  
(1938-1973)*

*Maria Olinda Rodrigues Santana*





*Diários de viagem duma portuense*  
*Diário 1: Turiperegrinações a Fátima*  
*(1938-1973)*

Maria Olinda Rodrigues Santana

Vila Real

2020

Ficha técnica:

Título: Diários de viagem duma portuense – Diário 1: Turiperegrinações a Fátima (1938-1973)

Autora: Maria Olinda Rodrigues Santana

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD

Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento – CETRAD

Prefácio: Professora Doutora Elisa Gomes da Torre

Conceção da capa: Maria Olinda Rodrigues Santana

Paginação e design da capa: Ana Mesquita (Minerva Transmontana, Tipografia, Lda.)

Edição: Sodivir, Edições do Norte, Lda.

1.ª edição e-book: outubro 2020

ISBN: 978-972-8546-93-9



*Diários de viagem duma portuense*  
**Diário 1: Turiperegrinações a Fátima (1938-1973)**

## SUMÁRIO

|                                                            |    |
|------------------------------------------------------------|----|
| <b>Prefácio</b>                                            | 7  |
| Professora Doutora Elisa Gomes da Torre                    |    |
| <b>Apresentação</b>                                        | 9  |
| <b>Introdução</b>                                          | 13 |
| <b>CAPÍTULO 1. UM ARQUIVO PESSOAL DE DIÁRIOS DE VIAGEM</b> | 15 |
| 1.1 Breve biografia de Maria Irma Nunes de Sousa           | 16 |
| 1.2 Enquadramento histórico-político                       | 20 |
| 1.3 Arquivo pessoal de diários de viagem                   | 23 |
| 1.4 Inventário do Arquivo Pessoal                          | 25 |
| <b>CAPÍTULO 2. O GÉNERO VIÁTICO</b>                        | 29 |
| 2.1 Os géneros discursivos: contextualização               | 30 |
| 2.2 O género viático                                       | 31 |
| <b>CAPÍTULO 3. TURISMO CULTURAL E TURISMO ESPIRITUAL</b>   | 35 |
| 3.1 Turismo cultural e as suas componentes                 | 36 |
| 3.2 Turismo espiritual e turismo religioso                 | 37 |
| 3.3 Peregrinação e turiperegrinação                        | 38 |

|                                                                        |           |
|------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>CAPÍTULO 4. EDIÇÃO DO DIÁRIO 1: “PORTUGAL – FÁTIMA” (1938-1973)</b> | <b>43</b> |
| <b>4.1 Descrição do DIÁRIO 1: “Portugal – Fátima”</b>                  | <b>44</b> |
| <b>4.2 Normas de edição</b>                                            | <b>45</b> |
| <b>4.2.1 Edição do DIÁRIO 1: “Portugal - Fátima”</b>                   | <b>46</b> |
| 1. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                              | 47        |
| 2. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                              | 55        |
| 3. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                              | 60        |
| 4. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                              | 67        |
| 5. <sup>a</sup> Peregrinação a Fátima                                  | 71        |
| 6. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                              | 73        |
| 7. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                              | 75        |
| 8. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                              | 77        |
| 9. <sup>a</sup> Visita a Fátima                                        | 78        |
| 10. <sup>a</sup> Visita a Fátima                                       | 79        |
| 11. <sup>a</sup> Visita a Fátima                                       | 81        |
| 12. <sup>a</sup> Visita a Fátima                                       | 82        |
| 13. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                             | 84        |
| 14. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                             | 85        |
| 15. <sup>a</sup> Visita a Fátima                                       | 89        |
| 16. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                             | 94        |
| 17. <sup>a</sup> Visita a Fátima                                       | 95        |
| 18. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                             | 97        |
| 19. <sup>a</sup> Visita a Fátima                                       | 111       |
| 20. <sup>a</sup> Visita a Fátima                                       | 112       |
| 21. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                             | 113       |

|                                                                             |     |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----|
| 22. <sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima                                  | 115 |
| 23. <sup>a</sup> Visita a Fátima                                            | 116 |
| 4.3 Notas estilísticas do DIÁRIO 1: “Portugal – Fátima”                     | 117 |
| <b>CAPÍTULO 5. ANÁLISE DISCURSIVA DO DIÁRIO 1<br/>“PORTUGAL – FÁTIMA”</b>   | 121 |
| 5.1 Análise estatístico-lexical do DIÁRIO 1                                 | 122 |
| 5.2 A análise discursiva do DIÁRIO 1                                        | 126 |
| <b>CAPÍTULO 6. A TURISTIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO DE<br/>FÁTIMA</b>              | 137 |
| 6.1 A turistificação do santuário de Fátima                                 | 138 |
| 6.2 A turistificação do santuário de Fátima através do olhar da<br>diarista | 139 |
| <b>Considerações finais</b>                                                 | 145 |
| <b>Bibliografia geral</b>                                                   | 149 |
| Fontes manuscritas                                                          | 149 |
| Fontes impressas                                                            | 149 |
| <b>Índice de tabelas, mapas, figuras e gráficos</b>                         | 155 |
| <b>Anexos</b>                                                               | 159 |
| Anexo 1 – Tabela de Desvios Reduzidos                                       | 160 |
| Anexo 2 – Extrato de vocabulário por ordem alfabética                       | 163 |
| Anexo 3 – Extrato de vocabulário por ordem decrescente                      | 190 |
| <b>Agradecimentos</b>                                                       | 191 |
| <b>Nota biográfica da autora</b>                                            | 193 |





## Prefácio

O leitor das páginas dos diários de viagens de Maria Irma Nunes de Sousa, que nos chegam na edição primorosa de Olinda Santana, sentir-se-á, muito provavelmente, tomado de alguma timidez, ao imaginar que se encontra face a uma escrita intimista, ao ser transportado para um discurso escrito que descreve emoções, sentimentos, estados físicos e espirituais de uma senhora burguesa da cidade do Porto.

Para este estar na leitura, apontam as reflexões da autora que se assume na linha instaurada por Petrarca de “escrever para mim só”. Os diários, afirma Maria Irma, servem para memorização de momentos felizes, de instantes únicos, vivências que se estimam de qualidade superior no seu quotidiano. Só que, como acontece com a literatura que faz seu mote a via de Petrarca, esta hipotética intromissão voyeurista se desmorona quando somos confrontados com a ausência real da fixação de pormenores mais íntimos em todas as narrações das viagens. Como assinala, aliás, a editora e estudiosa do arquivo pessoal de Maria Irma. Basta sublinhar que não nos é revelada a natureza da doença que aflige a autora. O pudor, o decorum, indiciam que há a presunção de que olhos outros que não “os meus só” lerão aquelas páginas, estas memórias, ainda que ela afirme que são para uso próprio.

Este jogo pressupõe, por isso, uma consciência da própria escrita, do estatuto artístico, no sentido quase etimológico, da mesma. Daqui se infere que a autora inclusivamente deseja que as páginas sejam lidas por estranhos. Aliás, Olinda Santana leva-nos a ponderar as razões que motivaram a eliminação no acervo pessoal de todo e qualquer outro registo. Restam os diários pois os diários são o testemunho que a autora quis legar aos outros. Tudo o mais é privado ao olhar alheio. Quebra-se, assim, definitivamente o jogo. Maria Irma assume o estatuto de autora e, como tal, regra a escrita dos diários controlando o que quer permitir que os outros saibam sobre si.

A minuciosa introdução com que Olinda Santana nos guia na leitura destas memórias de viagens, contextualizando o diário nas várias dimensões – sociológicas, género literário, tipos discursivos, descrição da ambiência política e das correntes da história do quotidiano – é um espaço precioso deste livro que é muito mais do que uma edição e se revela um estudo dos tipos de discurso, de um género, de um tipo social, assumidamente burguês, politicamente de orientação conservadora, de convicção religiosa católica praticante.

O subtítulo enquadra este diário no género de turiperegrinação. Não mais peregrinações, como foram, durante séculos, apelidadas as viajantes a lugares de culto religioso, mas viagens de índole cultural, com um propósito assumidamente espiritual mas em que a parte económica se imiscui. Olinda Santana detém-se na análise das particularidades destes vários tipos de turismo, acentuando as diferenças que nos permitem identificar e classificar as diversas experiências turísticas. Abstenho-me, pois, de as expor, mas não posso deixar de sublinhar as ocorrências frequentes, ao longo do diário, da avaliação das condições turísticas das mesmas: alojamento, transportes, restauração, souvenirs. “Estivemos hospedados na Pensão Catarino, que mais uma vez nos serviu bem: bons quartos e boas refeições” (p. 59).

Não obstante, é comovente o fervor e a entrega com que Maria Irma experiencia os atos litúrgicos e processionais em que participa em Fátima, que “exausta de cansaço e emoção”, regressa ao Porto “em silêncio meditando a mensagem de Penitência e Oração” (p. 35).

A autora tem perfeita consciência desta dupla dimensão das suas viagens. Por um lado, a peregrinação, onde a oração, a penitência e a meditação são nucleares e, o outro lado, excursional, turístico. Atente-se nesta sua afirmação: “A impressão desta peregrinação – excursão, foi boa, não só pela piedade de que se revestiram todas as cerimónias realizadas em Fátima, mas também, pelas obras d’arte e belezas naturais que me foi dado admirar, através deste nosso Portugal tão lindo!”, lapidar na revelação da dupla dimensão da turiperegrinação.

Ainda assim, o destino Fátima é, para a autora, na essência, uma experiência religiosa, de fervor e de fé. Por isso, proclama, indignada, “As impressões não foram das melhores, verificando-se, em alguns lugares, uma transformação em centro comercial, pouco edificante!” (p. 59). O desenvolvimento dos interesses económicos na oferta do turismo religioso chocam a sensibilidade genuinamente espiritual de Maria Irma que, ainda que apreciando, gozando, as ofertas turísticas das suas viagens, vive o destino Fátima com o espírito original das peregrinações.

O trabalho de Olinda Santana sobre o acervo particular de Maria Irma Sousa Nunes é um contributo interessantíssimo sobre o destino Fátima e a tensão contínua entre o dimensão espiritual e o interesse económico em que o turismo religioso se alicerça.

# APRESENTAÇÃO

O presente trabalho inicia um projeto de edição, análise multidisciplinar e a divulgação dum acervo pessoal de diários de viagens originais duma portuense, Maria Irma Nunes de Sousa, nascida em 1910, na cidade do Porto, tendo aí vivido quase oito décadas e falecido em 1989.

Decidimos criar uma coleção de e-books do referido arquivo pessoal, composto unicamente por diários de viagem, porquanto é raro encontrar um conjunto coeso de textos viáticos para este período, em Portugal.

É nosso objetivo editar e analisar numa perspetiva multidisciplinar (histórica, turística e discursiva) o conjunto de 12 diários inéditos, manuscritos, ilustrados e decorados pela mencionada diarista.

Tratando-se dum arquivo fechado, permite observar tendências nas práticas turísticas duma turista cultural que viajou no país e no estrangeiro numa parte significativa do século XX, tornando-se num estudo de caso paradigmático duma viajante duma determinada classe social, proveniente dum meio urbano: a cidade do Porto.

Queremos colocar à disposição dos investigadores das áreas da linguística (edição de texto e análise discursiva), da historiografia e do turismo, assim como dos estudantes e dos apreciadores de textos de viagem, em geral.

## **Coleção de diários de viagens turístico-culturais duma portuense**

O Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa (1910 – 1989) é constituído por 12 diários de viagem manuscritos, sendo 10 diários e 2 álbuns-diários. Todos eles relatam inúmeras viagens turístico-culturais experienciadas pela diarista portuense.

Os seus diários guardam duma forma mais particularizada ou mais abreviada as narrativas de quase todas as viagens efetuadas pela escrevente (Barthes 1977: 205-215) durante toda a sua existência.

O início da escrita diarística devidamente planeada por Maria Irma Nunes de Sousa deu-se, no ano de 1938, quando esta tinha 28 anos. A partir dessa data, a escrevente decidiu memorizar em palavras e imagens todas as suas viagens turístico-culturais, tendo encetado, nessa altura, a composição dum singular acervo pessoal de 12 diários de viagem manuscritos, manufaturados, ilustrados e decorados por si própria. No seu Diário-síntese (D10) e último, rememora inclusivamente as viagens feitas em criança e adolescente, alargando assim o período temporal da sua escrita rememorativa de mais duma década, isto é, recupera as memórias das suas primeiras viagens realizadas com a família mais próxima: o seu padrinho, os pais e irmãos na década de 20 do século XX, ou seja, dá a conhecer as suas viagens feitas durante mais de meio-século da sua existência.

Passemos agora à explicação do título da coleção dos textos viáticos de Maria Irma Nunes de Sousa.

Escolhemos o título “DIÁRIOS DE VIAGEM DUMA PORTUENSE” para a divulgação do citado Arquivo Pessoal de Diários de Viagem, porque a diarista em todos os seus textos menciona a sua proveniência geográfica e faz questão de enunciar por palavras e, por vezes, também por imagens tanto a sua partida como e a sua chegada à “saudososa” cidade do Porto (Diário 2), “à mais pitoresca cidade do mundo” (Diário 3). Maria Irma nasceu, viveu e faleceu na cidade Invicta. Nos seus diários, quis eternizar o seu incondicional amor à “Antiga Mui Nobre, Sempre Leal e Invicta Cidade da Virgem” (Diário 2).

Tendo em mãos um acervo de documentos manuscritos originais e invulgares no domínio da arquivística portuguesa, bem como do género viático, decidimos editá-los e estudá-los, gradualmente, numa perspetiva multidisciplinar, congregando a perspetiva histórica, arquivística, turística e linguística (edição de texto e a análise do discurso).

A coleção proposta será publicada em e-books e seguirá a ordem abaixo indicada.



| COLEÇÃO: DIÁRIOS DE VIAGEM DUMA PORTUENSE                                                       |  |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
| DIÁRIO 1: TURIPEREGRINAÇÕES A FÁTIMA (1938-1973)                                                |  |
| DIÁRIO 2: TURIPEREGRINAÇÃO A LOURDES (1958)                                                     |  |
| ÁLBUM-DIÁRIO 1: TURIPEREGRINAÇÃO A LOURDES (1958)                                               |  |
| DIÁRIO 3: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL A PARIS (1962)                                              |  |
| ÁLBUM-DIÁRIO 2: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL A PARIS (1962)                                        |  |
| DIÁRIO 4: VIAGENS TURÍSTICO-CULTURAIS ÀS BERLENGAS, ALGARVE E FÁTIMA (1963, 1964)               |  |
| DIÁRIO 5: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL A ITÁLIA (1965)                                             |  |
| DIÁRIO 6: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL A FRANÇA (CAEN) (1966)                                      |  |
| DIÁRIO 7: VIAGENS TURÍSTICO-CULTURAIS À ALSÁCIA E À SUÍÇA (1969)                                |  |
| DIÁRIO 8: VIAGENS DE TURIPEREGRINAÇÕES A LOURDES, ANDORRA E ÀS AMENDOEIRAS EM FLOR (1971 -1972) |  |
| DIÁRIO 9: VIAGEM TURÍSTICO-CULTURAL À EUROPA ORIENTAL (1973)                                    |  |
| DIÁRIO 10: SÍNTESE DE TODAS AS VIAGENS DUMA VIDA                                                |  |

No universo dos seus textos de viagem, alguns relatam turiperegrinações a Fátima (DIÁRIO 1, DIÁRIO 4), a Lourdes (DIÁRIO 2, DIÁRIO 8), estando relacionados com práticas de turismo cultural e espiritual, outras são viagens turístico-culturais a França, nomeadamente a Paris (DIÁRIO 3), outras ainda enquadradas nas práticas turísticas de turismo patrimonial e educacional, uma vez que efetuou cursos de férias de “língua e civilização francesas” em universidades francesas em Caen (DIÁRIO 6) e em Strasbourg (DIÁRIO 7). Realizou viagens turístico-culturais a Itália (DIÁRIO 5) e à Europa Oriental (DIÁRIO 9), assim como algumas viagens associadas ao turismo de massa “sol e praia” ao Algarve e às Amendoeiras em Flor (DIÁRIO 4), porém, convém notar que a maior parte das suas viagens foram, na verdade, práticas turísticas representativas do turismo espiritual e de turismo cultural essencialmente urbano.

## **Diário 1: Turiperegrinações a Fátima (1938-1973)**

Esta é a primeira publicação em formato digital do Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa, uma senhora portuense, nascida em 1910 e falecida em 1989. Era uma senhora da classe média alta, que, a partir de 1938, decidiu criar um acervo de diários de todas as suas experiências de turismo cultural interno e externo.

No presente trabalho, é editado e estudado numa perspetiva multidisciplinar: histórica, arquivística, turística, discursiva o primeiro diário catalogado no seu arquivo por D1 (DIÁRIO 1). Este texto viático recupera e transforma em discurso as recordações de todas as turiperegrinações e visitas ao santuário de Fátima efetuadas pela diarista de 13 de maio de 1938 a 11 de novembro de 1973, totalizando 23 viagens de turismo espiritual, praticado durante mais de três décadas.

Dado que temos ao nosso dispor o mencionado arquivo pessoal, resolvemos disponibilizar gradualmente a todos os investigadores e apreciadores da escrita diarística, a edição acompanhada dum estudo interdisciplinar de todos os textos viáticos do singular acervo pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa.

# INTRODUÇÃO

Em termos metodológicos, escolhemos fazer uma abordagem multidisciplinar, como enunciámos. A investigação proposta cruza áreas do saber muito diferentes: a história, a arquivística, o turismo, a edição de texto, a análise estatístico-lexical, domínios que não costumam ser associados, tornando este trabalho pioneiro.

Os diários de viagens são permeáveis a diferentes abordagens científicas, aliás, como qualquer género discursivo, podem suscitar um estudo no âmbito da literatura de turismo, um nicho do turismo literário, no da literatura de viagens, um género ou subgénero literário. Porém como os diários de viagem de Maria Irma Nunes de Sousa não são textos literários redigidos por uma escritora, mas tão-só textos de viagem duma mulher comum, letrada, mas não literata, isto é, são textos não-literários, embora contenham nalguns trechos com laivos de literariedade, como veremos adiante, não são textos com o mesmo grau de literariedade que os *Diários* de Miguel Torga ou a *Viagem a Portugal* de José Saramago, muito longe disso. Por este motivo não optámos por uma análise do ponto de vista do turismo literário nem da literatura de turismo, mas sim do ponto de vista da linguística, designadamente da análise estatístico-discursiva. É mais invulgar associar a história, a arquivística, o turismo cultural e a linguística, mas é uma pesquisa multivariada que, a nosso ver, deve ser implementada.

Na nossa abordagem, articulamos a componente teórica com a prática, usando sempre que necessário o processo hermenêutico, próprio dos estudos linguísticos, historiográficos, arquivísticos e frequentemente utilizada nos estudos de turismo.

A estrutura formal desta primeira publicação, divide-se em seis partes.

No primeiro capítulo, num primeiro item, traçamos uma biografia da diarista, num segundo, fizemos um enquadramento histórico-político do período em que viveu. Num terceiro momento, classificamos o arquivo pessoal, de acordo com o modelo científico sistémico e referimos ainda a importância dos arquivos pessoais para a historiografia contemporânea. Num quarto momento, disponibilizamos o inventário do arquivo.

No segundo capítulo, contextualizamos os géneros discursivos, definimos o género viático, o usado pela diarista em causa.

No terceiro capítulo, tratamos, no ponto um, as várias componentes do turismo cultural. No item dois, o turismo espiritual e religioso. No ponto três, distinguimos os conceitos de visita, peregrinação e turiperegrinação.

No quarto capítulo, fizemos a descrição material do diário, no primeiro ponto. Fornecemos as normas editoriais da edição paleográfica do primeiro diário da coleção, no segundo ponto. Decidimos fazer uma edição o mais fiel possível, para que esta fonte fique disponível aos especialistas, designadamente aos linguistas, que se ocupem do estudo da ortografia, da sintaxe, do léxico, etc.

Na edição, numerámos e classificámos as 23 viagens da diarista, de acordo com a classificação de turiperegrinação e visita, anteriormente avançada. Facultamos ainda algumas notas estilísticas do Diário 1.

No quinto capítulo do trabalho, procedemos a uma abordagem estatístico-lexical e discursiva do DIÁRIO 1 “Portugal – Fátima”, aplicando um programa de estatística lexical (STABLEX) ao referido discurso diarístico.

No sexto capítulo, abordamos a forma como o olhar crítico da diarista Maria Irma refletiu a turistificação ocorrida no santuário de Fátima desde 1938 a 1973, ou seja, da primeira à última turiperegrinação.

Concluimos o trabalho com algumas considerações finais, onde apontamos o caminho a seguir na próxima publicação do arquivo de Maria Irma Nunes de Sousa.

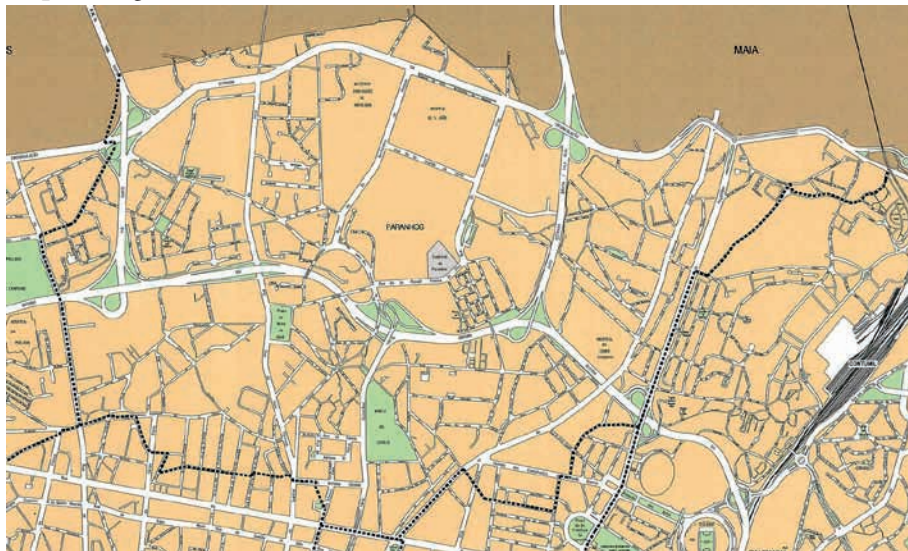
# CAPÍTULO 1

## UM ARQUIVO PESSOAL DE DIÁRIOS DE VIAGEM

## 1.1 Breve biografia de Maria Irma Nunes de Sousa

Esta é a primeira publicação em formato digital do Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa, uma senhora burguesa nascida, na cidade do Porto, a 24 de junho de 1910, no ano da implantação da República em Portugal, na freguesia de Paranhos. Faleceu, no mesmo local, a 12 de fevereiro de 1989.

**Mapa 1:** freguesia de Paranhos, Porto



Fonte: Internet. Disponível em <https://www.jfparanhos-porto.pt/pt/pages/mapa>. (Acedido 6, julho, 2020).

Paranhos é a maior freguesia da cidade do Porto. Delimita a norte com a freguesia de S. Mamede Infesta, que pertence ao concelho de Matosinhos, com a freguesia de Pedrouços que integra o concelho da Maia e com Rio Tinto, freguesia do concelho de Gondomar. A este demarca com Campanhã, a sul com a freguesia do Bonfim, Santo Ildefonso e Cedofeita, a oeste limita com a freguesia de Ramalde.

Maria Irma Nunes de Sousa circulava pelo espaço geográfico da sua freguesia, a área de residência e, por certo, do seu local de trabalho. Sabemos isso, porque nos informa, neste primeiro diário, que tinha sido “tesoureira” na Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Paranhos, fazendo parte da “direção paroquial da Juventude Católica Feminina”. Em 1938, deveria ser esse o seu emprego. Frequentava igualmente a Igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Perpétuo Socorro, na Rua de Costa Cabral, uma vez que algumas peregrinações que fez foram organizadas por essas duas instituições religiosas.





Do que temos a certeza é que Maria Irma Nunes de Sousa era uma senhora enferma, que teve o cuidado, ao longo de toda a sua escrita diarística, de ocultar o nome da doença grave que a acometia. No entanto, no Diário 10, informa-nos que esteve “em Julho de 1968” 22 dias, em Paris, para ser “examinada” no Institut Gustave Roussy<sup>1</sup>, o primeiro centro europeu de tratamentos, investigação e ensino sobre o cancro. Afirma ainda que os “resultados de todas as análises foram negativos” (D10). Dessa viagem a Paris para tratamento da sua doença, a diarista não fez um diário, porque não quis sequer nomear nos seus textos viáticos o nome da sua doença. Teve o cuidado de em todos eles esconder esse facto.

Em vários diários confia que aproveitava as suas convalescenças “prolongadas”, por vezes, por “longos meses” para “coligir” os apontamentos recolhidos durante as suas viagens (Diário 7, p. 1). Em casa, numa situação de pós-experiência da viagem, e com o objetivo de eternizar as experiências turísticas vivenciadas, a turista cultural manifesta as suas motivações pessoais para a escrita dos seus textos viáticos, esclarece, inclusive sobre o seu processo de escrita. Informa-nos que burilava os rascunhos feitos durante as viagens, por vezes, nos hotéis, passando-os a limpo e decorando-os em casa. As suas motivações foram verbalizadas, entre outros, no Diário 7, que relata as viagens à Alsácia, à Suíça, ocorridas no verão de 1969, conforme explicitado abaixo.

A própria explicou aos seus supostos leitores as razões da sua escrita:

Ocupação inútil? Assim se poderá supor! Mas sendo a sua finalidade avivar boas recordações de tudo quanto de belo e grande nelas vi, não, considero horas perdidas as que dedico a este labor.

Eis, portanto, uma razão bastante para prosseguir. (Diário 7: Viagens à Alsácia e Suíça – 1969, páginas 1 e 2).

Para conhecermos a fisionomia da diarista, Maria Irma Nunes de Sousa, fornecemos uma das raras fotografias disponibilizada no seu arquivo pessoal. Esta fotografia encontra-se no ÁLBUM-DIÁRIO 1 (A1) da viagem de turiperegrinação a Lourdes realizada em setembro 1958.

No presente trabalho, é editado o primeiro diário manuscrito catalogado por D1 (DIÁRIO 1), que cinzela as recordações de todas as turiperegrinações e visitas ao santuário de Fátima realizadas pela diarista de 13 de maio de 1938 a 11 de novembro de 1973, perfazendo um total de 23 viagens, concretizadas durante 35 anos.

---

<sup>1</sup> Internet. Disponível em <https://www.gustaveroussy.fr/fr/linstitut> (acedido, 9, setembro, 2020).



**Figura 1:** Maria Irma, do lado direito, com Maria José, à porta duma Igreja em Toledo, em 1958 (A1)

## 1.2 Enquadramento histórico-político

A diarista nasceu no ano da implantação da República em Portugal num momento politicamente instável no país e em particular na cidade onde nasceu. Durante a vigência do governo da monarquia constitucional grassava a corrupção e o suborno, visto que as equipas governativas desse regime distribuíam o poder por diferentes segmentos da aristocracia e da burguesia, em rotatividade. Como observa o historiador A. H. de Oliveira Marques:

A perda do Brasil, a incapacidade de desenvolver os territórios ultramarinos, diversas humilhações oriundas do estrangeiro, falta de capitais, analfabetismo, tudo se apresentava a olhos de contemporâneos (e de historiadores que os seguiram) como resultado de incompetência, de irresponsabilidade, de corrupção política. Ora, o que o senso comum parece sugerir é que a fiscalização diária dos negócios públicos pela Imprensa e pelo Parlamento – por muito imperfeitos que fossem e errados que estivessem – havia de tornar essa corrupção e esses defeitos mais difíceis do que nos velhos tempos do despotismo (Marques 1981: 75).

Depois de conquistado o poder a 5 de Outubro de 1910, o Partido Republicano nomeou para Presidente do Governo Provisório, Teófilo Braga, Professor do Curso Superior de Letras. O Governo Provisório escorou o novo regime político, afirmando a ordem pública interna, conseguindo, dessa forma, o reconhecimento das potências estrangeiras. A Europa era, na época, essencialmente monárquica. Apenas a França e a Suíça tinham regimes republicanos, a República Portuguesa foi a terceira na Europa. A nascente República tinha como principais finalidades assegurar a “ordem” e a tolerância. Pretendia ainda mitigar algum anarquismo ou subversão, garantindo, por exemplo, a segurança do rei deposto e da sua família (D. Manuel II). Ao mesmo tempo, existia no partido uma corrente mais esquerdista, mais revolucionária. No Governo Provisório, afrontaram-se, desde logo, as duas correntes que se mantiveram em oposição até ao final da 1.<sup>a</sup> República.

A entrada de Portugal na 1.<sup>a</sup> guerra mundial acarretou agitação social. Em 1917, aumentaram as greves em oposição à guerra e à carestia de vida. Os anos do pós 1.<sup>a</sup> guerra mundial (1914-18), designadamente os anos de 20 e 21 foram também muito conturbados em Portugal e noutros países europeus. Houve atentados políticos, bombismo, inflação, corrupção, etc. A partir de 1923, a situação geral do país melhorou com uma progressiva industrialização e uma tímida alfabetização das populações.

O golpe militar de 28 de Maio de 1926, perpetrado pelo general Gomes da Costa conseguiu derrubar o Governo Republicano, mas duraria muito pouco.

Em 9 de Julho do mesmo ano (1926), ocorreu um novo golpe militar comandado por um monárquico: o general Sinel de Cordes que enviou o governo da Costa para um exílio nos Açores, nomeando o general Óscar Carmona para Presidente do Governo. Até 1928, os dois: Sinel de Cordes, com a pasta das Finanças, e Carmona, com a presidência, governaram em plena ditadura militar. A oposição a este regime iniciou-se em 1927 e durou até 1931. O movimento revolucionário irrompeu no Porto (de 3 a 9 de fevereiro) e só mais tarde em Lisboa. O Governo causou a morte a centenas de portugueses, conseguindo desta forma atroz silenciar a sublevação. Em 20 de julho de 1928, surgiu outra revolta, desta vez, em Lisboa e em Setúbal que não vingou. Em 1931, outra rebelião, de abril a maio, na Madeira, nos Açores e na Guiné. Em 26 de agosto sobrevém outra em Lisboa. Ocorrem inclusivamente tentativas de golpes de estado no cerne do regime, mas a ditadura mantém-se. Os meios de repressão, tais como: a censura e a perseguição, aumentaram conduzindo muitos portugueses às prisões e ao exílio no estrangeiro.

Em finais de 1927, o governo ditatorial de Sinel de Cordes caiu em desgraça com uma política financeira desastrosa. Entrementes, Carmona é eleito Presidente da República em abril de 1928 e Vicente de Freitas comandou o governo com Oliveira Salazar na pasta das Finanças. A infiltração da direita no governo conduziu à demissão de Vicente de Freitas e à sua substituição pelo general Ivens Ferraz, um conciliador que também não conseguiu fazer face à política nacional. Em janeiro de 1930, o presidente Carmona confiou o governo a um amigo de Salazar, o general Domingos Oliveira. Salazar era o representante da Extrema-Direita católica e ainda um apoiante da monarquia. A sua fama de professor de economia prestigiado da Universidade de Coimbra fez com que Mendes Cabeçadas o chamasse para ministro das Finanças em 1928. Nesse mesmo ano, Salazar conseguiu supervisionar os orçamentos de todos os ministérios e ter poder de veto em todos os aumentos ministeriais. Foi desta forma que ganhou a fama de “mago das finanças” e de “salvador da pátria”. A sua retórica bem estruturada assente em palavras precisas, simples e pausadas contrapunha-se à retórica fátua dos outros políticos da época, o que lhe granjeou uma enorme popularidade.

De mansinho Salazar foi preparando a sua entrada ditatorial. Em 1929, estendeu os seus domínios para fora da área financeira. Um ano depois, já discursava sobre a “futura organização do País” (Marques 1981: 372). Salazar soube logo rodear-se dos apoios da banca, da Igreja, do exército, da inteligência da Direita e dos monárquicos.

O Estado Novo e a “União Nacional” foram decididos entre 1930 e 1931. Um ano depois, mais precisamente em julho de 1932, Domingos de Oliveira cedeu o lugar a Salazar.

Formou um governo essencialmente com civis onde se destacavam ministros como: Armindo Monteiro na pasta das Colónias e Duarte Pacheco na das Obras Públicas. Nesse mesmo ano e no seguinte, começou a delinear a estrutura do regime “autoritário e corporativo” (Marques 1981: 373). Com a morte do ex-rei D. Manuel II, em Inglaterra, sem herdeiros, Salazar enterrou definitivamente a causa monárquica. Criou a “União Nacional”: uma congregação política do país, sendo ele próprio o caudilho. Em fevereiro de 1933, mandou publicar uma nova Constituição, posteriormente um “Estatuto do Trabalho Nacional” e ainda uma sequência de “medidas de organização do Estado Corporativo” (Marques 1981: 373).

Como verbaliza o citado historiador:

Os partidos políticos, as sociedades secretas e as associações sindicais foram proibidos. Nos finais de 1934, as primeiras eleições legislativas dentro do novo esquema político trouxeram à Assembleia Nacional um grupo de noventa deputados, propostos por uma única organização, a União Nacional. Em 1935, Carmona foi reeleito Presidente da República sem contestação. Durante 1936, duas organizações tipicamente fascistas, a *Legião Portuguesa* ou corpo de voluntários para a defesa do regime, e a *Mocidade Portuguesa*, organismo para-militar obrigatório entre os adolescentes fizeram a sua aparição, no meio de grande entusiasmo. O ‘Estado Novo’ estava firmemente estabelecido (Marques 1981: 373).

Grassaram várias revoltas e greves contra o regime: uma greve geral contra a “nova organização do trabalho” em janeiro de 1934. Os *Nacionais-Sindicalistas*, grupo fascista, que inicialmente apoiava Salazar, conspiraram contra ele em setembro de 1935, mas foram descobertos pela polícia. A derradeira tentativa de pôr fim ao regime pela violência aconteceu em 1937, num atentado à bomba a Salazar numa rua de Lisboa, sem consequências para o mesmo.

Quanto à política externa, o Estado Novo aproximou-se das ideologias fascistas, em Itália, em Espanha e na Alemanha.

A nível interno, Salazar converteu-se de Primeiro-Ministro em ditador absoluto, chefiando os Ministérios das Finanças, Guerra, Negócios Estrangeiros, considerando-se “o guia da nação” (Marques 1981: 380).

Maria Irma Nunes de Sousa cresceu durante a evolução da 1.<sup>a</sup> República para o regime ditatorial salazarista, pertencia à classe média alta da cidade do Porto, era celibatária, vivia com os pais e os irmãos na freguesia de Paranhos. Era uma senhora devota da religião católica, frequentava a igreja de Paranhos, onde teve cargos administrativos, e a igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> do Perpétuo Socorro, tendo participado em inúmeras viagens de turismo religioso, nomeadamente a Fátima e a Lourdes, programadas por estas duas igrejas do Porto. Política-

mente, como podemos depreender dos seus textos de viagens era apreciadora dos regimes ditatoriais português e espanhol. Embora não se pronuncie abertamente nos seus discursos sobre simpatias políticas, deixa transparecer, nas entrelinhas, uma admiração pelos ditadores Salazar e Franco. Não foi certamente por acaso que interrompeu as viagens e a escrita diarística no ano de 1974, o ano da Revolução dos Cravos e da chegada da democracia a Portugal. O desagrado pela mudança política no país e talvez ainda o agravar da sua enfermidade foram, por certo, os fatores que condicionaram o término das suas práticas turísticas e diarísticas.

### 1.3 Arquivo pessoal de diários de viagem

Foi, grosso modo, nas circunstâncias políticas, sociais, históricas e pessoais descritas acima que Maria Irma Nunes de Sousa projetou e criou um pequeno e invulgar acervo pessoal ou sistema de informação pessoal (SIP) (Silva, 2004: 265), para usar a terminologia do modelo sistémico, desenvolvido recentemente pela literatura da Ciência da Informação praticado, entre outros por Armando Malheiro da Silva (2004; 2007). Todavia a diarista não pretendeu criar um arquivo pessoal diversificado com documentação produzida e recebida no decurso das suas atividades privadas, profissionais, sociais e culturais. Também não quis criar um arquivo familiar, porque não acautelou documentos doutros membros da sua família, por exemplo, da sua irmã que viajava habitualmente com ela, dos outros irmãos, dos seus pais. Durante a sua existência (1910-1989), a escrevente produziu diferentes tipologias textuais de diferentes procedências (casa, trabalho, lazer), ou seja, escritos pessoais, profissionais e domésticos (Fabre 1993), todavia só pretendeu legar aos vindouros os seus textos viáticos de quase todas as suas viagens de lazer. A falta doutros tipos de escritos pessoais, domésticos e profissionais, tão completos e coesos como o conjunto de textos de viagens, impede-nos de reconstituir toda a trajetória numa forma mais segura. É óbvio que se tivesse disponibilizado uma maior variabilidade de escritos poder-se-ia ler numa forma mais completa o seu modo de sentir, de interpretar o mundo, de reagir os factos vivenciados no decorrer da sua existência. Porém, a produtora, Maria Irma, propositadamente, retirou uma grande parte da sua escrita quotidiana (Fabre, 1993), privada, familiar, profissional, doméstica (Albert, 1993: 37) do seu arquivo, deixando tão-só os diários de viagem para o público futuro. Esta decisão da produtora de manter tão-só o conjunto de textos viáticos, descartando todos os outros tipo de textos impossibilita a reconstituição do contexto de produção e a construção dum quadro orgânico-funcional do seu sistema de informação pessoal, apesar dessas limitações documentais, o seu acervo possibilitou a elaboração dum inventário do conjunto dos seus diários de viagem.



Convém notar que dentro dalguns diários, a escrevente preservou alguns documentos comprovativos das suas viagens: programas, recibos de pagamento das viagens, ou seja, alguns, poucos escritos domésticos. Guardou também recortes de folhetos turísticos, cartões de hotéis e restaurantes, santinhos dos santuários visitados, isto é, “objetos portadores do valor de recordação” (Paulino 2010) que servem de elementos de prova das suas viagens realmente concretizadas. A produtora dos diários resguardou voluntariamente o mencionado fundo, para que este chegasse até nós. Esta produtora, no decurso das suas atividades familiares, pessoais, profissionais, sociais, culturais, produziu e recebeu imensa documentação, porém apenas quis legar a um provável ou fictício público os seus textos viáticos. Os seus familiares depois da sua morte também não acautelaram outro tipo de documentos (pessoais, domésticos, profissionais), porque as pessoas comuns não têm consciência da importância das suas fontes para a historiografia e outras áreas da ciência contemporânea.

Atualmente há uma valorização das fontes que transportam o palpitar do quotidiano, quer seja na escrita popular manuscrita, quer na escrita popular impressa, bem como na imprensa regional e local, afastando-se duma visão centralista e institucional, tentando, desta forma, esquadriñar os comportamentos humanos ocorridos num determinado espaço, período temporal e com determinados grupos sociais.

Hodiernamente, a historiografia valoriza as fontes autobiográficas procedentes de arquivos pessoais, porquanto, na verdade, as novas práticas historiográficas centram-se na revalorização do indivíduo comum como fazedor de história, integrando-o no coletivo.

As fontes privadas, enquanto testemunhos do passado, podem ter sido acautelados deliberada ou involuntariamente, por pessoas de todas as classes sociais, deixando gravado nos seus documentos as suas vivências, as suas reflexões, os seus silêncios, os seus segredos, enfim, os retalhos das suas vidas.

Si beaucoup considèrent que les écrits autobiographiques et les archives personnelles, qui entretiennent avec le véridique un rapport toujours équivoque, ne peuvent sérieusement être convoqués qu'à titre indicatif, ou illustratif, certains y voient à l'inverse un matériau privilégié, voire unique, seul capable de appréhender 'l'infra-ordinaire', de saisir les émotions, les sensibilités et les représentations sociales, de restituer les expériences dans toute leur discontinuité (ou de cerner au contraire les tentatives de réordonnancement et de réécriture des existences) (Artières; Kalifa 2002: 8).



Os escritos autobiográficos dos arquivos pessoais são “materiais privilegiados” para a compreensão do “*infra-ordinaire*”, ou seja, como explicam os autores Artières e Kalifa para compreender as emoções, as sensibilidades, as representações sociais. Permitem, igualmente, restituir experiências na descontinuidade ou, pelo contrário, possibilitam a reordenação e, de certa forma, a reescrita das existências.

Em relação à recolha, preservação e estudo interdisciplinar da escrita popular manuscrita, em Portugal, ainda não se está a dar a devida importância a este tipo de fonte historiográfica.

Por toda a Europa, crescem as investigações no âmbito dos arquivos pessoais (França, Suíça, Itália, Alemanha, Bélgica, Áustria, Espanha). Fora da Europa, no Brasil e na Argentina, também já existe uma significativa investigação no domínio dos acervos pessoais (Castillo Gómez 2000).

Em Portugal, a investigação sobre os arquivos pessoais cinge-se, quase exclusivamente, aos acervos de pessoas ilustres (políticos, escritores, pintores, escultores, compositores, músicos), olvidando-se a produção escrita das pessoas comuns, aquelas que, até há bem pouco tempo, nem sequer entravam nas notas de rodapé dos livros de história (García Lorenzana 2001: 192).

As figuras dominantes também têm uma existência vulgar, comum aos demais, por mais importantes que as pessoas sejam social, política e culturalmente têm uma vida comezinha como qualquer outra pessoa. Guardam diários, correspondência, missivas dos amigos ou familiares, têm uma conta bancária, assinam petições, tomam apontamentos nas suas agendas, guardam fotografias de família com legendas, etc. (Fabre 1993).

No tipo de textos citados, os escreventes (Barthes 1977: 205-215) deixam as suas marcas pessoais, os sinais temporais do período em que viveram, as referências aos lugares habitados, nos quais interagiram com os outros e, no caso concreto dos diários de viagem, as alusões às motivações para visitar determinados destinos turísticos. No caso específico de Maria Irma Nunes de Sousa as suas motivações foram, sobretudo, de lazer e espirituais, como veremos adiante.

## 1.4 Inventário do Arquivo Pessoal

O Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa, já publicado noutros trabalhos (Santana 2011; Santana 2018), foi ligeiramente modificado para melhor entendimento da sequência da coleção proposta.

| <b>Diários de Viagem</b>                                                                                                                                                                  | <b>Data</b>                                                                                    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>D1</b> – Diário de turiperegrinações a Fátima                                                                                                                                          | 13 de maio de 1938 a 11 de novembro de 1973                                                    |
| <b>D2</b> – Diário da turiperegrinação a Lourdes “Centenário das Aparições de N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> ”                                                                          | 26 de agosto a 5 de setembro de 1958                                                           |
| <b>D3</b> – Diário da viagem turístico-cultural a Paris                                                                                                                                   | 26 de agosto a 8 de setembro de 1962                                                           |
| <b>D4</b> – Diário de “apontamentos da excursão às Berlengas em 18 a 22 de Agosto de 1963”, viagem ao Algarve 1964, viagem a Fátima                                                       | 18 a 22 de agosto de 1963<br>25 a 31 de setembro 1964<br>31 de setembro a 1 de outubro de 1964 |
| <b>D5</b> – Diário de “Apontamentos da viagem volta à Itália “                                                                                                                            | 1 a 30 de setembro de 1965                                                                     |
| <b>D6</b> – Diário do “Cours International de Vacances du 4 Juillet au 30 Juillet 1966 – Université de Caen”                                                                              | 2 a 30 de julho de 1966                                                                        |
| <b>D7</b> – Diário da viagem à Alsácia e à Suíça “Cours d’Été de la Faculté des Lettres - Strasbourg” e viagem à Suíça                                                                    | 17 a 31 de julho de 1969 – Strasbourg<br>1 a 12 de agosto de 1969 – Suíça                      |
| <b>D8</b> – Diário da turiperegrinação a “Lourdes - Andorra”, da viagem às “Amendoeiras em flor”, da turiperegrinação à “cidade de Lourdes no coração dos Pirenéus” (2. <sup>a</sup> vez) | 1 a 10 de julho de 1971<br>27 e 28 de fevereiro de 1971<br>20 a 28 de julho de 1972            |
| <b>D9</b> – Diário da viagem de férias à “Europa Oriental”                                                                                                                                | 3 a 17 de junho de 1973                                                                        |
| <b>D10</b> – Diário – Síntese de todas as viagens                                                                                                                                         | Antes de 1938 a 1973                                                                           |

**Tabela 1:** diários do Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa

No seu acervo pessoal, existem dois álbuns-diários, um relativo à 1.<sup>a</sup> turiperegrinação ao santuário de Lourdes, decorrida entre 26 de agosto a 5 de setembro de 1958, que completa e ilustra imagneticamente o diário catalogado por (DIÁRIO 2) e um outro concernente à viagem de turismo cultural a Paris, realizada de 26 de agosto e 8 de setembro de 1962, que complementa e ilustra o diário (DIÁRIO 3).

| Álbuns-diários de viagem                               | Data                                 |
|--------------------------------------------------------|--------------------------------------|
| A1 – Álbum-diário da turiperegrinação a Lourdes        | 26 de agosto a 5 de setembro 1958    |
| A2 – Álbum-diário da viagem turístico-cultural a Paris | 26 de agosto e 7 de setembro de 1962 |

**Tabela 2:** álbuns-diários do Arquivo de Maria Irma Nunes de Sousa

São dois álbuns fotográficos adquiridos pela diarista com o objetivo de eternizar as suas memórias viáticas em palavras e imagens. O interior é manuscrito e decorado com postais ilustrados, comprados durante as viagens culturais com o intuito de integrarem os objetos de recordação construídos pela relatora-viajante.



## CAPÍTULO 2

### O GÉNERO VIÁTICO

## 2.1 Os géneros discursivos: contextualização

Empregamos o conceito de discurso e de género discursivo, no sentido bakhtiniano, uma vez que a teoria da enunciação de Bakhtin (1926; 1979) centrou-se na forte relação existente entre o sujeito-enunciativo, a língua, a história e a sociedade. A produção dos discursos no quotidiano reflete a conexão entre estes 4 aspetos.

O discurso é um ‘cenário’ de um certo acontecimento. A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é a relação recíproca dos locutores, ela deve ‘encená-la’, se se pode dizer; aquele que decifra o sentido assume o papel de ouvinte; e, para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes. (Bakhtin 1926: 199).

Outros conceitos operativos da teoria de Bakhtin foram retomados por muitos outros linguistas (Foucault 1969; Barthes 1976; Hagège 1990; Fonseca 1994; Maingueneau 1997), o “dialogismo” ou a polifonia são as múltiplas vozes que povoam as condutas e tessituras discursivas. O conceito de género do discurso de Bakhtin está intimamente ligado ao conceito de enunciado ou discurso. De acordo com o autor, as formas da língua e as formas dos enunciados, isto é, os géneros discursivos introduzem-se na nossa experiência e na nossa consciência conjuntamente e sem que a sua correlação estreita seja rompida (Bakhtin 1984: 285). O papel linguístico, histórico, social, cultural dos géneros discursivos é um ponto essencial na “metalinguística” de Bakhtin. Como este clarifica: “Nous apprenons à mouler notre parole dans les formes du genre et, entendant la parole d’autrui, nous devinons, au tout premier mot, son genre, nous pressentons le volume déterminé (la longueur approximative d’un tout de la parole), la structure compositionnelle donnée, nous en prévoyons la fin, autrement dit, dès le début, nous sentons le tout de la parole qui, ensuite, se différencie dans le processus de la parole. Si les genres de la parole n’existaient pas, si nous n’en avions pas la maîtrise, s’il nous fallait les créer pour la première fois dans le processus de la parole et construire librement et pour la première fois à chaque énoncé, la communication verbale, l’échange des pensées, serait quasiment impossible” (Bakhtin 1984: 285).

Os géneros discursivos fazem parte da estrutura basilar duma língua, fomentando a socialização, a inserção prática nas atividades comunicativas. Por conseguinte, são aprendidos naturalmente quando se aprende uma língua e uma cultura.

Um outro aspeto importante a reter é que os géneros discursivos não são artefactos históricos e culturais estanques, mas, ao invés, podem e, habi-

tualmente, apresentam uma plasticidade e uma mistura de géneros, ou seja, uma hibridação. É precisamente o que acontece com o género viático, porque apresenta características do género confessional, do diário, da escrita do “eu” e, ao mesmo tempo, tem a componente da viagem, da encenação dum acontecimento concreto, datado, localizado, experienciado por uma ou mais pessoas num determinado lugar.

## 2.2 O género viático

Os diários de Maria Irma Nunes de Sousa são textos de viagem, narrativas que reconstroem viagens de turismo espiritual e turismo cultural. Estes textos foram escritos, entre 1938 e 1973, ou seja, durante quase quatro décadas, no contexto político, histórico e social do Estado Novo.

Estes textos de viagem não mostram um cunho confessional, no sentido de desvelarem segredos íntimos da escrevente, na pegada da tradição diarística provinda do século XVII, não são textos de diarística pura. São textos produzidos por uma escrevente e não por uma escritora (Barthes 1977: 205-215), uma vez que são textos linguisticamente cuidados, com algumas marcas de literariedade, porém não são textos marcadamente literários. O objetivo primordial da escrita diarística de Maria Irma, como ela própria explicita na abertura de vários diários (Diário 2, Diário 7), era a rememoração pessoal e a descrição detalhada do programa das viagens espirituais e turístico-culturais experienciadas por si para melhor recordar na pós-experiência da viagem as emoções vividas.

Ouçamo-la:

Se, ‘recordar é fazer passar pelo coração alguém, ou alguma coisa’, ao folhear este álbum vibro de saudade lembrando os dias plenos de suave emoção que tive a felicidade de usufruir quando da nossa peregrinação a Lourdes no Centenário das Aparições de Nossa Senhora. 26 de Agosto a 5 de Setembro de 1958 (C2, página 3).

O Álbum a que se refere é o ÁLBUM-DIÁRIO 1 (A1) da viagem comemorativa do centenário das Aparições em Lourdes, em 1958, que será estudado e divulgado brevemente.

Pelos motivos apontados, consideramos que os diários de viagens de Maria Irma Nunes de Sousa se enquadram no género discursivo viático, um género híbrido que se situa entre a literatura e o guia turístico (Cunha 2012: 156).

O género viático inscreve-se na literatura de viagens, congregando duas vertentes complementares: a autobiográfica, porque escrita por uma escre-



vente, um “eu” ou “nós”, ou melhor, uma narradora-viajante, que eterniza e disponibiliza as suas experiências viáticas, legando ao possível leitor o seu ponto de vista, o seu modo de sentir e de construir o vivido, com um olhar de turista cultural. Porquanto é a narradora-viajante que — influenciada pelo marketing turístico epocal, pela propaganda turística da cultura do espírito do Estado Novo, pelas informações debitadas nos guias turísticos igualmente disponibilizados pela mesma propaganda, e ainda pelos agentes do sistema turístico (agências de viagens, programadores, empresas de transportes, entre outros) — seleciona os lugares e as culturas a visitar, como veremos nos discursos de vários diários.

Como já referimos, a viajante-escrevente constrói os seus diários, no seu lar, em momentos da pós-experiência turística e depois da leitura dos seus paratextos ou apontamentos colhidos durante as viagens. Ao reviver as suas viagens apoiada nos auxiliares de memória, os seus rascunhos e documentos autênticos produzidos para a concretização da viagem (programa com as várias etapas, recibo com a indicação do organizador, dos lugares a ocupar no meio de transporte, dos acompanhantes, dos postais turísticos dos lugares visitados, dos cartões promocionais das infraestruturas hoteleiras, etc.), a narradora estriba os seus discursos nas coordenadas temporais balizadas nas sincronias reais e nos locais turísticos realmente visitados, tornando os seus textos testemunhais, históricos. Todavia, tratando-se de textos gravados nas 1.<sup>as</sup> pessoas do singular e do plural: o “eu” e o “nós” introduzem simultânea e automaticamente a subjetividade no discurso viático. Como expôs Paula Cunha: “Este sujeito que parece mostrar-se, na verdade, esconde-se por detrás de um discurso autobiográfico de primeira pessoa, na medida em que é difícil determinar o que releva de uma experiência real, original, e o que é construído para produzir, literariamente, uma imagem ou representação cultural” (Cunha 2012: 156).

Por outro lado, convém não esquecer que os textos de viagem são “escritas do foro privado” (Foisil 1986)<sup>2</sup>, compostos por um triplo ângulo: testemunhal, ficcional e turístico. Os textos viáticos são testemunhos das vivências do seu redator, são também provas fiéis dos percursos efetivamente cumpridos por uma pessoa historicamente identificada. Por conseguinte, no género discursivo viático, encontramos uma vertente historiável, presa às circunstâncias das viagens, delimitadas por datas, pelos viajantes/turistas concretos, pelos lugares percorridos, assim como uma componente ficcional produzida em cada diário pela relatora-viajante, que escreve na 1.<sup>a</sup> pessoa e deixa a sua

<sup>2</sup> Expressão da historiadora francesa Madeleine Foisil (1986), citado a partir de Lacoue-Labarthe, Isabelle; Mouysset, Sylvie - «De 'l'ombre légère' à la 'machine à écrire familiale'», *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, 35, 2012, URL: <http://clio.revues.org/10489>: 8. (Acedido 1, outubro, 2016).

visão sobre uma determinada viagem, sobre o que vê nessa viagem, sobre o “cenário” montado para o turista, sobre as pessoas com quem viaja, sobre as infraestruturas e os demais serviços turísticos.

No conjunto coeso dos 12 textos de viagem, a diarista criou várias narrativas discursivamente interdependentes, tendo construído uma circularidade discursiva nos vários diários, ou seja, os vários discursos dialogam entre si, convocando discursos doutros enunciadores (intertextualidade) e discursos doutros diários da mesma escrevente (interdiscurso) no cerne da formação discursiva (Maingueneau 1997: 50-52; 62-63).

Neste primeiro diário em particular, ocorre, por exemplo, a intertextualidade ou a remissão para textos doutros autores, entre eles: o cancionário popular e a poesia de A. Correia de Oliveira.

Neste texto viático, como aliás em quase todos, a diarista registou atividades de turismo espiritual e sempre em todas as viagens atividades de turismo cultural, porque aos elementos religiosos, como o cumprimento de promessas a um ser divino, aliam-se as motivações culturais que se efetivavam no decurso da viagem do Porto a Fátima. A peregrina não ia diretamente da sua residência ao santuário de Fátima, mas fazia turismo cultural, patrimonial, do Porto a Fátima, visitando os monumentos históricos mais “emblemáticos” do território percorrido (Aveiro, Coimbra, Batalha, etc.). Ademais a diarista não fazia a viagem a orar do Porto a Fátima, nas suas narrativas tecia considerações sobre a paisagem observada e sobre as emoções que esta lhe causava, comentava a qualidade dos meios transportes, dos restaurantes, dos alojamentos, dos serviços de apoio turístico etc.

Os seus relatos de viagem ao santuário de Fátima são, alguns mais detalhados, incluindo uma descrição diária dos percursos, das visitas aos locais turístico-culturais e monumentais, dos horários das refeições, do apreço pelas mesmas, da presença dos acompanhantes, muitas vezes a amiga Maria José, a irmã Maria Amélia, ou as amigas Maria Antónia e Geneviève Haegel, designadamente neste primeiro diário e também o percurso religioso. Algumas narrativas de visitas são mais sintéticas, são apenas resumos de visitas mais curtas ao citado santuário.



## CAPÍTULO 3

### TURISMO CULTURAL E TURISMO ESPIRITUAL

### 3.1 Turismo cultural e as suas componentes

A essência cultural da viagem remonta a tempos imemoriais, do homem pré-histórico, um nómada sempre em viagem, ao homem clássico, que encarava a viagem como uma prova de superação humana e aproximação ao supremo, tornando-se o caminho percorrido uma metáfora da vida. Outros marcos importantes que contribuíram para a plurissignificação da viagem foram desenvolvidos no crepúsculo da antiguidade clássica com o surgimento do cristianismo e as peregrinações aos lugares santos (peregrinato ad loca sancta), tendo tido um desenvolvimento importante na Idade Média com as peregrinações aos santuários, aos sepulcros, aos locais santos.

O turismo cultural contemporâneo tem as suas origens na peregrinação de índole religiosa, bem como na componente profana do culto da viagem de formação, de iniciação cultural dos jovens abastados da nobreza e burguesia dos séculos XVIII e XIX, que necessitavam de conhecer novos países, novas culturas, para se formarem como líderes nos seus países. O turismo cultural contemporâneo surgiu associado, portanto, à peregrinação, por um lado, e à viagem educacional, por outro.

No conjunto de diários de viagem de Maria Irma Nunes de Sousa, encontramos essas duas componentes: as viagens a locais religiosos (Fátima e Lourdes) e as viagens turístico-culturais realizadas por motivos culturais (todo o país e muitos países europeus), educativos (universidades francesas).

Maria Irma era uma turista cultural que procurava, em cada viagem, experiências emocionais apaziguadoras e culturalmente estimulantes. Praticava turismo cultural numa perspetiva “psicossocial”, ou seja, procurando nas suas deambulações vivências de “participação em novas e profundas experiências culturais, estéticas, intelectuais, emocionais e psicológicas” (Pereiro; Fernandes 2018: 294).

Nalgumas viagens em particular, a diarista exercitou turismo cultural de curiosidade e aprendizagem, por exemplo, quando viajou para tirar cursos de língua e civilização francesas nas universidades de Caen e Strasbourg, experiências relatadas nos DIÁRIO 6, DIÁRIO 7. A turista procurou formação, pela língua e cultura doutro país, pelo seu património cultural, pela sua arte, pelo diferente modo de vida.

Ligada a esta vertente, encontramos também, nos diários em análise, a expressão do turismo cultural como fuga para a alteridade, como escape ao quotidiano, através do encontro com a paz e a tranquilidade em locais religiosos e sítios culturais. Uma das componentes do turismo cultural mais presente nas narrações dos textos viáticos de Maria Irma é, sem sombra de dúvida, a vertente do turismo cultural enquanto peregrinação moderna. O

turismo cultural é percebido como um rito que comemora a cultura como um substituto moderno da religião.

Nos relatos da diarista, esta mostra praticar o mesmo tipo de ritual nas suas visitas culturais a museus e monumentos, espécie de liturgia (escorada na leitura dos guias turísticos disponíveis na sua época), semelhante à praticada nas suas peregrinações religiosas.

Nos textos de viagem em estudo, a narradora-viajante descreve nas suas experiências viáticas integradoras das várias componentes do turismo cultural contemporâneo: a “experiência psicossocial”, descrevendo as suas vivências sensuais (sons, cores, odores, ambiente), sociais (relação com os outros, hospitalidade, bem-estar, segurança, diversões), culturais (eventos, atividades, alojamento, restauração, enriquecimento) e económicas (relação qualidade do serviço-preço, relação custo benefício da experiência, acessibilidades e transportes). Como exprime Xerardo Pereiro, “o turismo cultural é um produto, que contém sensações e experiências emocionais...O consumidor compra, não bens e serviços, mas a vivência de experiências e sensações” (Pereiro; Fernandes 2018: 295). Maria Irma, na compra das suas viagens, obtinha emoções, fuga para a alteridade, apaziguamento espiritual, formação educacional, entre outros. Os discursos viáticos da turista cultural são relatos das suas experiências turísticas e das múltiplas emoções associadas a essas experiências, como teremos ocasião de analisar mais adiante.

Em síntese, nas narrativas viáticas em análise os percursos efetuados são, na verdade, “metáforas de enriquecimento cultural individual, um caminho com provas e fronteiras” (Pereiro; Fernandes 2018: 302) a passar. Maria Irma nas suas múltiplas viagens procurou a “busca da felicidade”, a “plenitude humana”, à maneira dos filósofos gregos, ou mais proximamente à semelhança do humanista Michel Montaigne, isso mesmo deixou esculpido nos seus diários.

### **3.2 Turismo espiritual e turismo religioso**

O turismo espiritual refere-se ao tipo de turismo em que o turista procura, nas viagens, para além dos aspetos de lazer, de ócio e culturais, ligar-se a práticas rituais de cariz místico (Martínez Cárdenas 2011: 29).

O turismo espiritual abarca uma panóplia muito ampla de deslocações por motivações de carácter místico, contemplativo e de modo de vida.

O turismo religioso, por seu turno, é apenas uma das diversas modalidades do turismo espiritual. A peregrinação, nos dias de hoje, deixou de estar associada tão-só ao âmbito religioso e converteu-se num ato secular. Importa lembrar, por exemplo, no presente, as variegadas motivações para peregrinar

até Santiago de Compostela. A peregrinação a santuários é uma expressão do turismo religioso, mas também do turismo espiritual e cultural.

A diarista, Maria Irma Nunes de Sousa, nas suas inúmeras viagens ao santuário de Fátima, saía da sua residência na cidade do Porto e rumava a Fátima para um encontro com o sobrenatural, o divino. Contudo no seu trajeto dedicava-se a atividades turístico-culturais, apreciava a paisagem rural e urbana, o património histórico e monumental, usava os meios de transporte disponíveis (automóvel, comboio, autocarro), os serviços de restauração e alojamento, convivia com os outros viajantes-peregrinos, tão-somente, quando chegava ao santuário, vivenciava uma experiência mais íntima com o sagrado. Fez 23 viagens ao santuário de Fátima, de 1938 a 1973, conforme nos informa neste seu diário.

Na realidade, os peregrinos, na hodiernidade, para além de cumprirem os seus ritos religiosos, assumem comportamentos de índole secular, ligados ao consumo de bens e serviços turísticos no decurso da viagem, bem como nas próprias infraestruturas económicas e turísticas existentes nos santuários. Por conseguinte não se pode considerar que o turismo religioso tenha apenas motivações de origem piedosa, sem qualquer suporte turístico.

Nos dias de hoje, é quase impossível ser um turista estritamente praticante do turismo religioso, movido apenas pelo cumprimento de promessas ao divino, pois o peregrino não consegue chegar ao local de culto sem se apoiar em infraestruturas turísticas (transportes, restauração, alojamento, etc.), ou seja, o turismo religioso é sempre turismo espiritual e cultural.

Para Martínez Cárdenas (2011: 30) o turista espiritual procura a par do fervor religioso uma panóplia de atrativos de tipo artístico, histórico, cultural, social, comercial geradores de bem-estar e de fruição da deslocação.

Xerardo Pereiro apresenta o conceito de turiperegrino (Pereiro 2017) para classificar um tipo de turista semelhante ao turista espiritual de Martínez Cárdenas.

Maria Irma Nunes de Sousa, nos seus relatos viáticos, mostra ter sido uma turista espiritual ou uma turiperegrina nas suas múltiplas viagens ao santuário de Fátima, ao santuário de Lourdes e a vários outros templos.

### 3.3 Peregrinação e turiperegrinação

A peregrinação atualmente, na sua relação com o turismo, ganha novos significados. Está já longe das perspetivas dicotómicas que identificavam a peregrinação com a religião e o sagrado e o turismo com o laico e o profano. Modernamente o turismo e a peregrinação apresentam produtos turísticos



muito similares. Como verbalizam Pereiro e Fernandes (2018: 276) “O turismo implica emoções semelhantes à da peregrinação, ambas são uma prática social de identidades na diáspora, com conexão entre passado e presente (Augé 2003), e ambas, são também, experiências corporais de lugares ancestrais. O turismo, na sua relação com a peregrinação (...), reconfigura o sagrado e cria uma categoria diferente de experiência, a turi-peregrinação”.

A forte ligação da religião e do turismo foi destacada por vários autores (MacCannel 1976; Wolfe 1984; Horne 1984). Na atualidade, o turismo funciona como uma “versão laica moderna” da relação tradicional com o sagrado. O turista contemporâneo é um peregrino moderno que tanto viaja para visitar catedrais, como museus, centros de arte, parques naturais, de diversões, etc. acompanhado por guias turísticos em suporte papel e digital, como se fossem verdadeiros textos religiosos. O turismo transforma a cultura num ritual com as suas “liturgias espaciais” e os seus “templos” atuais (ex: museus, centros culturais, mosteiros, catedrais, etc.) (Pereiro; Fernandes 2018: 275).

O acervo de diários de viagem de Maria Irma Nunes de Sousa serve de ilustração prática da turiperegrinação, nomeadamente, as narrativas dos DIÁRIO 1, DIÁRIO 2, ÁLBUM-DIÁRIO 1 e vários relatos do DIÁRIO 8. Os DIÁRIOS 4, 5, 7, 9 congregam narrativas de práticas de turismo cultural, mas também de turiperegrinação. Neste arquivo pessoal, a turiperegrinação é, sem a menor sombra de dúvida, o motor de inúmeras deambulações. Os seus diários de viagem são recontos das pós-experiências viáticas gravadas — primeiramente, na sua memória, secundariamente, durante as viagens, nos seus apontamentos e, num terceiro momento, no descanso e distanciamento do seu lar — narrativas essas construídas meticulosamente pela viajante-escrevente. Todos eles são exemplos paradigmáticos da interconexão existente entre a peregrinação e o turismo cultural, uma vez que as suas viagens obedecem a motivações e rituais religiosos de cumprimento de promessas, de pedido de ajuda a um ente divino, e, simultaneamente, no decurso das viagens do seu domicílio aos santuários a turiperegrina é também e sempre uma turista cultural, uma vez que obrigatória e ritualmente percorria com o mesmo fervor e entusiasmo os lugares históricos e monumentais mais significativos do património do centro do país e dos países visitados com que calcorreava os marcos simbólicos da via sacra dum qualquer santuário e participava nas cerimónias religiosas ritualizadas.

As palavras da diarista, no fecho do relato da 2.<sup>a</sup> turiperegrinação a Fátima, incluída no presente diário, manifestam claramente as suas triplas motivações: espirituais, religiosas, culturais:

A impressão desta peregrinação – excursão, foi boa, não só pela piedade de que se revestiram todas as cerimónias realizadas em Fátima, mas

também, pelas obras d' arte e belezas naturais que me foi dado admirar, através deste nosso Portugal tão lindo! (DIÁRIO 1: p. 13).

Nas 23 viagens efetuadas ao santuário de Fátima, de 1938 a 1973, a diarista deslocou-se em grupo organizado, em família, com amigas ou sozinha. Em 14 viagens, foi turiperegrina, porquanto passou uma noite ou mais num alojamento coletivo ou num alojamento privado no local visitado (Cunha; Abrantes 2013: 7). Em 9 fez apenas visitas ou excursões dalgumas horas ou de um dia. Nessas visitas mais curtas, Maria Irma foi excursionista, para usar o termo adotado pela ONU (1993) e pela OMT (1994). Em todas as suas viagens, praticou “turismo doméstico ou interno” (Cunha; Abrantes 2013: 9), tendo pernoitado, nas turiperegrinações, num alojamento próximo do santuário.

Como já referimos, as motivações das suas peregrinações a Fátima eram espirituais e culturais, pois, para além dos aspetos pios, procurava bem-estar, paz interior, um antídoto ao cansaço profissional, etc. Como a narradora-viajante esclareceu, na 18.<sup>a</sup> turiperegrinação, presente na edição abaixo apresentada, ia a Fátima não só para orar, mas também “para descansar um pouco do exaustivo trabalho do meu labor profissional”.

Em síntese, a escrevente do DIÁRIO 1 era uma turista cultural que praticava turiperegrinação (Pereiro 2017: 1471), dado que, nas suas deslocações ao santuário mariano, como dissemos, congregava o ato religioso de deambular até um lugar sagrado (Fátima), com o ato secular de viajar e de praticar turismo cultural, admirando a paisagem natural, em locais como: a “ria de Aveiro”, as “montanhas da Beira”, (2.<sup>a</sup> turiperegrinação); o património histórico-cultural, no “Museu de Arte de Aveiro”, na “Igreja de Jesus”, no “mosteiro da Batalha”, ou ainda no “Castelo de Leiria” (2.<sup>a</sup> turiperegrinação). Importa mencionar que estes e outros locais paisagísticos, históricos e culturais indicados, nas várias viagens a Fátima, eram os mais emblemáticos, os mais divulgados e propagandeados turisticamente pelos organismos tutelares do turismo, da comunicação social e da ação cultural do Estado Novo. Aludimos concretamente aos discursos construídos e difundidos pelo Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) e, posteriormente, pelo Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo (SNI), que utilizavam vocabulário e expressões exageradamente encomiásticos, que assomam com frequência no discurso da diarista. Atente-se nas expressões: “paisagem pitoresca” (Coimbra) [P. 22], “lindos prados verdes” [P. 22], “a antiga cidade que se ergue em anfiteatro” [P. 22], “através deste nosso Portugal tão lindo!” [P. 13], “grandioso Mosteiro visitado” [P. 25]. Nos discursos do DIÁRIO 1 “Portugal – Fátima”, ecoam os estereótipos do turismo nacional, com a promoção do litoral, das cidades e dos monumentos representativos da história pátria, engrandecendo as personagens históricas, representadas pelos grandes heróis da nação pre-

sentes nos discursos do diário nas formas: “D. Pedro, Princesa Santa Joana; (D. João I) 4 dos seus filhos, Afonso, D. Afonso Henriques, antepassados, D. Afonso V, D. Dinis e D. Isabel, D. Filipa de Lencastre, D. Fuas Roupinho, D. Henrique, D. Inês de Castro, D. João, D. João II, estátuas jazentes, filha de D. Afonso V, filho, foi coroado rei de Portugal, Henriques, heróis ignorados, João I, príncipe D. Afonso, Santa Rainha Isabel de Aragão, valor dos nossos”, todo este vocabulário recupera o discurso historiográfico tradicional construído pelo regime autoritário.

No próximo capítulo, procedemos à edição do DIÁRIO 1: “Portugal – Fátima” e à respetiva análise numa abordagem interdisciplinar (histórica, turística, discursiva) é, a nosso ver, importante, porque permite, entre outros aspetos, fazer um acompanhamento da turistificação do santuário de Fátima.



## CAPÍTULO 4

### EDIÇÃO DO DIÁRIO 1: “PORTUGAL – FÁTIMA” (1938-1973)

#### 4.1 Descrição do DIÁRIO 1: “Portugal – Fátima”

Como mencionámos, um texto viático é um género discursivo de pendor autobiográfico, escrito na 1.<sup>a</sup> pessoa. Trata-se dum género discursivo no qual o “eu” reflete sobre vários temas, deixando assomar as suas emoções, sentimentos e cogitações, sobre os outros, sobre a sua cosmovisão, partindo sempre do seu ponto de vista, encontrando-se integrado numa situação pessoal e familiar, numa circunstância histórica e sociocultural.

Como referimos anteriormente, todas as viagens da diarista ao santuário de Fátima foram peregrinações com um cunho religioso e concomitantemente viagens turístico-culturais, por isso mesmo classificadas por nós de turipe-regrinações (Pereiro 2017).

Para a feitura manuscrita do DIÁRIO 1, a diarista empregou materiais simples, contudo perduráveis do ponto de vista da sua permanência para o futuro. Fabricou cadernos com papel de desenho de gramagem espessa (130 gramas) e gravou os seus discursos usando um instrumento habitual: a esferográfica de tinta azul. A escolha do uso da tinta azul da esferográfica em detrimento da caneta de tinta permanente, foi uma excelente opção, porque a mancha gráfica no papel é muito mais inalterável e durável, com o decurso do tempo, pois não provoca manchas de tinta no papel.

Quanto à composição gráfica, a viajante-escrevente sublinhou as datas de quase todas as viagens a crayon de cor vermelho e circundou, com o mesmo lápis de cor vermelho, os mais de 50 recortes de imagens retiradas, por certo de prospectos turísticos, e coladas no diário. No final de cada narrativa viática, assinou com a sua rubrica (Maria Irma).

O presente diário foi elaborado manualmente e ligado com uma sirgaria de cor verde. O papel utilizado foi de desenho de tamanho A4 dobrado, sendo o diário composto por 20 folhas de papel A4, dobradas ao meio o que perfaz 40 folhas e 80 páginas. Estão preenchidas cerca de 70 páginas.

A capa do original foi também elaborada artesanalmente, com papel reciclado a cores, com reproduções de imagens desenhadas das montanhas e aldeias suíças de Wengen, Wengernalp, Kleine Scheidegg, entre outras, com neve, com o teleférico e a informação das respetivas altitudes. Sobre esse papel, na frente da capa exterior, estão colados recortes com os nomes “Portugal” e “Fátima”, bem como uma ilustração dum vitral com um anjo a segurar uma moldura dum santo. No verso, ocorre apenas o papel colorido das montanhas alpinas suíças.

A capa interior foi revestida dos dois lados com outro papel reciclado. Trata-se dum calendário duma revista turística ou dum prospecto turístico,

com paisagens suíças, tal como o anterior. Na capa interior do lado esquerdo, colou um postal-fotografia a preto e branco de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima, reenviando para as viagens efetuadas ao santuário de Fátima. Nota-se mais uma vez na decoração do diário a junção do profano (paisagens suíças) e do religioso (imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima e anjo).

A feitura manual do diário e a sua escrita necessitaram de muito tempo da parte da escrevente-artesã, porquanto o rascunho gravado durante a viagem, na sua agenda ou caderno, foi reescrito e passado a limpo para o original manuscrito cuidadosamente, em momentos posteriores à realização das turiperegrinações, isto é, no momento da pós-experiência e da rememoração da mesma. A narradora-viajante efetuava as suas viagens, sobretudo, as mais longas nos meses de verão, agosto e setembro, compondo e finalizando a reescrita dos diários, no seu lar, nos meses de setembro e outubro, como atestam as datas de encerramento de vários diários (DIÁRIO 2, DIÁRIO 5, DIÁRIO 6).

A elaboração manuscrita dos diários era acompanhada por várias pesquisas de informes histórico-culturais coletados pela autora em livros de história nacional e em guias turísticos divulgados na época. As descrições detalhadas dos monumentos históricos (Igreja de Jesus, Mosteiro da Batalha, Castelo de Leiria), dos sítios turísticos, tais como: Portugal dos Pequenitos, Jardim da Sereia (Coimbra), locais que careciam duma consulta dos assuntos tratados pela precisão demonstrada pela diarista. A parte imagética apoiou-a na seleção de imagens dos locais turísticos visitados, bem como na de imagens religiosas representativas da religiosidade do santuário mariano.

Ademais, a confecção manual dos diários originais e o seu registo escrito necessitou duma planificação cuidada, assim como duma textualização e retextualização dos mesmos alicerçadas nos bosquejos apontados nas suas agendas, no decorrer dos percursos.

A título de exemplo, a narradora-viajante, na 8.<sup>a</sup> turiperegrinação, referiu esses seus rascunhos: “munida dos apontamentos necessários” [P. 31]. Essas notas preliminares eram complementadas, em casa com o devido tempo, com as leituras e os “objetos portadores do valor de recordação” (Paulino 2010), dando como resultado final o DIÁRIO 1 “Portugal – Fátima”.

## 4.2 Normas de edição

Decidimos efetuar uma edição o mais rigorosa possível. Para tal mantivemos a ortografia, a acentuação, os erros involuntários, emendando-os em nota de rodapé. Optamos por este tipo de edição para permitir que investigadores da área da linguística possam pegar neste texto e analisá-lo, por exemplo, numa abordagem ortográfica.

Porém como quisemos que, qualquer leitor letrado pudesse usufruir deste texto, acrescentamos alguma pontuação, esquecida pela autora, anotando em rodapé essa ausência. Desdobramos as abreviaturas utilizadas. Numeramos as páginas, pois no original não estão numeradas. Colocamos legendas nas imagens, quando estas não existem no manuscrito.

Numeramos e classificamos as várias turiperegrinações e visitas por ordem cronológica, a ordem seguida no original.

Tentamos manter a composição gráfica escolhida pela diarista, mantendo a disposição de todos os recortes introduzidos no texto pela diarista, sublinhamos as palavras ou datas que aparecem contornadas manualmente a lápis vermelho pela viajante-escrevente.

#### 4.2.1 Edição do DIÁRIO 1: “Portugal - Fátima”

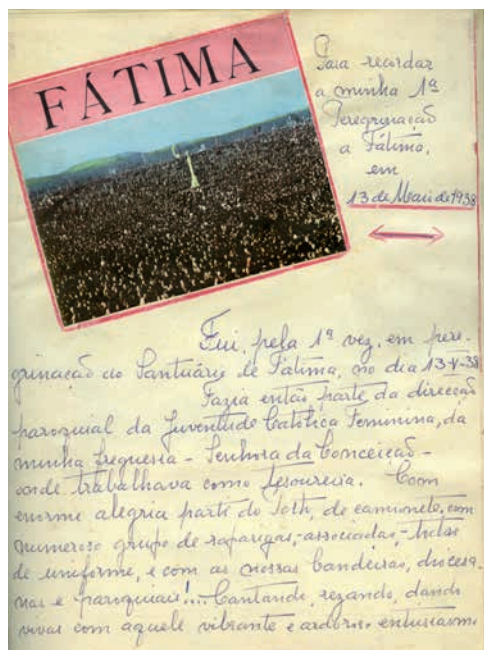


Figura 2: capa exterior do diário



## 1.ª Turiperegrinação a Fátima

[P. 1]



**Figura 3:** início do relato da 1.ª peregrinação a Fátima

Para recordar  
a minha 1.ª  
Peregrinação  
a Fátima,  
em  
13 de Maio de 1938

Fui, pela 1.ª vez, em peregrinação ao Santuário de Fátima, no dia 13-V-38.<sup>3</sup>

Fazia então parte da direcção paroquial da Juventude Católica Feminina, da minha freguesia – Senhora da Conceição – onde trabalhava como tesoureira. Com enorme alegria parti do Porto, de camioneta, em numeroso grupo de raparigas, - associadas, - todas de uniforme, e com as nossas bandeiras, diocesanas e paroquiais!... Cantando, rezando, dando vivas com aquele vibrante e ardoroso entusiasmo

<sup>3</sup> Sem ponto final no original, após a data. Esquecimento da escrevente.

[P. 2]

tão próprio da mocidade, chegámos a Coimbra, onde pela 1.<sup>a</sup> vez parámos para almoçar.

Ninguém recorreu a hotel ou restaurante; todas, munidas de farnel, nos dirigimos ao Jardim Botânico, confraternizando alegremente!



**Figura 4:** recorte duma imagem da Fonte da Nogueira no Jardim da Sereia, Coimbra

Seguimos para a Batalha, de visita ao mais notável dos monumentos de Portugal! Deslumbrada com o maravilhoso rendado da sua pedra branca, - já amarelecida pelos séculos e tão artisticamente trabalhada -, tudo percorri: à direita,

[P. 3]



**Figura 5:** recorte da imagem do Mosteiro da Batalha

a Capela do Fundador, onde estão sepultados D. João I e D. Filipa de Lencastre, em dois túmulos com as suas estátuas jacentes, de mãos dadas; à volta, estão os restos mortais de 4 dos seus filhos: D. Pedro, D. Henrique, D. João e o Infante Santo, D. Fernando, que morreu mártir em África. Segundo as inscrições também ali se encontram sepultados, D. Afonso V, D. João II e o príncipe D. Afonso, filho deste último.

[P. 4]

Visitei a Sala do Capítulo, onde, em campa rasa, se encontram sepultados dois soldados desconhecidos, - um morto em África, outro em França – símbolo de tantos heróis ignorados que deram a vida pela Pátria, durante a 1.<sup>a</sup> Guerra Mundial! (1914-18).

Depois de por eles orar, admirei a abóbada que cobre esta vasta sala, - abóbada sem o menor apoio, - considerada grande maravilha da arquitectura daquela época.

Algumas obras deste mosteiro mandado erigir por D. João I em Acção de Graças pela vitória da batalha de Aljubarrota, não chegaram a concluir-se, encontrando-se neste numero<sup>4</sup> as capelas destinadas a jazida real, que são conhecidas por Capelas Imperfeitas.

Maravilhada com tudo quanto vi, voltámos às camionetes, seguindo para a Cova da Iria. Algumas raparigas, de saúde mais robusta, seguiram a pé, desde a 1.<sup>a</sup> estação da Via-Sacra.

---

<sup>4</sup> Sem acento no original, por esquecimento.

[P. 5]

Lá, no Hospital, ainda em construção, uma sala estava reservada para a Juventude Católica Feminina da diocese do Porto. Lá guardámos as malas, correndo à Capela das Aparições a fazer as nossas preces à Mãe do Céu! A Cova, - recinto pedregoso e enlameado pelas chuvas recentes – encontrava-se já com grande multidão, vendo-se numerosos penitentes de joelhos, à volta de pequenino templo em cumprimento de votos feitos em horas aflitivas!...



**Figura 6:** recorte com imagem da multidão no santuário de Fátima

A procissão de velas foi imponente manifestação de fé, não se podendo formar alas naquela multidão compacta! Exposto solenemente o Santíssimo Sacramento, começou a vigília nocturna, com turnos de Adoração para cada diocese.



[P. 6]

Já madrugada, e exausta de cansaço e emoção, recolhi – com outras raparigas – à sala do Hospital que nos foi destinada. Esta, ainda em obras, tinha o pavimento coberto de fitas e bocados de madeira. Afastados, os que mais magoavam o corpo, no chão nos deitámos, com a maleta a servir de travesseira, alumando-me um tóco de vela, colado a uma parede incompleta. Assim se passaram algumas horas, mesmo sem dormir e com bastante sacrifício.

De manhã, principiaram as cerimónias das grandes peregrinações, cerimónias emocionantíssimas, com a presença de todo o Episcopado Português, em cumprimento dum voto nacional.



**Figura 7:** recorte com imagem do episcopado no santuário de Fátima

[P. 7]

A bênção dos doentes com as suas habituais e comovedoras invocações e a procissão de Nossa Senhora, - cujo andor era conduzido por cadetes da Escola de Guerra, - deixaram-me inexprimíveis sentimentos de grande emoção!



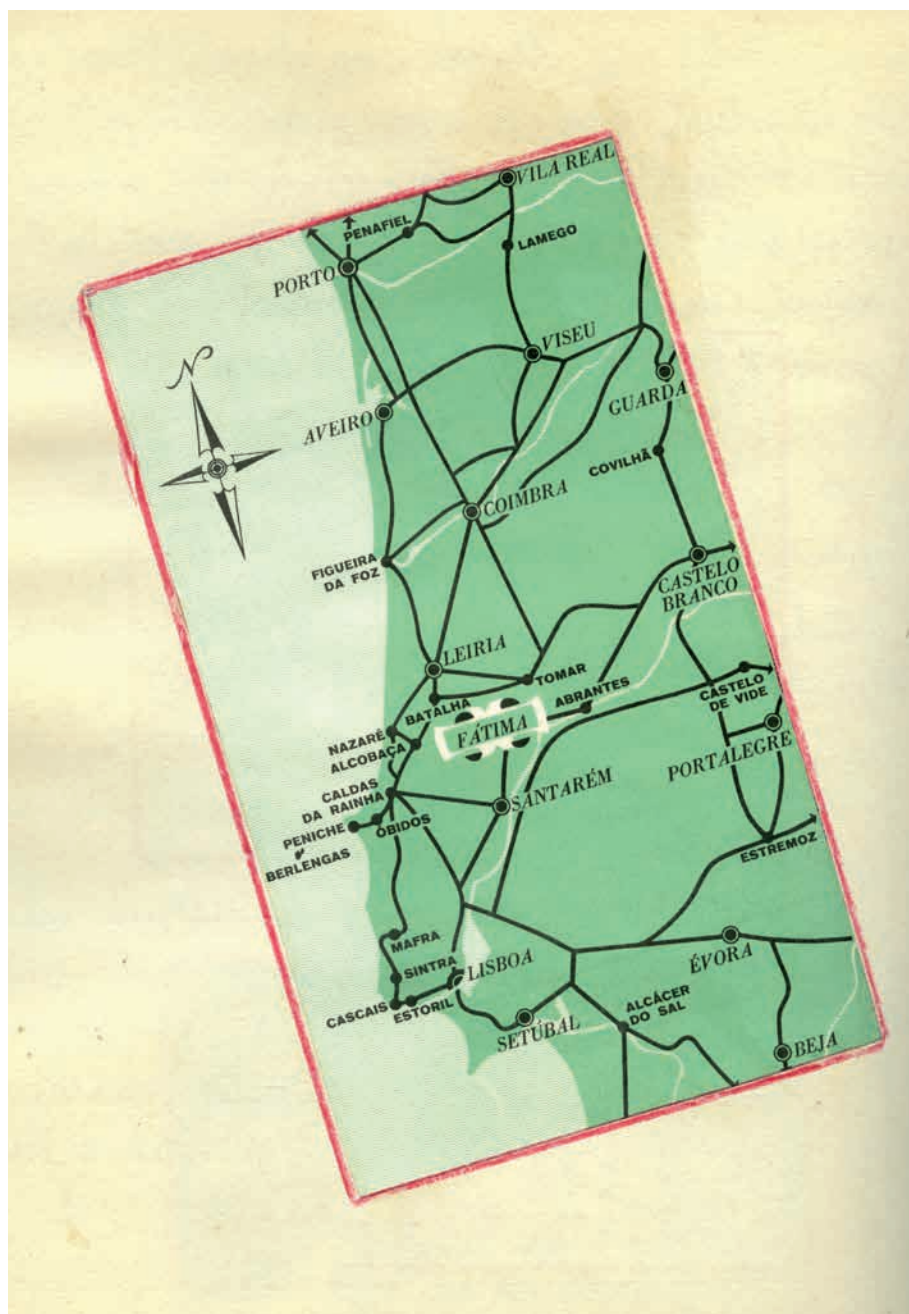
**Figura 8:** recorte com imagem da bênção dos doentes no santuário de Fátima

Praticamente, em silêncio, regressei ao Porto, meditando a mensagem de Penitência e Oração, que Nossa Senhora, - falando aos 3 pastorinhos da Serra de Aire, - transmitiu a todos os corações inflamados e no Amor a Jesus!

Maio de 1938

Maria Irma

[P. 8]



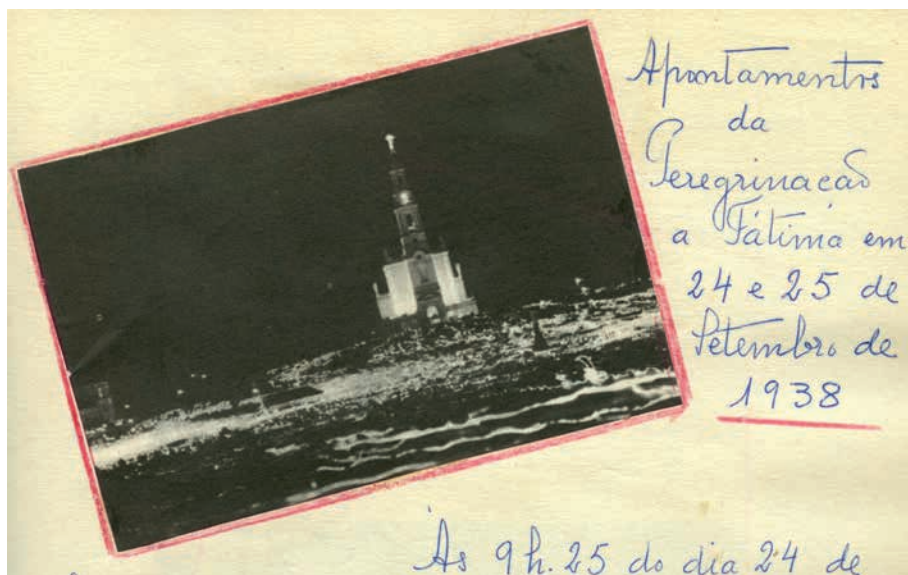
**Figura 9:** página com um recorte do mapa sinalizando Fátima

[Esta página surge entre o fim da 1.<sup>a</sup> e o início da 2.<sup>a</sup> peregrinações].



## 2.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 9]



**Figura 10:** recorte com imagem da multidão em Fátima à noite

Apontamentos  
da  
Peregrinação  
a Fátima em  
24 e 25 de  
Setembro de  
1938

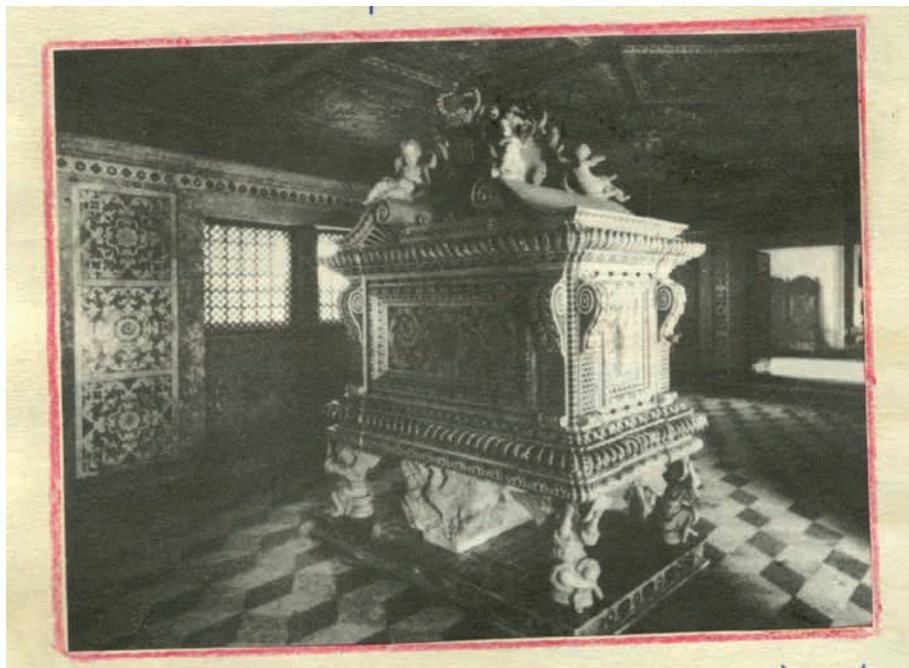
Às 9 horas 25 do dia 24 de Setembro de 1938, após a Santa Missa celebrada na Igreja dos Congregados, partimos de S. Bento, em comboio especial, directos a Aveiro, onde desembarcámos às 11h, 30.

Aveiro é uma cidade atraente, repleta de beleza natural, sendo maravilhoso o cenário que a ria nos oferece com os seus numerosos canais! Dum lado, vêem-se as montanhas da Beira, e do outro, lindas praias do Atlântico, deslumbrando pela singular beleza da sua paisagem! Aqui visitámos o seu museu de arte, de grande valor, e a Igreja de Jesus,

[P. 10]

antigo convento onde foi noviça e morreu, a princesa Santa Joana, filha de D. Afonso V.

Aí se encontra o túmulo e um cofre contendo relíquias suas.



**Figura 11:** recorte duma imagem do túmulo de Santa Joana

De camionete, seguindo por uma estrada sobre a ria fomos às praias da Costa Nova e da Barra, situadas a 9Km de distância da cidade, admirando de passagem – em vasta área – as marinhas de sal, com os seus milhares de cones de imaculada alvura!

Regressando à cidade, almoçámos, após o que, às 15<sup>h</sup>, 15 retomámos

[P. 11]

o comboio a caminho de Leiria, onde chegámos às 17,50.

Na estação esperavam-nos camionetes devidamente alinhadas e numeradas que nos conduziram à Cova da Iria, onde ficámos alojadas na “Pensão Sagrada Família”.

Findo o jantar reuniram-se os peregrinos na Capela Penitenciária, dando início as cerimónias próprias – impregnadas do maior recolhimento e grande fervor – que terminaram no dia seguinte como habitualmente.

Depois do almoço, de camionete, partimos para a Batalha de visita ao histórico mosteiro, tão conhecido, mas sempre merecedor de voltar a ser admirado em longa visita!

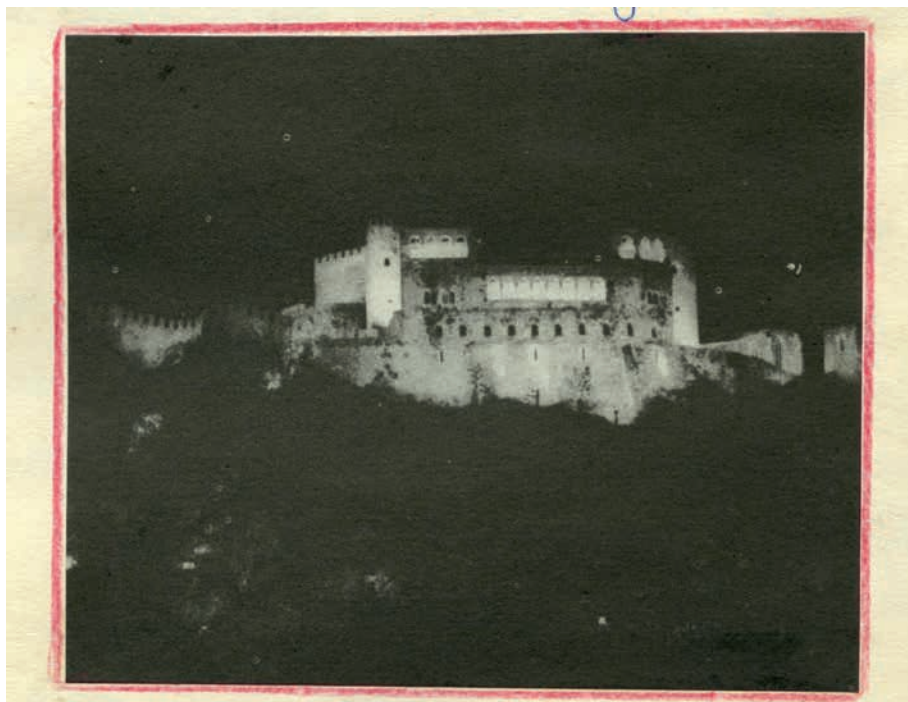


**Figura 12:** recorte do Mosteiro da Batalha

[P. 12]

Ainda sob o encanto de tão notável obra d'arte, seguimos para Leiria, a pequena mas bonita cidade assente no vale do rio Lis.

De passagem pelo mercado, fizemos aquisição de algumas frutas; em seguida subimos ao histórico Castelo, antigo Paço Real, outrora habitado por D. Dinis e D. Isabel – a Santa Rainha Isabel de Aragão.



**Figura 13:** recorte duma imagem do castelo de Leiria à noite

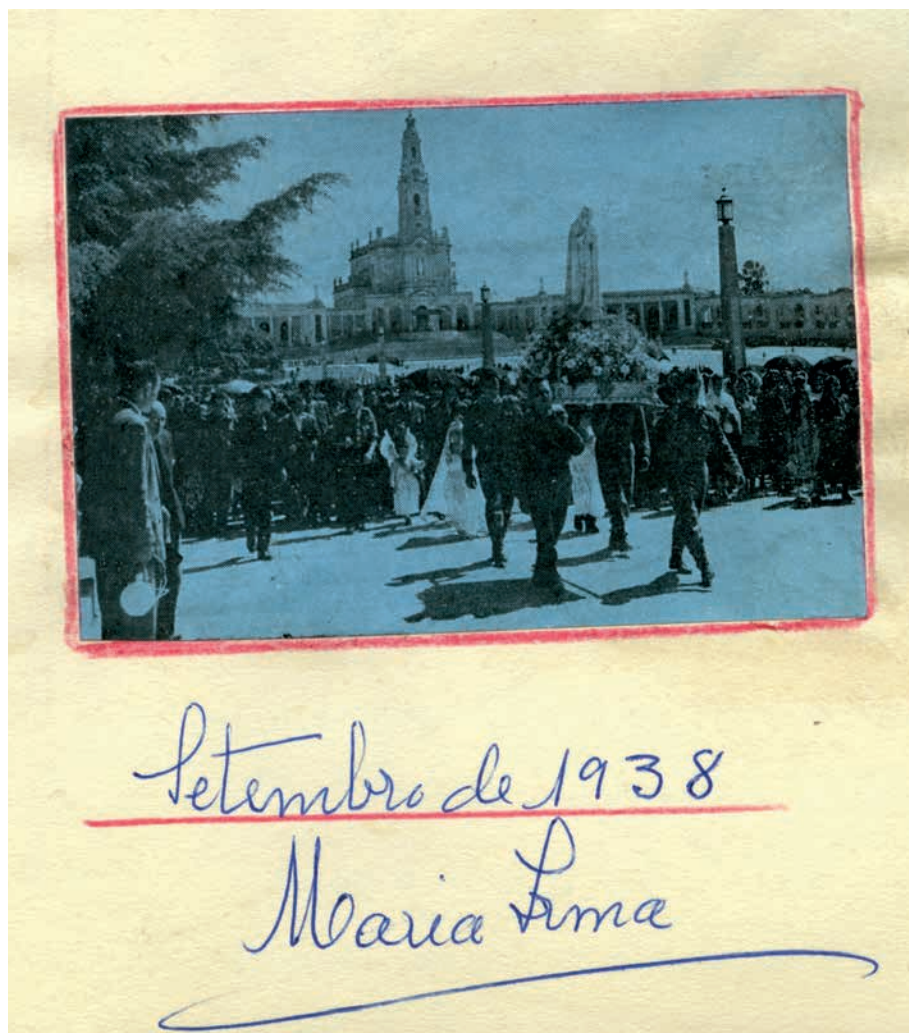
Depois duma volta pela cidade, dirigimo-nos à estação do caminho de ferro, tomando às 19 horas o comboio de regres-



[P. 13]

so ao Porto.

A impressão desta peregrinação – excursão, foi boa, não só pela piedade de que se revestiram todas as cerimónias realizadas em Fátima, mas também, pelas obras d'arte e belezas naturais que me foi dado admirar, através deste nosso Portugal tão lindo!



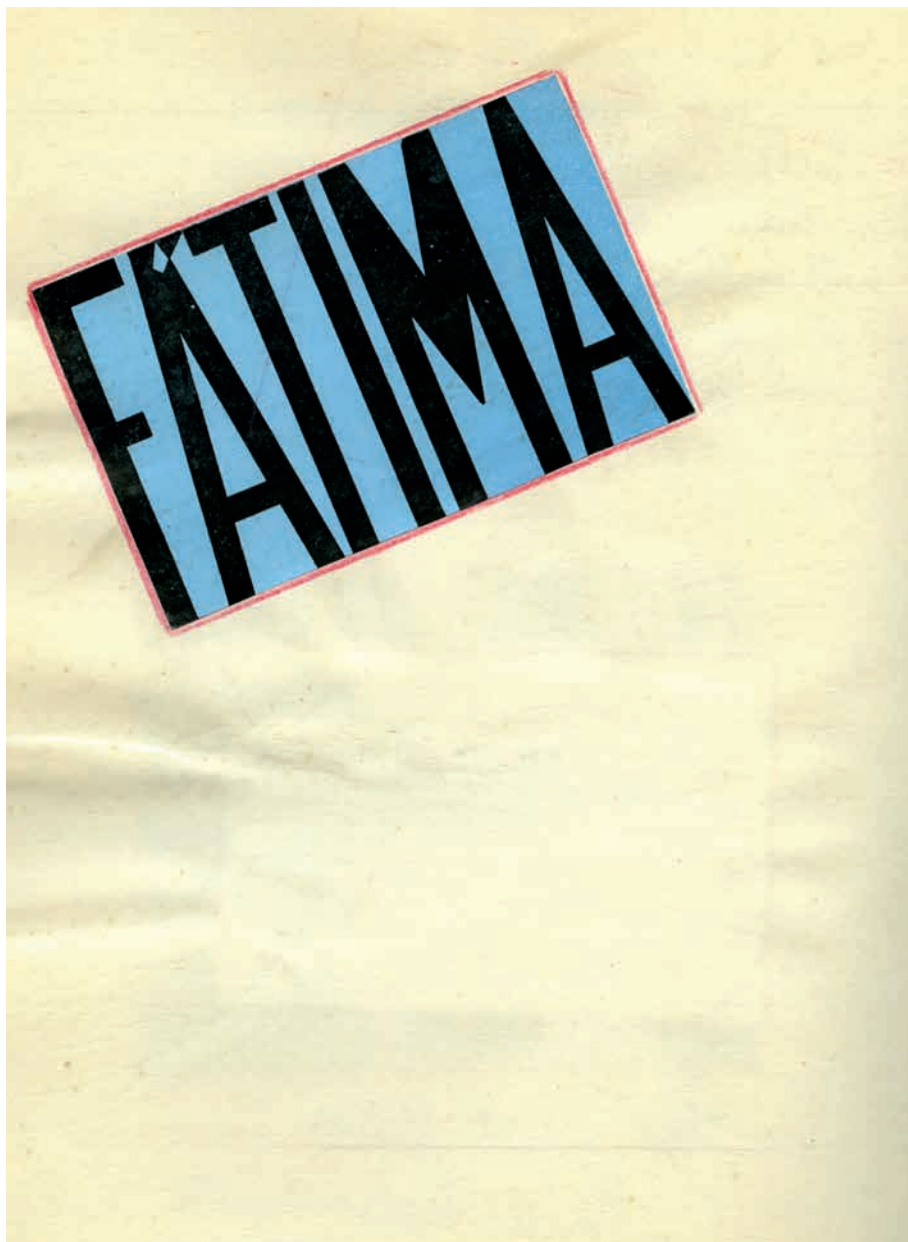
**Figura 14:** recorte duma imagem da procissão de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> em Fátima

Setembro de 1938

Maria Irma

### 3.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 14]



**Figura 15:** página com um recorte do nome Fátima

[Página a anunciar o fim da 2.<sup>a</sup> e o início da 3.<sup>a</sup> peregrinações].

[P. 15]



**Figura 16:** recorte da imagem do Santuário de Fátima

Algumas  
recordações  
da Peregrinação  
a Fátima  
de 9 a 10 de  
Setembro  
de 1939

Com o fim de orar pela Paz,

e implorar à Santíssima Virgem que mantenha Portugal longe da guerra que abala o mundo, fomos em Peregrinação a Fátima, nos dias 9 e 10 de setembro de 1939.

Às 8 horas celebrou-se Missa nos Congregados, comungando a maioria dos peregrinos. Em seguida, partimos de comboio especial, parando em Coimbra, onde dispusemos de 2 horas para almoçar e uma volta pela cidade. Visitámos a Sé Velha, histórica igreja de estilo Românico, onde o Mestre de Avis foi coroado



[P. 16]

Rei de Portugal. Às 14<sup>h</sup>, 50, seguimos para Leiria esperando-nos camionetes que nos levaram ao Mosteiro da Batalha, visita obrigatória, - sempre com o maior agrado, - de todos os que se dirigem a Fátima.

Aqui, hospedamo-nos na “Pensão Sagrada Família”. Às 23<sup>h</sup>, 30 deu-se início às habituais cerimónias com a procissão de velas, adoração nocturna ao Santíssimo Sacramento, rematando, no dia seguinte, com a Missa Solene e a procissão do “Adeus”. Após o almoço partimos para Alcobaça de visita ao histórico Mosteiro cujo interior é de



**Figura 17:** recorte duma imagem do Mosteiro de Alcobaça

[P. 17]

grandiosa beleza arquitectónica. Na Capela dos túmulos se vêem os sarcófagos de D. Pedro e D. Inês de Castro, preciosas esculturas com baixos relevos alegóricos.

Este Mosteiro de enormes proporções foi residência permanente de mais de 1.000 monges sendo também merecedores de admiração os seus grandes refeitório e cozinha, onde se assavam bois inteiros!.... Data da fundação da nossa nacionalidade, tendo sido doado por D. Afonso Henriques, quando da conquista de Santarém, aos moiros.

Gostei imenso desta visita, aliás pou-



1939

**Figura 18:** recorte com uma imagem do interior do Mosteiro

[P. 18]

co demorada para o muito que havia a ver e admirar!

Daqui seguimos para a Nazaré praia de inconfundível pitoresco que lhe confere a primazia sobre qualquer outra. Havia festa na terra tendo assistido com imenso agrado ao “Cortejo do Mar”. Subimos ao “Sítio” e deste esplêndido miradouro gosei o soberbo espectáculo do mar, de ondas encapeladas, mar de um azul magnífico<sup>5</sup>, cuja vista encanta e deslumbra!

Visitei o Museu de Arte Sacra e a Capelinha da Memória, mandada erigir por D. Fuas Roupinho, em cumprimento dum voto.

Às 18 horas, partíamos de camionete para a estação do Valado, onde tomámos o comboio que nos trouxe para o Porto, bastante fatigadas, mas satisfeitas com a boa ordem com que se realizaram todas as cerimónias da peregrinação e o programa da excursão.

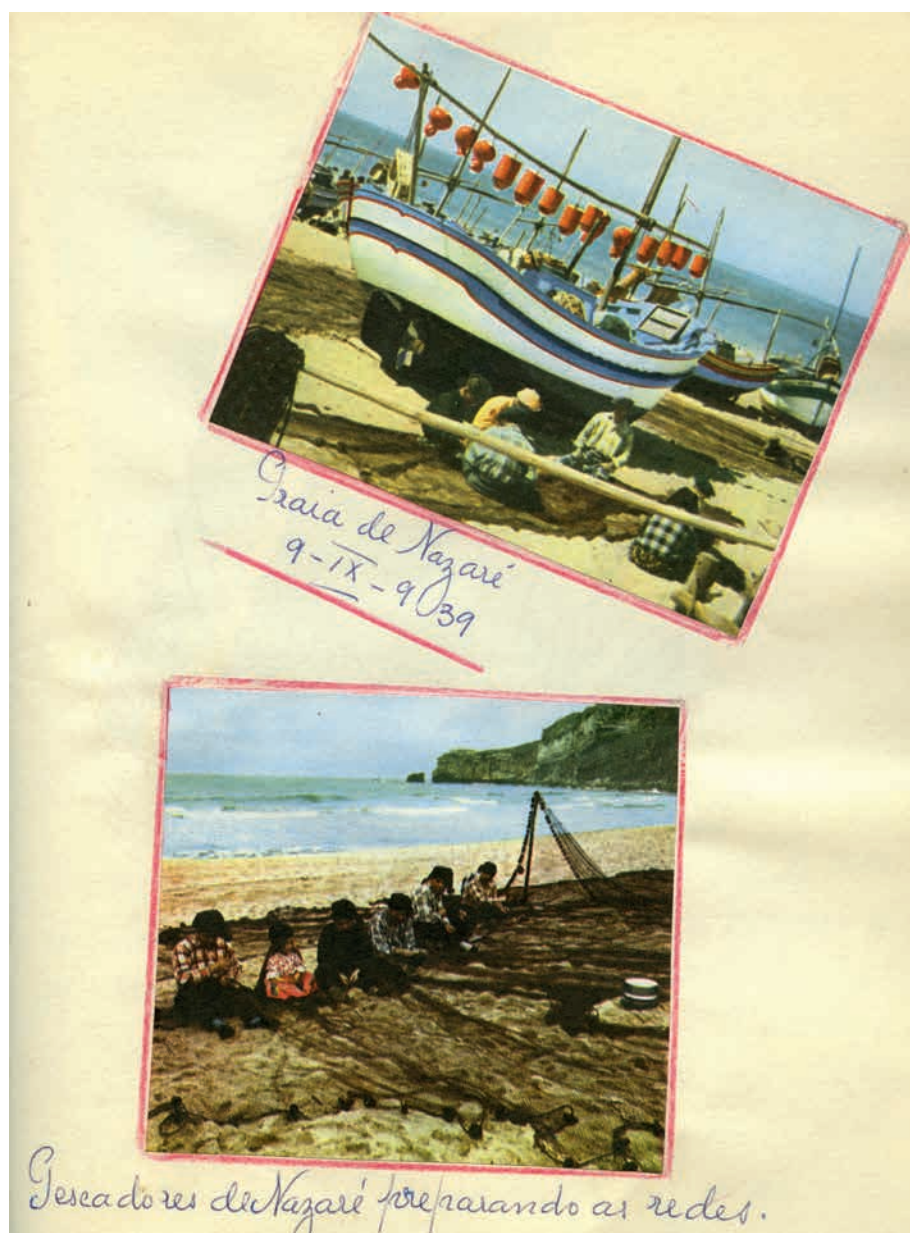
Setembro de 1939

Maria Irma

---

<sup>5</sup> Sem acento no original.

[P. 19]

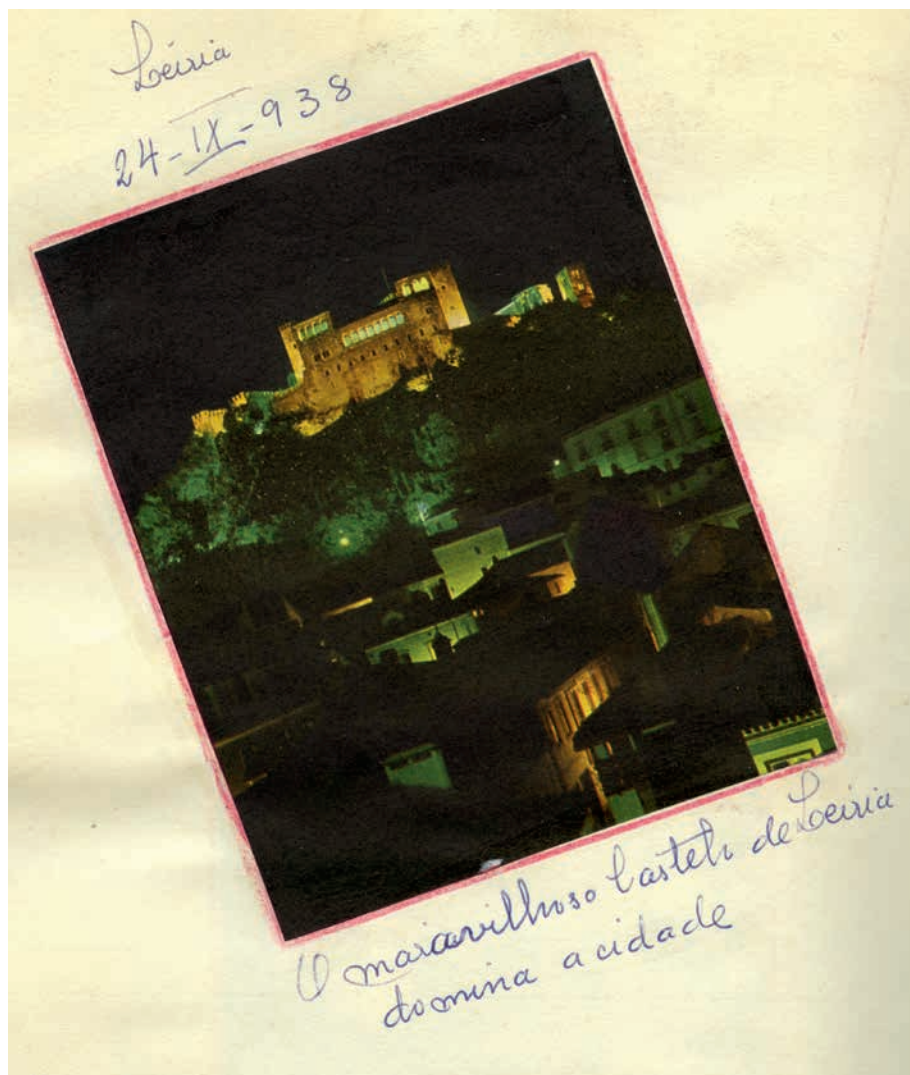


**Figura 19:** imagens com legendas da autora: “Praia da Nazaré 9-IX-939” e “Pescadores de Nazaré preparando as redes”

[P. 20]

Leiria

24-IX-938



**Figura 20:** legenda da autora: “O maravilhoso Castelo de Leiria domina a cidade”

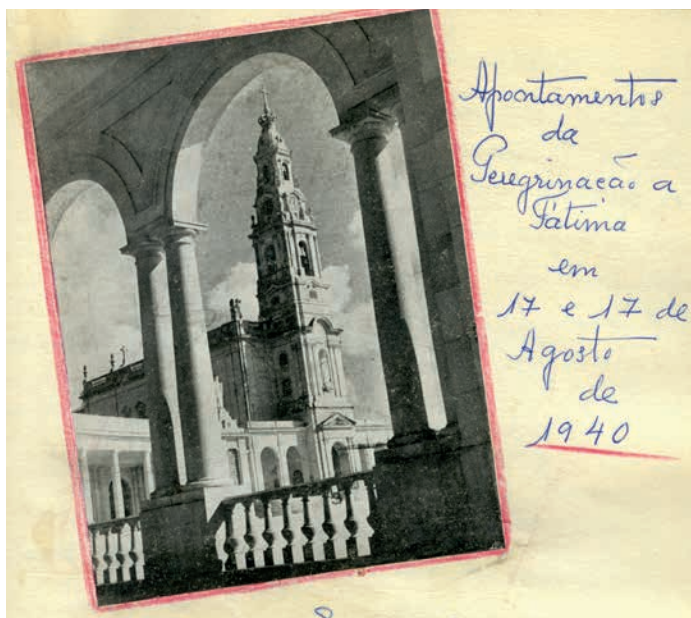
[Página a anunciar o fim da 3.<sup>a</sup> e o início da 4.<sup>a</sup> peregrinações].

[Folha em branco que foi preenchida com imagens para encher o espaço em branco, a data é do ano anterior (1938), não sabemos por que razão, uma vez que a página antecedente tem a data de 1939].



#### 4.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 21]



**Figura 21:** recorte com imagem do Santuário de Fátima

Apontamentos  
da  
Peregrinação a  
Fátima  
em  
17 a 17<sup>o</sup> de  
Agosto  
de  
1940

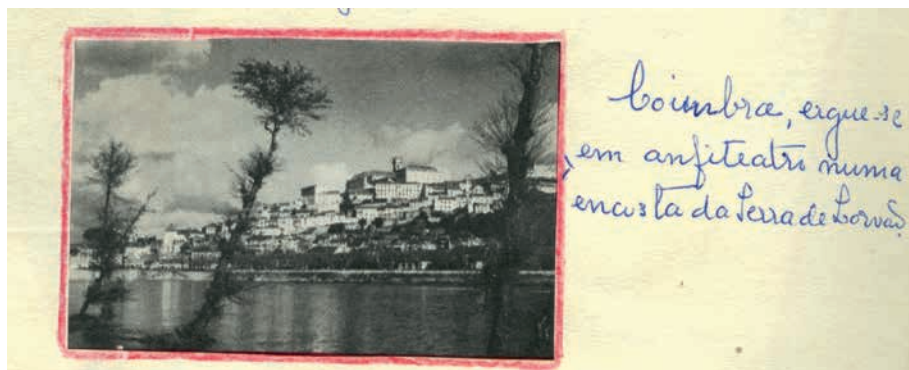
Em comboio especial, partimos da estação de S. Bento, - às 13<sup>h</sup>, 15 -, de sábado, 17 de Agosto de 1940. Todo o percurso é rico em beleza paisagística<sup>7</sup>. Miramar, Aguda, Granja e Espinho, - lindas praias, com elegantes e aristocráticas moradias cercadas de jardins!...A barrinha de Esmoriz; Ovar, e por aí adiante, tudo encanta o olhar!... Ao chegar a Aveiro, já a ria com os

<sup>6</sup> Engano da escrevente deveria ser 18.

<sup>7</sup> Tem o acento erradamente no primeiro i.

[P. 22]

seus inúmeros canais, prende a atenção! Barcos moliceiros, salinas, lindos prados verdes tudo se vai avistando com gosto! Atravessando a região da Bairrada, chegamos a Coimbra, a antiga cidade que se ergue em anfiteatro numa encosta da Serra de Lorvão. A paisagem que a rodeia é pitoresca,



**Figura 22:** legenda da diarista: “Coimbra, ergue-se em anfiteatro numa encosta da Serra de Lorvão”

abundando as matas de choupos e cedros seculares banhados pelo romântico Mondego!

Tudo foi visto, apreciado, e recordado, (- de outras visitas com mais demora à terceira cidade do país -) da janela do comboio, onde, sempre de pé, procurava nada perder da beleza paisagística<sup>8</sup>, já muito conhecida, mas sempre admirada!

Assim chegamos às 17 horas à estação de Chão de Maçãs, onde nos apeámos. Devidamente alinhadas e numeradas, ali nos espe-

---

<sup>8</sup> Tem o acento erradamente no primeiro i.

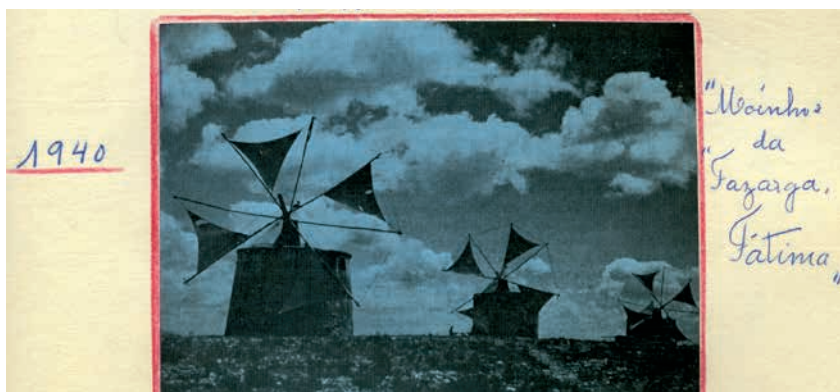


[P. 23]

ravam as camionetes que nos conduziram à Cova de Iria. Ficámos alojadas na “Pensão Católica”<sup>9</sup>; o quarto tinha bastantes deficiências, mas a alimentação foi boa.

Depois do jantar todos os peregrinos se reuniram na Capela das Aparições, organizando-se às 23 horas a procissão de velas, cuidadosamente formada, em duas alas. Fervorosamente se rezou, e piedosamente se entoaram lindos canticos<sup>10</sup> à Virgem Nossa Senhora!...À meia-noite deu-se início à adoração ao Santíssimo Sacramento, encerrando-se com a Santa Missa e Comunhão. Pelas 3 horas, de Domingo, recolhemos à “Pensão” procurando o descanso de algumas horas.

Às 8 horas celebrou-se outra Missa com



1940

**Figura 23:** legenda da autora: “Moinhos da Fazarga, Fátima”

<sup>9</sup> No original, a diarista esqueceu-se de fechar as aspas.

<sup>10</sup> A autora esqueceu-se de colocar o acento circunflexo.

[P. 24]

Comunhão, para aqueles que não comungaram no fim da Adoração, formando-se no fim a procissão com a imagem de Nossa Senhora.

Às 9 horas principiou a Missa Solene, com sermão, após o que se fez a procissão de retorno para a Capela das Aparições.

Seguiu-se tempo livre até a hora de almoço aproveitando-o, cada um, segundo a sua vontade, no geral, na aquisição de algumas lembranças.

Às 15 horas depois do “Adeus à Virgem” – adeus sempre saudoso e como-vido – retomámos os autocarros para Chão de Maçãs, a tempo de tomar o combóio<sup>11</sup> das 16 horas, 37 que, pelo mesmo caminho da ida, nos reconduziu ao Porto, plenamente satisfeitas com a boa ordem e elevação com que decorreram todas as cerimónias desta peregrinação.

Agosto de 1940

Maria Irma

---

<sup>11</sup> Colocou acento na palavra.

## 5.<sup>a</sup> Peregrinação a Fátima

[P. 25]



Figura 24: recorte duma imagem religiosa

Recordando mais  
uma ida a Fátima<sup>12</sup>

Em Junho de 1941, fui a Fátima a convite do nosso Pároco, Reverendo Padre Matos Soares.

O percurso foi o habitual. Em Aveiro, visitámos o túmulo da Princesa Santa Joana, no antigo Convento de Jesus e em Coimbra, - onde almoçamos -, “Portugal dos Pequeninos”.

Em grande animação seguimos para a Batalha, sendo o grandioso Mosteiro visitado com o maior interesse! Imediatamente antes da chegada à Cova da Iria, iniciou-se a Via-Sacra, com o maior recolhimento e fervor. Em Fátima, fiquei alojada no “Hospital”, partilhando um bom quarto de

---

<sup>12</sup> Como deve ter elaborado o diário com todas as viagens a Fátima alguns anos após a realização das mesmas, é natural que se tenha esquecido dalgumas datas.

[P. 26]

duas camas com a Maria José, como eu, igualmente convidada para esta peregrinação.

Durante a procissão pegamos no andor de Nossa Senhora, tendo todas as cerimónias decorrido com todo o recolhimento! Com regresso pela Figueira da Foz, regressámos ao Porto, já bastante tarde, plenamente satisfeitas com todo o programa da peregrinação.

1941

Maria Irma



**Figura 25:** recorte duma imagem do “Portugal dos Pequeninos”

“Portugal dos Pequeninos” é um Jardim de Infância, verdadeiro museu etnográfico da habitação e monumentos de Portugal

## 6.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 27]



**Figura 26:** recorte da palavra: “Fátima”

Em Setembro de 1942, incorporada numa peregrinação da Juventude Católica Feminina, fui mais uma vez a Fátima.

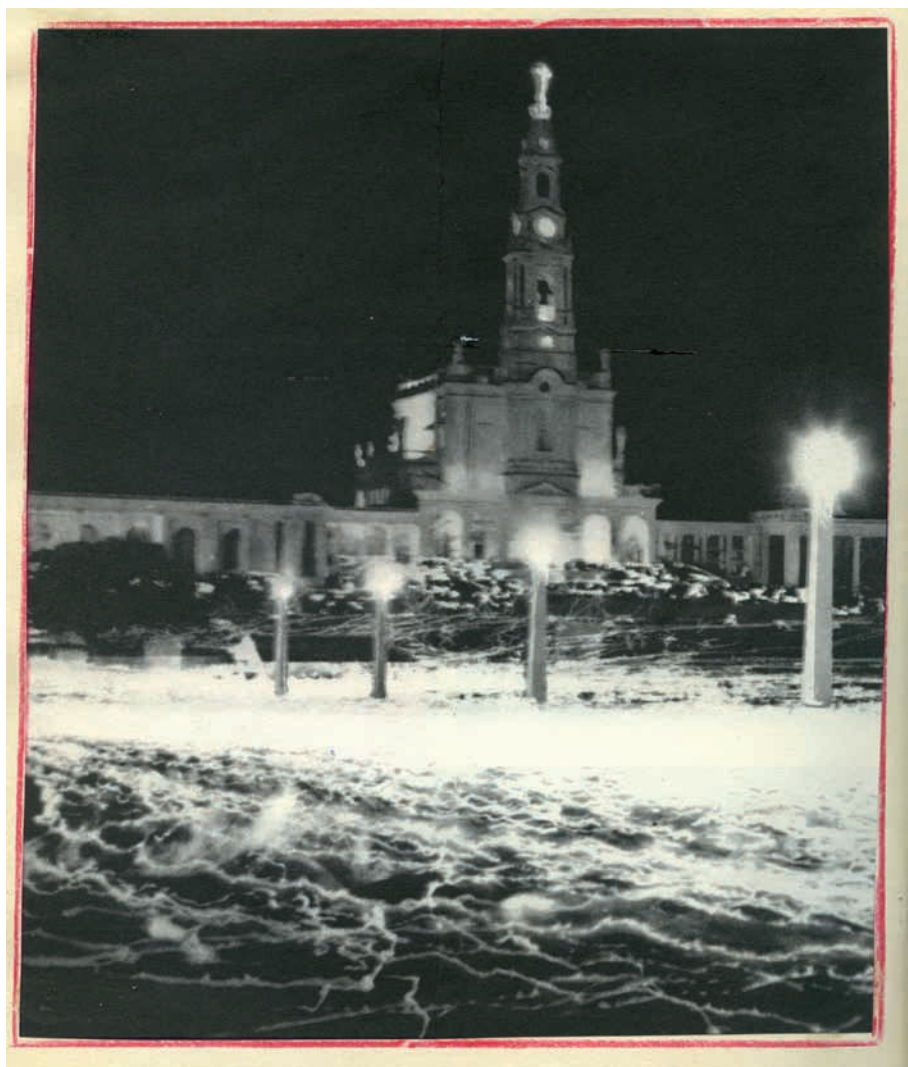
Fui recebida em casa da Senhora D. Adolfinha que, com o seu marido, me dispensou os mais atenciosos cuidados.

As cerimónias decorreram com o maior recolhimento e piedade, deixando nas nossas almas a mais saudosa lembrança!

Setembro de 1942

Maria Irma

[P. 28]



**Figura 27:** recorte duma imagem noturna de Fátima

[Página de separação do relato de duas viagens]



## 7.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 29]



**Figura 28:** recorte doutra imagem noturna de Fátima

Em 13 de Maio de 1945, assisti, em Fátima, à grande peregrinação anual que, como habitualmente, reuniu<sup>13</sup> na “Cova da Iria”, milhares de fiéis piedosos!

Fiquei, com a Maria José hospedada em casa da Senhora D. Adolfina, a quem estou devedora das maiores atenções e cuidados, bem como o seu marido, sempre solícito em nos proporcionar o melhor bem estar!

Maio de 1945

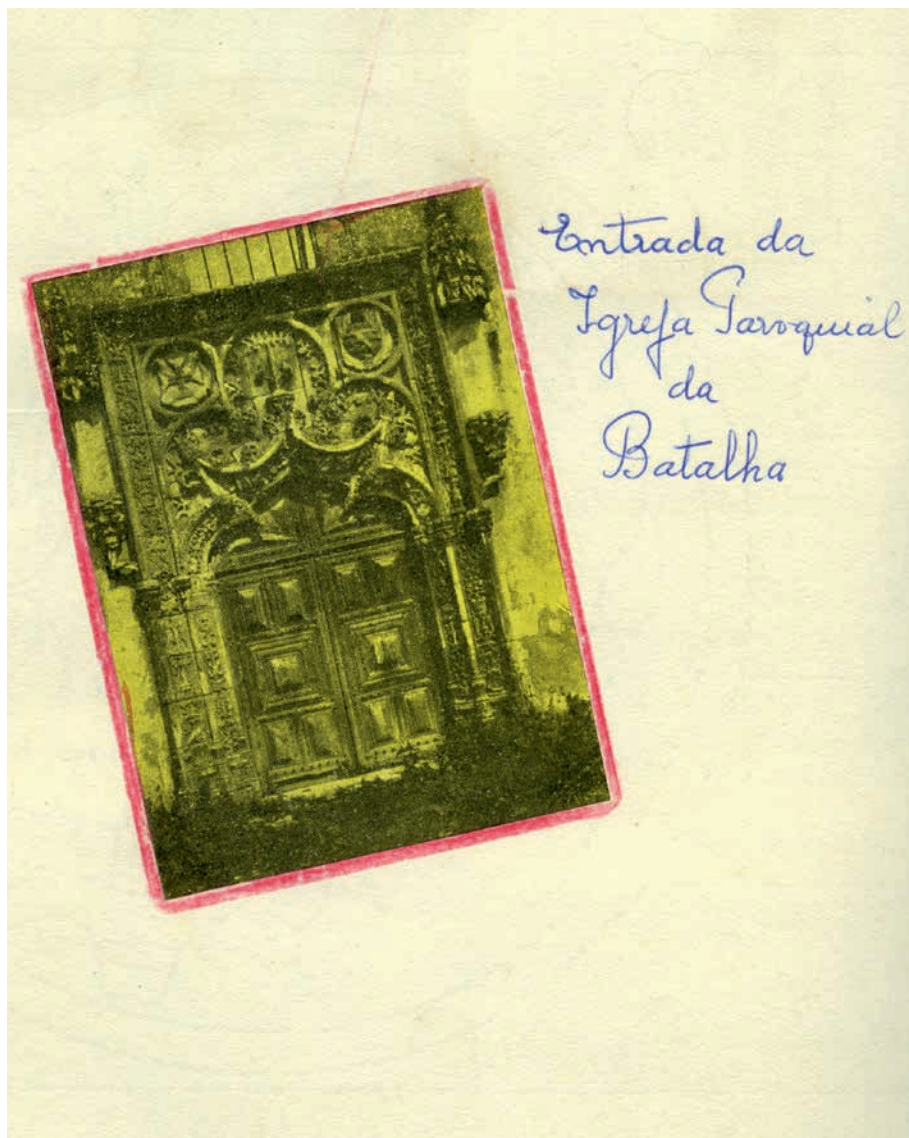
Maria Irma

---

<sup>13</sup> Maria Irma colocou um trema no primeiro “u” desta palavra.



[P. 30]



**Figura 29:** legenda da diarista “Entrada da Igreja Paroquial da Batalha”

[Página de separação do relato de duas viagens]

## 8.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 31]



**Figura 30:** recorte duma imagem religiosa

Pequeno apontamento  
da estadia em Fátima  
para retiro feito em  
Setembro de 1946

Em Setembro de 1946, fiz em Fátima o meu retiro espiritual. Alojei-me na “Pensão Católica”. De lá, partia logo de manhã regressando só à hora das refeições e para dormir.

Sózinha, munida dos apontamentos necessários, era geralmente na “Capela do Carmelo” que fazia as meditações diárias.

Findo o retiro esperei a chegada de pessoas de família e amigos, que se tinham deslocado a Fátima, assistindo em conjunto às cerimónias do dia 13.

Setembro de 1946

Maria Irma

**9.<sup>a</sup> Visita a Fátima**

[P. 32]

Para tomar parte na grande Peregrinação anual estive em Fatima<sup>14</sup> em 13-X-46.<sup>15</sup>

Com todos os fiéis tomei parte nas cerimónias próprias.

Maria Irma

---

<sup>14</sup> A escrevente esqueceu-se do acento.

<sup>15</sup> Esquecimento do ponto final.

## 10.<sup>a</sup> Visita a Fátima

[P. 33]



**Figura 31:** recorte duma imagem do Mosteiro da Batalha

Para não esquecer  
a Peregrinação Inter-  
nacional da Juventude Católica Feminina<sup>16</sup>

Em 3 e e<sup>17</sup> 4 de Maio de 1947 realizou-se a Peregrinação Internacional da Juventude Católica Feminina, na qual tive o imenso gosto de tomar parte. Nessa data encontrava-me em S. João da Madeira seguindo diretamente de lá para a Cova da Iria.

Em excelente andamento, e percorrendo o habitual percurso com a clássica paragem na Batalha, para mais uma vez admirar o notável e histórico Mosteiro, chegámos, (chegámos)<sup>18</sup> a Fátima a tempo de lá almoçar. Connosco seguiu Maria Antónia que havia sido convidada, pela Direcção Nacional do Brasil, a representar aquele país,

<sup>16</sup> Abreviado no original.

<sup>17</sup> Erro da diarista.

<sup>18</sup> Repetição da autora.

[P. 34]

tendo nesta qualidade pegado no andor de Nossa Senhora durante a procissão.

Foi uma imponentíssima manifestação estando presentes numerosas Dirigentes da Juventude Católica Feminina de diversos países entre os quais a Rússia.

Fui e vim no mesmo dia guardando a melhor lembrança de mais esta peregrinação ao local bendito em que Nossa Senhora<sup>19</sup> falando aos três pastinhos da Fátima falou também ao coração de todos nós!

Maria Irma

1947

---

<sup>19</sup> Palavra entrelinhada na linha superior.

## 11.<sup>a</sup> Visita a Fátima

[P. 35]



**Figura 32:** recorte de imagem da N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima

Em Fátima, no dia 13 de Setembro de 1948, foi benzida uma imagem de Nossa Senhora para ser venerada na Sé Catedral do Porto, cerimónia a que assisti.

Sáímos de automovel<sup>20</sup>, de manhã, regressando nesse mesmo dia à tarde.

1948

Maria Irma

---

<sup>20</sup> Sem acento no original.



## 12.<sup>a</sup> Visita a Fátima

[P. 36]

Junho de 1949



**Figura 33:** recorte duma imagem do Mosteiro da Batalha

O Mosteiro de Nossa Senhora da Vitória<sup>21</sup>, o mais notável dos Monumentos de Portugal.

---

<sup>21</sup> Mosteiro de Santa Maria da Vitória mais conhecido por Mosteiro da Batalha.

[P. 37]

Hospedada na Pensão Católica estive em Fátima no mês de Junho de 1949.

Intensamente vividos todos os actos litúrgicos em que tomei parte, deixaram-me fundas e inolvidáveis recordações!

“Nossa Senhora de Portugal,

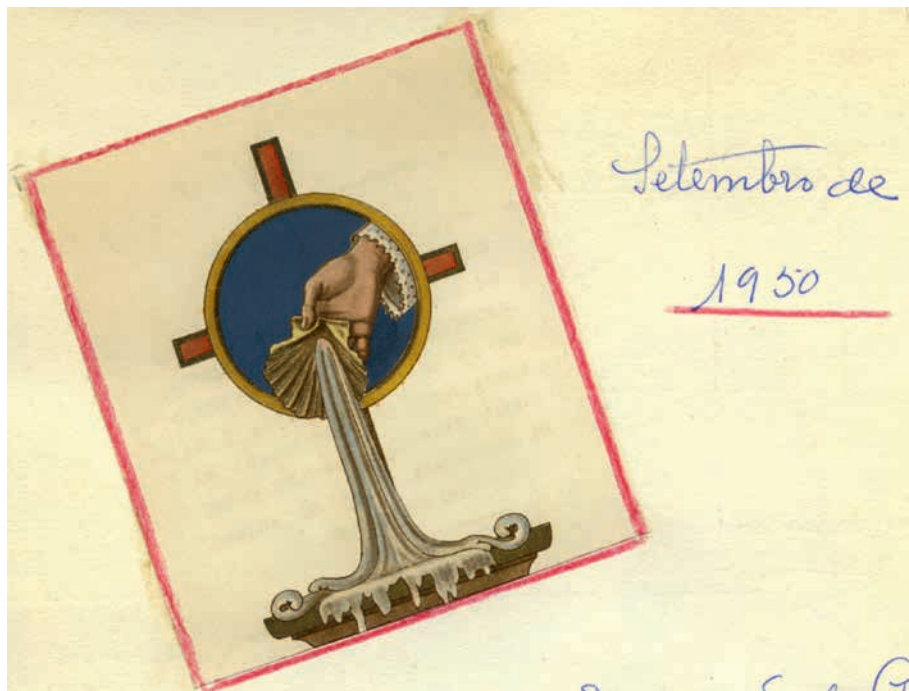
Vinde livrar-nos de todo o mal!”

1949

Maria Irma

### 13.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 38]



**Figura 34:** recorte duma imagem religiosa

Setembro de  
1950

Em acção de Graças, e súplica a Nossa Senhora, estive em Fátima no mês de Setembro de 1950.

Estive hospedada na “Pensão Sagrada Família”, tendo tomado parte em todas as cerimónias que no Santuário se realizam, próprias das peregrinações, que diáriamente<sup>22</sup> ali chegam.

Maria Irma

---

<sup>22</sup> A autora ainda não tinha adotado as alterações ortográficas introduzidas pela reforma ortográfica de 1945.

#### 14.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 39]



**Figura 35:** recorte duma imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima e os 3 pastorinhos

Resumo da peregrinação de  
11 e 12 de Junho de 1951

Pelas 8 horas do dia 11 de Junho de 1951, saímos do Porto de autocarro, rumo a Fátima, em peregrinação promovida pela Congregação Mariana da Sé.

Em Coimbra, almoçamos no Jardim Botânico, logo seguindo para a Batalha em rápida visita ao histórico Mosteiro mandado erigir por D. João I, em acção de Graças pela vitória de Aljubarrota.

Em Fátima fiquei alojada na “Casa dos Retiros”, tendo, após o jantar, tomado parte na procissão de velas, Adoração do Santíssimo e, no dia seguinte, - como habitualmente em todas as cerimónias próprias.

No regresso viemos pela Figuei-

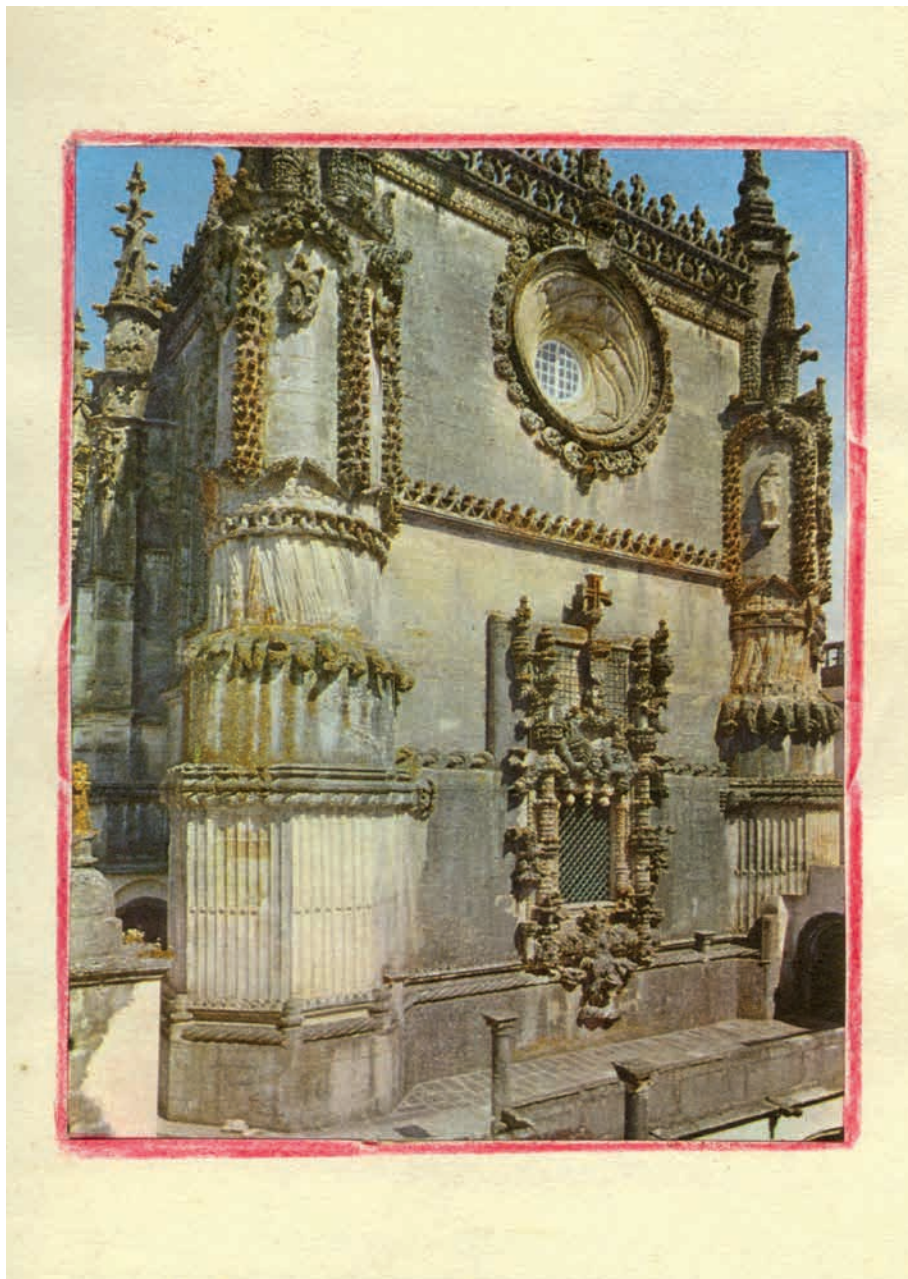
[P. 40]

ra da Foz. No mercado fizemos algumas aquisições; junto à linda praia demos um pequeno passeio e, sem delongas, retomámos o lugar no autocarro directos ao Porto. Chegámos já de noite, fatigada, mas satisfeita com a boa ordem, recolhimento e fervor com que se realizou todo o programa desta peregrinação.

11 de Junho de 1951

Maria Irma

[P. 41]



**Figura 36:** recorte duma imagem da janela manuelina do Convento de Cristo em Tomar

[Página de separação do relato de duas viagens]



[P. 42]



**Figura 37:** recorte duma imagem do Mosteiro de Alcobaça

O Mosteiro de  
Santa Maria de Alcobaça  
fundado por D. Afonso Henriques em acção  
de Graças pela conquista de Santarém aos mouros.

## 15.<sup>a</sup> Visita a Fátima

[P. 43]

Apontamentos da  
peregrinação de  
13-X-951  
para encerramento  
do Ano Santo.



**Figura 38:** recorte duma imagem do interior do Mosteiro

Manhã cedo do dia 12<sup>23</sup> de Outubro de 1951 e eis-me a caminho da terra bendita onde Nossa Senhora, - aparecendo aos 3 pastorinhos da Serra d' Aire, - lhes transmite a Sua mensagem de Penitencia<sup>24</sup> e Oração, pela salvação das almas!

A viagem foi óptima sendo o percurso sempre admirável. Depois das lindas praias de Miramar, Aguda, Granja e Espinho que constituem a chamada Costa Verde, atingimos Aveiro, sempre digna de ser admirada, não só pelo seu progres-

---

<sup>23</sup> Deve ser erro da diarista. Deveria querer dizer 13.

<sup>24</sup> Falta o acento circunflexo.

[P. 44]



**Figura 39:** recorte duma imagem do jardim de Aveiro

so, mas também, e principalmente, pela sua formosa ria de numerosas ramificações a internarem-se pela terra!

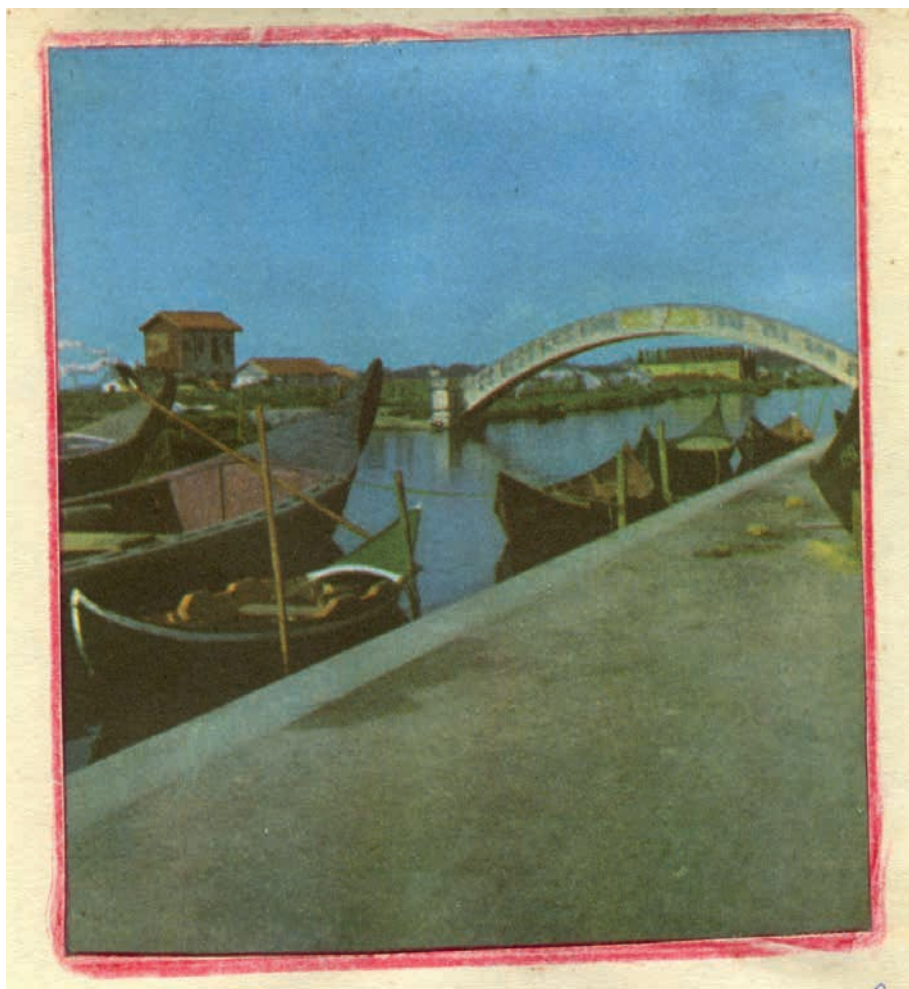
Os seus típicos barcos saveiros dão-lhes especial encanto sendo esta cidade considerada a “Veneza Lusitana”<sup>25</sup>!

Dotada do mais belo acidente natural de toda a costa da Península Ibérica, foi celebrada, desde tempos

---

<sup>25</sup> Esqueceu-se de fechar as aspas.

[P. 45]



**Figura 40:** recorte duma imagem da ria de Aveiro

remotos, pelo cancionero popular, em singela mas expressiva trova:

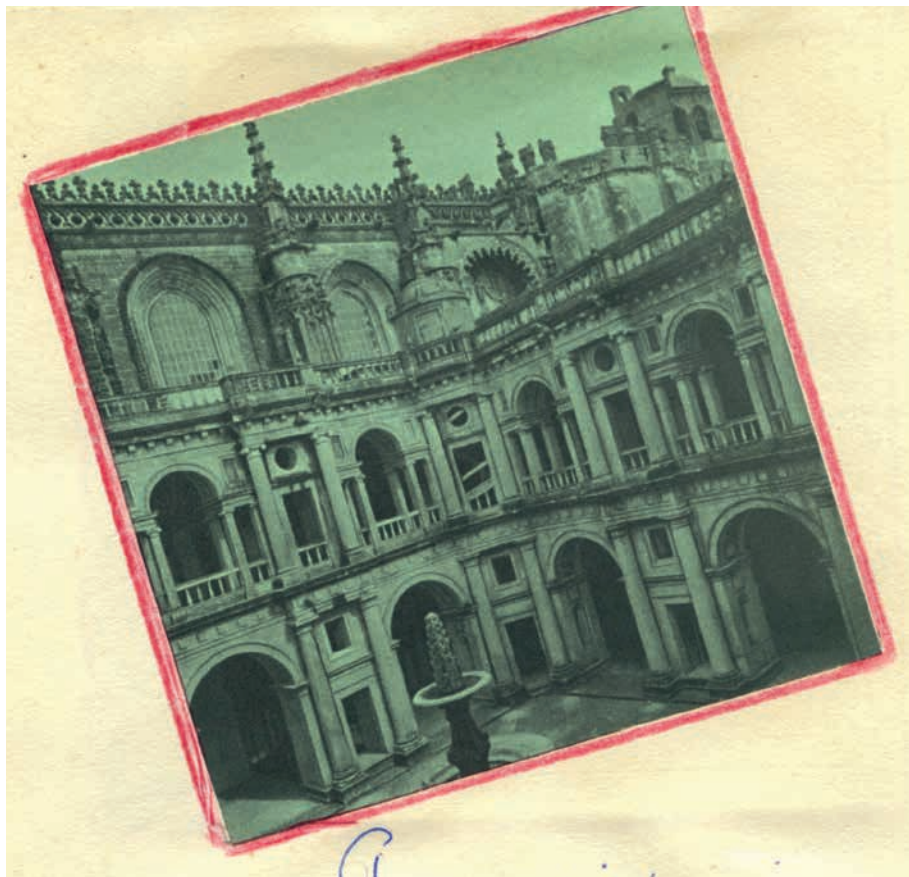
“Ó Aveiro! Ó Aveiro,  
Que tens marinhas de sal.  
Não há terra mais bonita  
No reino de Portugal!...”<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> Quadra também citada na obra de Oliveira Cabral (s.d.): *Guia Turística Ilustrada*. 2.<sup>a</sup> edição. Porto: Livraria Avis: 31. Deveria ser um guia muito consultado na época.



[P. 46]



**Figura 41:** recorte duma imagem de claustros

Prosseguindo viagem segui directamente a Fátima onde ia encontrar-me com minhas irmãs que, de automóvel, tinham seguido já de véspera.

Hávamos combinado juntar-nos com as primas do Brasil, chegadas nesse mesmo dia a Lisboa e que para ali seguiam directamente.

Quando se deu início à procissão de velas a multidão era compacta mal podendo, os fiéis, deslocar-se dos lugares em que se encontravam!...

[P. 47]

Finda esta cerimónia que constituiu grandiosa manifestação de Fé, principiou a Adoração ao Santíssimo Sacramento e, simultaneamente, a celebração da Santa Missa nos diversos altares da Basílica e do Hospital. Seguiu-se pela manhã a Missa Solene, Benção dos Doentes e Procissão com a imagem de Nossa Senhora, de retorno à Capelinha das Aparições.

O tempo foi passando e com ele perdemos a esperança de realizar o encontro marcada<sup>27</sup> com as primas! O movimento era intenso, diversas vezes comparemos no local combinado não conseguindo o que pretendíamos. Soubemos mais tarde que os altifalantes transmitiram um aviso da sua presença que não ouvimos talvez por deficiente instalação!

Forçoso foi vir embora. Caía a tarde quando deixei o recinto onde:

“Nossa Senhora de Fátima  
Pomba do Alto Pombal,  
Um dia voou dos Céus  
E poisou em Portugal!”

(A. Correia de Oliveira)<sup>28</sup>

Outubro 1951

Maria Irma

---

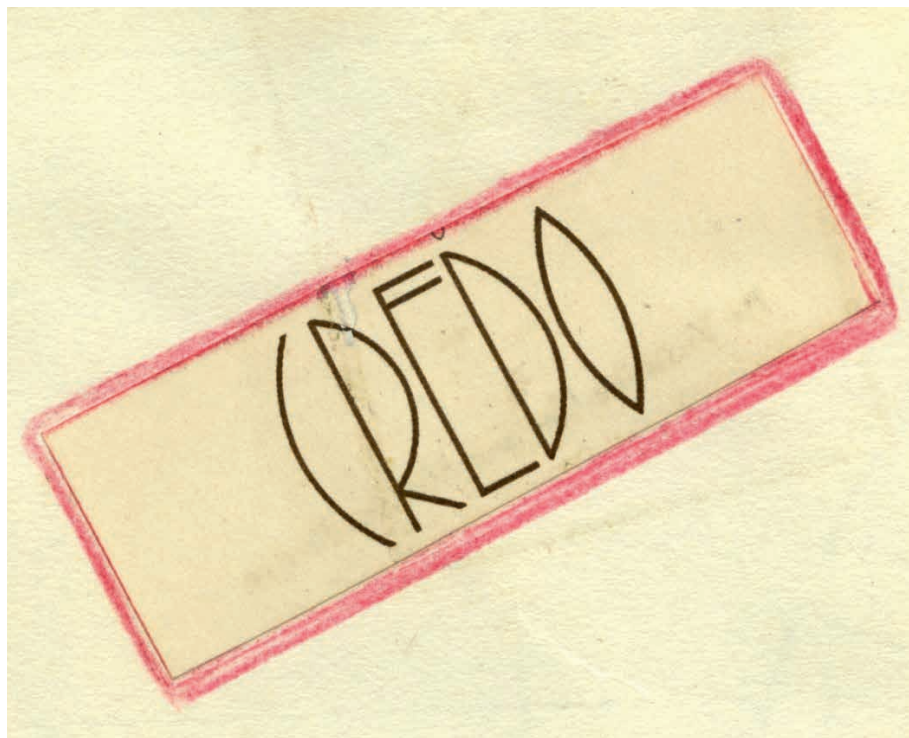
<sup>27</sup> Erro, deveria ser “marcado”.

<sup>28</sup> Também seria uma quadra muito em voga naquele tempo.



## 16.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 48]



**Figura 42:** recorte duma imagem com a palavra “Credo”

Para descansar, estive em Fatima<sup>29</sup> no mês de Setembro de 1952.

Hospedei-me na “Pensão dos 3 pastorinhos”, tendo por razões várias permanecido apenas 2 dias logo regressando ao Porto sem atingir o fim em vista.

Maria Irma

---

<sup>29</sup> Sem acento no original.

## 17.<sup>a</sup> Visita a Fátima

[P. 49]



**Figura 43:** recorte duma imagem religiosa

Em 8 de Dezembro de 1954, fui a Fátima saindo do Porto sob uma chuva miúdinha<sup>30</sup> e impertinente que não permitiu apreciar devidamente a paisagem do percurso, sempre do meu agrado.

Almoçámos num Restaurante em Leiria após o que seguimos para a Cova da Iria, onde permanecemos pouco mais do que 1 hora, preenchida com as nossas preces de acção [de] Graças por muitos favores concedidos, e impetração das nossas maiores necessidades.

Regressámos ao Porto, já noite cerrada guardando gratas recordações deste passeio de que muito gostei.

1954

Maria Irma

---

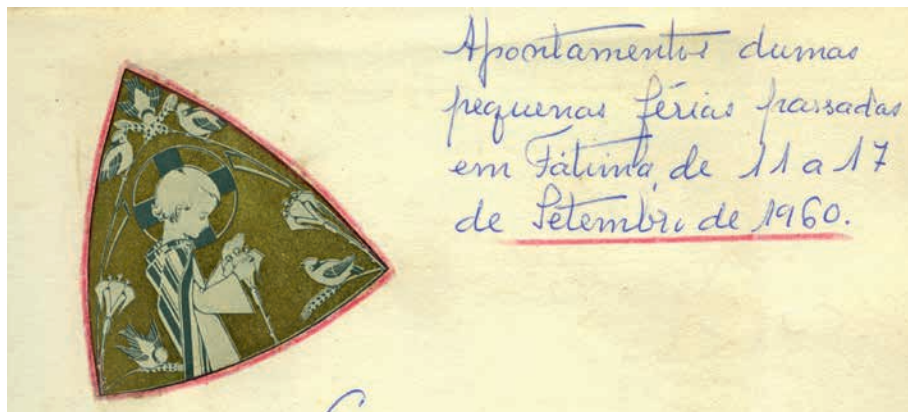
<sup>30</sup> No original o “u” tem um acento.

[P. 50]

[Página em branco a separar o relato de duas viagens]

## 18.ª Turiperegrinação a Fátima

[P. 51]



**Figura 44:** recorte duma imagem religiosa

Apontamentos dumas  
Pequenas férias passadas  
em Fátima, de 11 a 17  
de Setembro de 1960.

Para descansar um pouco do exaustivo trabalho do meu labor profissional, fui passar uns dias em Fátima. Foram poucos para o muito que necessitava de repouso, mas suficientes para espairecer naquele ambiente calmo, relativamente, livre de preocupações ou canseiras!



1960

**Figura 45:** recorte duma imagem de Sé do Porto

[P. 52]



1960

**Figura 46:** recorte duma imagem da Ria de Aveiro

Fui de comboio directa à estação de Fátima onde um bom serviço de camionetes garante imediata condução para a Cova da Iria.

A viagem foi ótima, admirando sempre com o maior apreço toda a beleza paisagística<sup>31</sup> deste nosso Portugal tão lindo!

Aveiro, uma das cidades mais pitorescas do país, é sempre vista com

---

<sup>31</sup> A autora enganou-se e colocou o acento no primeiro “i”.

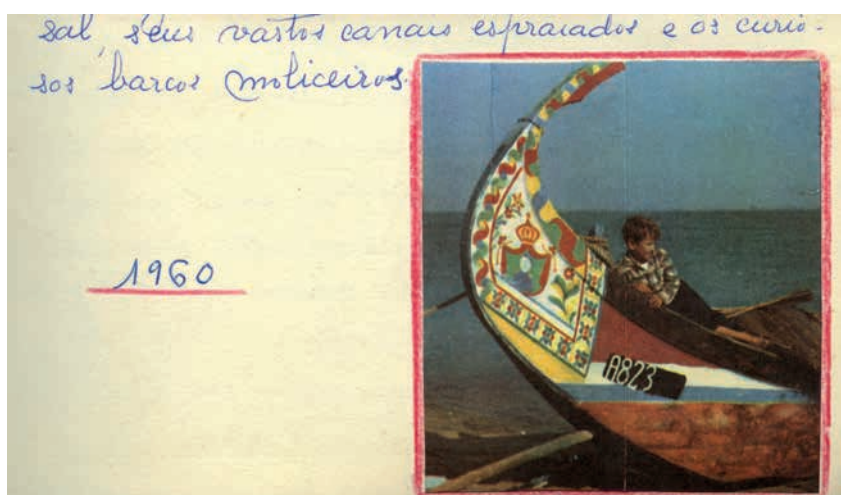


[P. 53]



**Figura 47:** recorte duma imagem dos pescadores da Ria de Aveiro

grande agrado, sendo deveras original a beleza da ria com as suas marinhas de sal, seus vastos canais espraçados e os curiosos barcos moliceiros.

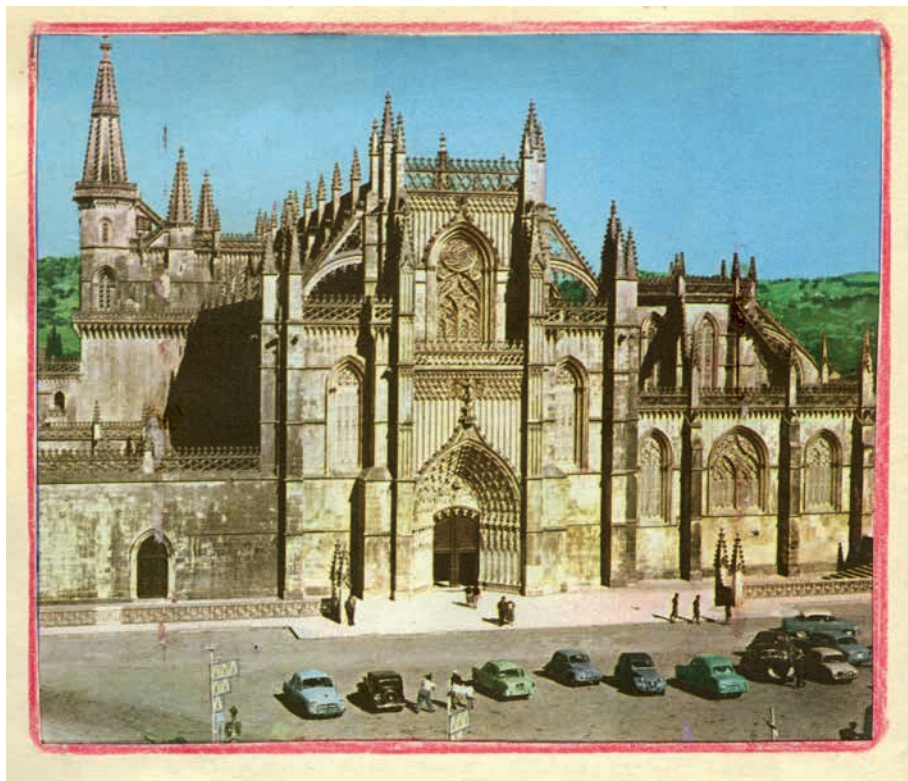


1960

**Figura 48:** recorte duma imagem dum barco moliceiro



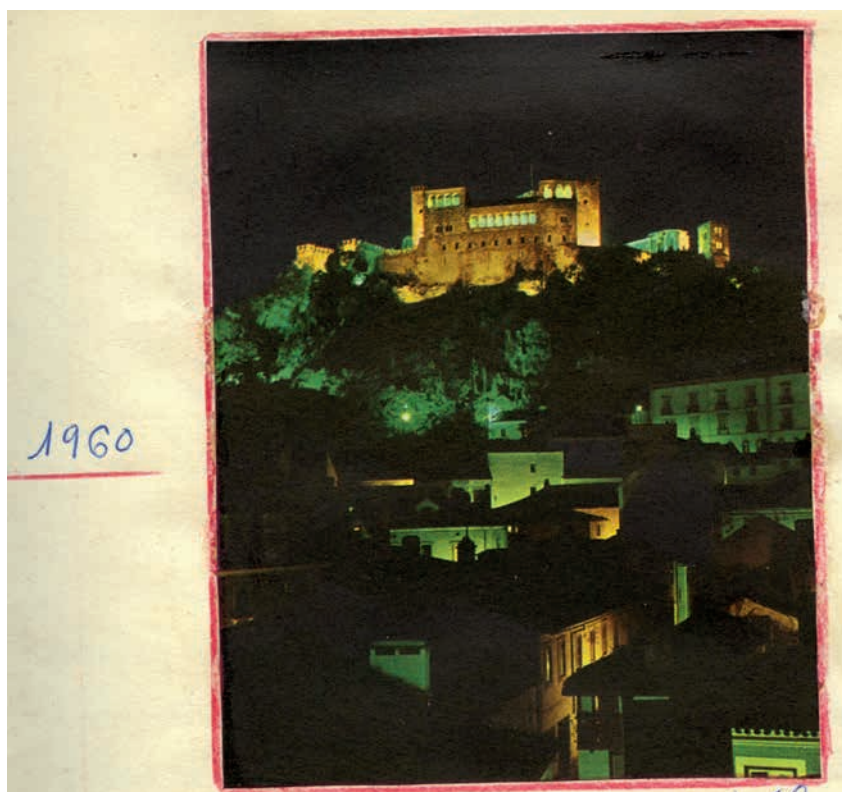
[P. 54]



**Figura 49:** recorte duma imagem do Mosteiro da Batalha

O Mosteiro da Batalha mandado erigir por D. João I para comemorar a vitória de Aljubarrota é uma grandiosa obra d'arte merecedora de incansável admiração!... Este monumento é mais do que notável e incomparável trabalho artístico, é uma página viva da História de Portugal, a atestar, através dos séculos, o

[P. 55]



1960

**Figura 50:** recorte duma imagem do castelo de Leiria à noite

o<sup>32</sup> valor dos nossos antepassados!...os nossos monumentos, verdadeiras maravilhas de arte, são admirados por nacionais e estrangeiros, falando-nos cada um duma maneira especial, à nossa devoção patriótica<sup>33</sup>!...

Em Fátima fiquei hospedade<sup>34</sup> na “Casa Beato Nuno” Pensão excelente, dirigida por religiosos Carmelitas, alemães. Ocupei o quarto n.º 39 dotado

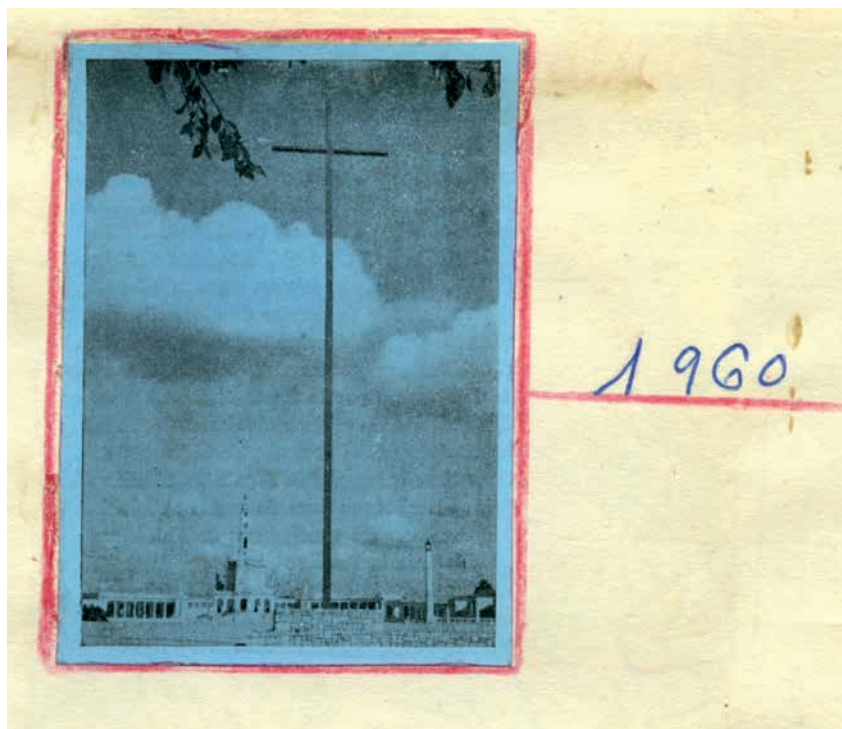
---

<sup>32</sup> Repetido no original.

<sup>33</sup> Sem acento no original.

<sup>34</sup> Deveria ser hospedada.

[P. 56]

1960

**Figura 51:** recorte duma imagem do santuário de Fátima

de toda a comodidade.

Na Capela da casa diàriamente<sup>35</sup> se celebrava a Santa Missa não necessitando sair para assegurar o serviço religioso.

Da janela do quarto avistava o Santuário, dali assistindo à chegada de diversas peregrinações que se iam concentrando para dar início às cerimónias do dia 13.

A procissão de velas foi cuidadosamente formada, rezando-se piedosamente entoando-se lindos canticos<sup>36</sup> à Virgem

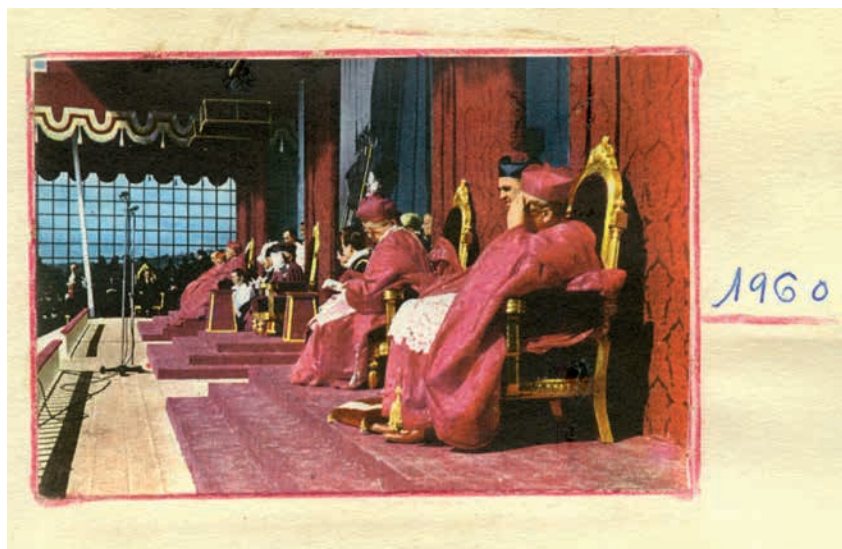
Nossa Senhora.

---

<sup>35</sup> Palavra acentuada no original. A autora não aplicou as alterações da reforma ortográfica de 1945.

<sup>36</sup> Palavra sem acento no original.

[P. 57]

1960

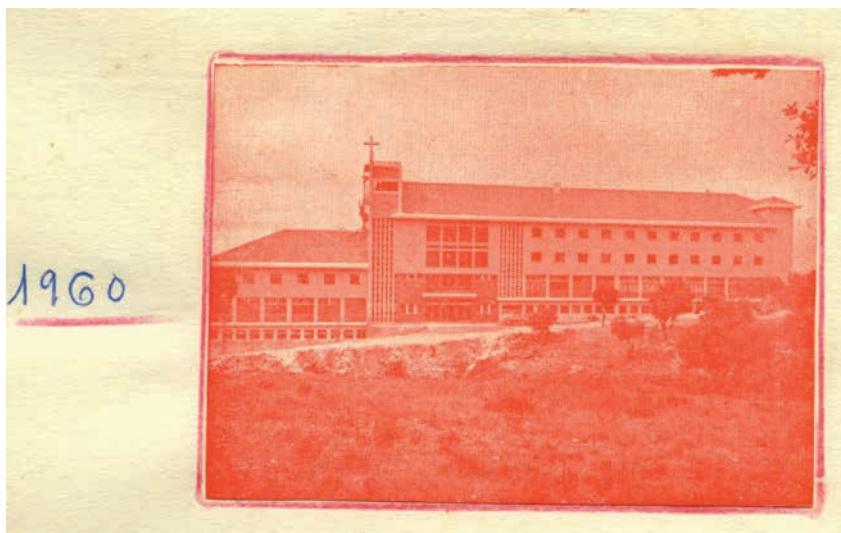
**Figura 52:** recorte duma imagem dos cardeais no santuário de Fátima

A Missa Solene do dia 13, bem como todas as cerimónias, constituíram grande demonstração de Fé, tendo levado o andor de Nossa Senhora, guardas da Polícia de Segurança Pública, do Porto.

Passado o grande movimento desta data, retomei o descanso anterior. A casa havia estado repleta de estrangeiros, avultando os componentes duma grande peregrinação alemã que lá se hospedara.

As refeições foram sempre excelentemente servidas.

[P. 58]

1960

**Figura 53:** recorte duma imagem da “Casa do Beato Nuno”<sup>37</sup>

Da “Casa do Beato Nuno” fiz ponto de partida para memoráveis visitas aos Lugares das Aparições e outros locais!

Seguindo as estações da “Via-Sacra do Calvário Húngaro” – em construção -, fui até aos Valinhos, em cujo local se deu a 4.<sup>a</sup> Aparição de Nossa Senhora, e onde os três pastorinhos foram convidados a actos de reparação e súplica pela conversão dos pecadores.

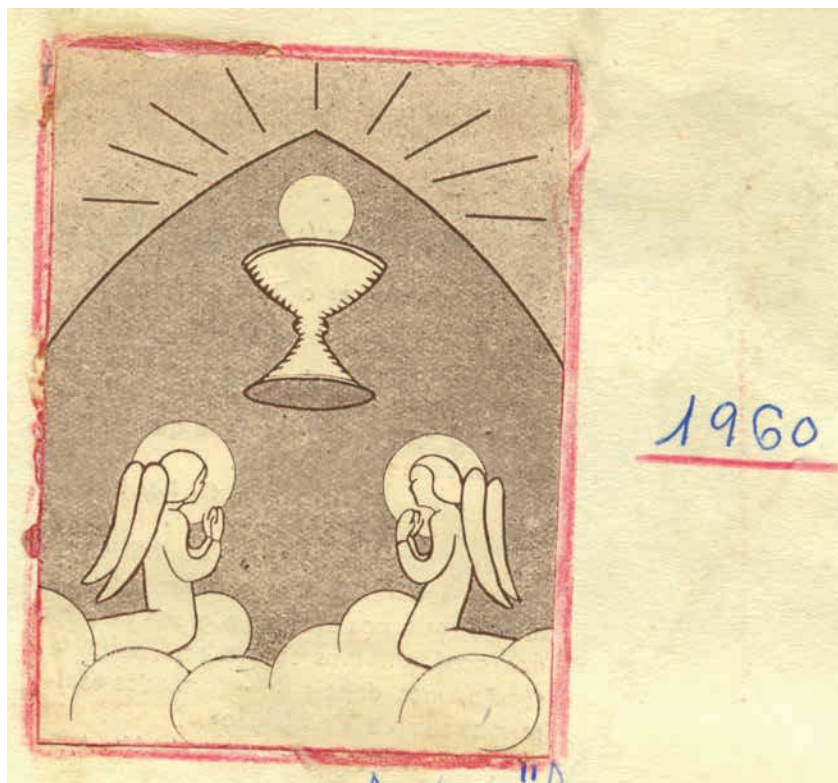
De lá, segui para a “Loca

---

<sup>37</sup> Atualmente é um hotel de 3 estrelas.



[P. 59]

1960

**Figura 54:** recorte duma imagem dum santinho

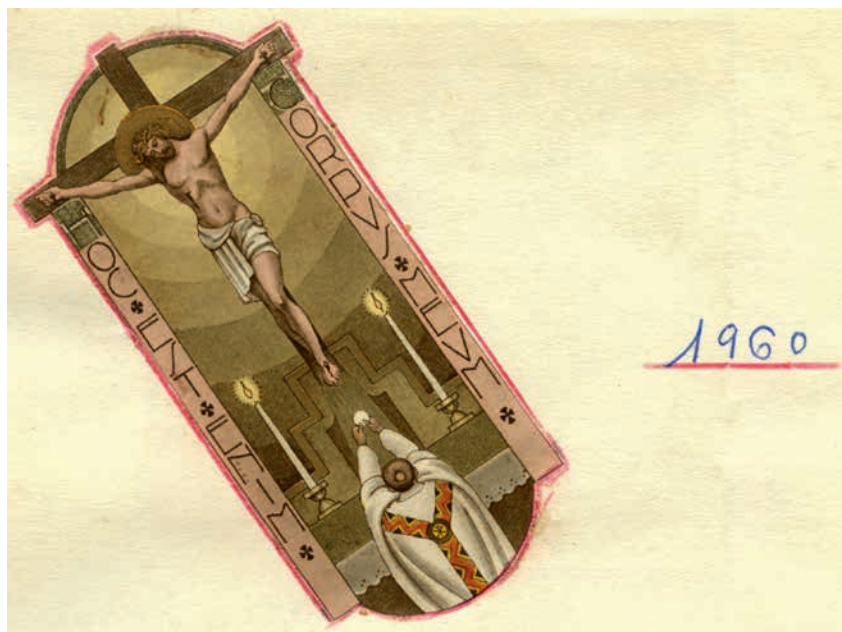
do Cabeço, onde um Anjo – “branco de neve e resplandecente como o sol” – apareceu Lúcia, Francisco e Jacinta!...Intitulando-se o Anjo da Paz, convidou-os a orar: “Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos! Peço-Vos perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e não Vos amam!”

Na encosta do Cabeço, o Anjo de Portugal apareceu pela 3.<sup>a</sup> vez aos Pastorinhos proferindo a súplica à Santíssima Trindade e dando-lhes a Sagrada Comunhão!...

Neste local se encontra formosíssima e expressivo monumento escultórico



[P. 60]

1960

**Figura 55:** recorte duma imagem dum santinho

reproduzindo em tamanho natural, este facto extraordinário!...

Depois das visitas aos lugares das Aparições, incluindo o “Poço”, em casa de Lúcia, visitei capelas de algumas das diversas ordens religiosas existentes em Fátima, destacando-se a das “Irmãzinhas de Jesus”. Ali assisti à Santa Missa e comunguei, impressionando-me a sua extrema simplicidade e a pobreza em que estas religiosas vivem!...

Visitei também o grandioso Seminário do Verbo Divino, casa de formação

[P. 61]



1960

**Figura 56:** recorte duma imagem dum santinho

Missionária que se destaca entre muitas que em Fátima se instalaram. Nêlé<sup>38</sup> se preparam em ciências Divinas e humanas aqueles que aspiram à Glória de marchar um dia no campo das Missões das nossas Províncias Ultramarinas, ensinado ao Mundo os Caminhos de Deus!...

A visita foi demorada sendo as indicações fornecidas por um elemento do Corpo docente da Casa.

Assim foram decorrendo os 6 inesquecíveis<sup>39</sup> dias passados naquele local

<sup>38</sup> Este acento desapareceu na reforma ortográfica de 1945.

<sup>39</sup> Sem acento no original.

[P. 62]



**Figura 57:** recorte duma imagem dum santinho

bendito da Serra de Aire, onde Nossa Senhora, falando aos 3 Pastorinhos, falava igualmente a todos os corações inflamados no Amor de Jesus, transmitindo assim a Sua Mensagem de Penitencia<sup>40</sup> e Oração!...

17 de Setembro de 1960

Maria Irma

---

<sup>40</sup> Sem acento no original.

[P. 63]



**Figura 58:** recorte duma imagem dum santinho

“Portugal em pequenino,  
Quando foi a baptizar,  
Teve a seu lado Maria  
Que livre o veio tornar!...

Senhora da Conceição  
Madrinha de Portugal!  
Foi tua mão maternal  
Quem deu à nossa Nação  
O seu destino imortal  
Senhora da Conceição!...”<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Poema citado sem referência ao autor. Deveria estar em voga na época.

[P. 64]

[Página em branco a separar os relatos das duas viagens]

## 19.<sup>a</sup> Visita a Fátima

[P. 65]



**Figura 59:** recortes de duas imagens: um baixo-relevo e um santinho

Mais uma vez fui a Fátima, em 25<sup>42</sup> de Setembro de 1962, para junto de Nossa Senhora agradecer mercês concedidas! Saímos do Porto pelas 9 horas da manhã, indo comungar em Coimbra, na Igreja de Santa Cruz. Visitámos os claustros admirando tudo quanto de notável naquele templo se encerra, seguindo em seguida para Leiria, onde almoçamos no costumado Restaurante Aviz<sup>43</sup>. Após uma ida ao mercado local seguimos para a Cova da Iria, indo logo fazer a nossa Adoração ao Santíssimo Sacramento permanentemente exposto; fomos à Capelinha das Aparições e à Basílica onde satisfizemos as nossas intenções, logo regressando directamente ao Porto, a hora conveniente, sem fadiga e com óptima disposição.

Maria Irma

---

<sup>42</sup> Entrelinhado.

<sup>43</sup> Entrelinhado.



**20.<sup>a</sup> Visita a Fátima**

[P. 66]

22 – VIII - 963

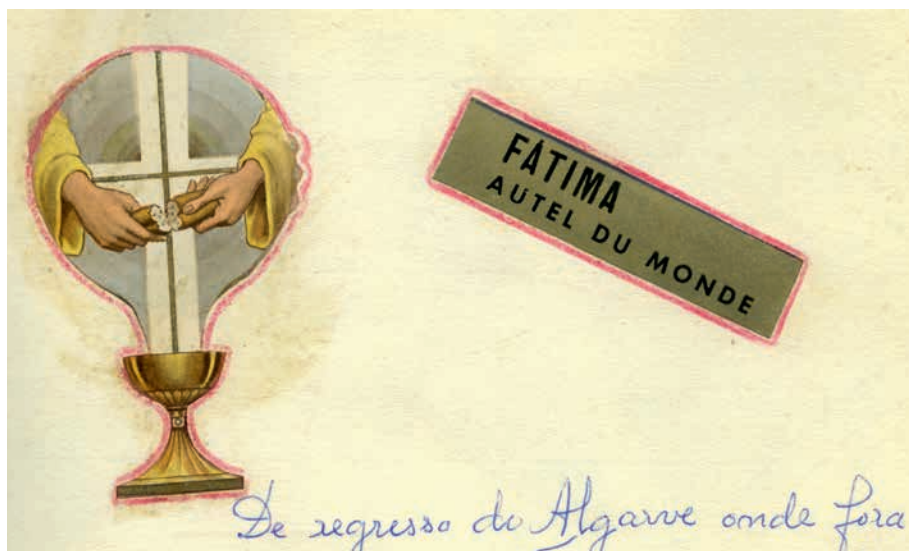
**Figura 60:** recorte dum púlpito

No regresso  
das Berlengas  
estive em Fátima  
no dia 22-VIII-63<sup>44</sup>  
Maria Irma

<sup>44</sup> O Diário 4 - Diário de Viagem às Berlengas dá conta duma viagem turística às Berlengas ocorrida entre 18 e 22 de agosto 1963 e refere que, de regresso ao Porto, no dia 22, estiveram no santuário de Fátima para “orar” apenas 1 hora, tendo sido, por conseguinte, uma curta visita.

## 21.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 67]



**Figura 61:** recorte duma imagem religiosa e do nome Fátima acompanhado da tradução para francês de altar do mundo “autel du monde”

De regresso do Algarve onde fora passar uns dias, cheguei a Fátima no dia 30 de Setembro de 1964. Ocupei um quarto prèviamente marcado na “Pensão Catarino”, para lá seguindo directamente a descansar da viagem! Repousei até à hora de jantar e após este -, simples, - mas bem servido – recolhi ao quarto passando uma excelente noite. Logo pela manhã saí após o pequeno almoço em peregrinação a todos os lugares onde Nossa Senhora apareceu!... Principiei pela Cova da Iria, seguindo para os Valinhos, fazendo a Via-Sacra do Calvário Húngaro. Fui até a Loca do Cabeço, regressando, vagarosamente, à Cova da Iria, a tempo

[P. 68]

de assistir à Missa das 12 horas. Como tivesse chegado uma numerosa peregrinação americana da qual faziam parte diversos sacerdotes, os altares foram rapidamente ocupados, celebrando-se simultaneamente grande número de Missas!

Almocei, às 13<sup>h</sup>, 30, seguindo à tarde de comboio para o Porto. Cheguei cerca da meia-noite com a melhor impressão destas pequenas férias que pude gosar neste verão de 1964 e da Pensão onde estive hospedada!

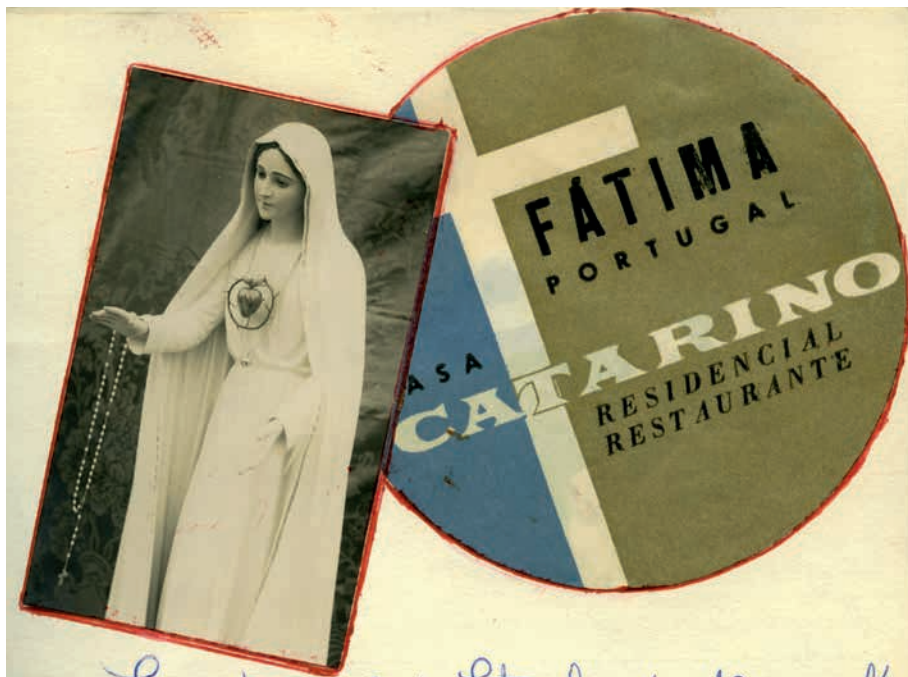
Maria Irma



**Figura 62:** recorte duma imagem da Pensão Catarino

## 22.<sup>a</sup> Turiperegrinação a Fátima

[P. 69]



**Figura 63:** recorte duma imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima e dum cartão da Pensão Catarino<sup>45</sup>

Sòmente em 9 de Setembro de 1969 voltei a Fátima! Para que a Geneviève Haegel pudesse conhecer um pouco as belezas que o nosso Portugal encerra, levei-a comigo numa pequena digressão de 2 dias. O local das Aparições de Nossa Senhora estava incluído no programa. Ali, tivemos a celebração da nossa Missão, tudo sendo visitado em minúcia. As impressões não foram das melhores, verificando-se, em alguns lugares, uma transformação em centro comercial, pouco edificante!

Estivemos hospedados na Pensão Catarino, que mais uma vez nos serviu bem: bons quartos e boas refeições.

Maria Irma

<sup>45</sup> Até nas imagens escolhidas há uma associação do religioso e do profano.

### 23.<sup>a</sup> Visita a Fátima

[P. 70]



**Figura 64:** recorte duma imagem com o nome Fátima

Dormi em Fátima na noite de 10 para 11 de Novembro do ano de 1973 de passagem, integrada numa excursão ao S. Martinho da Golegã. Cheguei a tempo de tomar parte na Missa Vespertina das 19 horas, após o que jantei e dormi nas Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus. Parti no dia 11 às 8 horas.

< \_\_\_\_\_ >

Depois da síntese da última passagem por Fátima, aquando da excursão a S. Martinho da Golegã, finalizou os relatos das suas viagens ao santuário de Fátima. O diário termina com 5 folhas em branco (10 páginas).

No DIÁRIO 10 do acervo, a última viagem narrada pela diarista é exactamente a “excursão ao S. Martinho da Golegã” a 10 e 11 de novembro de 1973, nessa síntese deparamos com a referência à passagem pelo santuário de Fátima.



### 4.3 Notas estilísticas do DIÁRIO 1: “Portugal – Fátima”

Em termos estilísticos, a escrevente empregou um discurso cuidado, formal e, por vezes, literário. Escolheu um vocabulário variado, procurando não repetir os mesmos vocábulos, mas usando equivalentes semânticos. Como recursos estilísticos empregou reiteradamente a dupla adjetivação e substantivação, usou a pontuação com um efeito expressivo.

Como exemplos da dupla adjetivação e da pontuação expressiva, repare-se, nos exemplos, retirados das páginas 1 e 54 da edição do diário original, apresentada acima:

Com enorme alegria parti do Porto, de camioneta, em numeroso grupo de raparigas, - associadas, - todas de uniforme, e com as nossas bandeiras, diocesanas e paroquiais!...Cantando, rezando, dando vivas com aquele vibrante e ardoroso entusiasmo [P. 1].

O Mosteiro da Batalha mandado erigir por D. João I para comemorar a vitória de Aljubarrota é uma grandiosa obra d’arte merecedora de incansável admiração!... Este monumento é mais do que notável e incomparável trabalho artístico, é uma página viva da História de Portugal... [P. 54]

Como exemplo ilustrativo da dupla substantivação, esta assoma, na página 25 da edição do diário original:

Em grande animação seguimos para a Batalha, sendo o grandioso Mosteiro visitado com o maior interesse! Imediatamente antes da chegada à Cova da Iria, iniciou-se a Via-Sacra, com o maior recolhimento e fervor. [P. 25]

Fui recebida em casa da Senhora D. Adolfinha que, com o seu marido, me dispensou os mais atenciosos cuidados.

As cerimónias decorreram com o maior recolhimento e piedade, deixando nas nossas almas a mais saudosa lembrança! [P. 27]

Os sinais de pontuação — que mais ocorrem neste primeiro texto viático — são o ponto de exclamação seguido das reticências, sinais que transportam emoção, subjetividade ao discurso.

Um exemplo paradigmático da aplicação da pontuação emotiva surge na descrição do local sagrado da “Cova” da Iria. A diarista utiliza a dupla adjetivação, antecedida por vírgula e destacada entre travessões, com o intento de atrair a atenção do leitor para a precariedade do recinto.

A Cova, - recinto pedregoso e enlameado pelas chuvas recentes - encontrava-se já com grande multidão, vendo-se numerosos penitentes de joe-



lhos, à volta de pequenino templo em cumprimento de votos feitos em horas aflitivas!... [p. 5]

Os usos recorrentes da vírgula e do travessão patenteiam a subjetividade da narradora-viajante perante os lugares visitados e factos vivenciados. A subjetividade da diarista é ainda comunicada através do emprego de adjetivos no grau superlativo. Repare-se na página 6 da edição do DIÁRIO 1, que relata a primeira turiperegrinação: “De manhã, principiaram as cerimónias das grandes peregrinações, cerimónias emocionantíssimas, com a presença de todo o Episcopado Português, em cumprimento dum voto nacional”, e ainda na [P. 34]: “imponentíssima manifestação estando presentes numerosas Dirigentes da Juventude Católica Feminina de diversos países entre os quais a Rússia”, evidenciada na turiperegrinação de maio de 1947.

A escrevente recorreu também ao emprego do advérbio de modo com o sufixo -mente para destacar as circunstâncias de opinião, de quantidade emitidas pelos citados advérbios, deixando transparecer assim o seu modo de ver e sentir os eventos contemplados e experienciados.

Ninguém recorreu a hotel ou restaurante; todas, munidas de farnel, nos dirigimos ao Jardim Botânico, confraternizando alegremente!

Seguimos para a Batalha, de visita ao mais notável dos monumentos de Portugal! Deslumbrada com o maravilhoso rendado da sua pedra branca, - já amarelecida pelos séculos e tão artisticamente trabalhada -, tudo percorri: à direita [P. 2].

Nos vários relatos do citado diário, a autora fez uso de várias figuras de estilo. Ao lado da dupla adjetivação, da dupla substantivação, da pontuação expressiva, despontam metáforas, personificações, imagens, que veiculam a emotividade da narradora. Atente-se, na passagem abaixo apresentada, na qual se encontra a dupla adjetivação, a pontuação expressiva, bem como uma metáfora e uma imagem:

Em comboio especial, partimos da estação de S. Bento, - às 13<sup>h</sup>, 15 -, de sábado, 17 de Agosto de 1940. Todo o percurso é rico em beleza paisagística. Miramar, Aguda, Granja e Espinho, - lindas praias, com elegantes e aristocráticas moradias cercadas de jardins!...A barrinha de Esmoriz; Ovar, e por aí adiante, tudo encanta o olhar!...[P. 21]

Na página 22, aparece uma sugestiva imagem que encerra uma personificação do rio Mondego: “Abundando as matas de choupos e cedros seculares banhados pelo romântico Mondego!”, [P. 22].

No exemplo retirado da página 37, o uso do advérbio de modo, assinala a forma com a viajante experienciou aquela circunstância. Acresce-se a

adjetivação imagética e contrastiva de “fundas recordações” que aumenta as emoções sentidas pela escrevente.

Intensamente vividos todos os actos litúrgicos em que tomei parte, deixaram-me fundas e inolvidáveis recordações!

“Nossa Senhora de Portugal,  
Vinde livrar-nos de todo o mal!” [P. 37].

Os exemplos apresentados acima são notórios da desenvoltura redatorial e estilística da diarista, porquanto os seus textos viáticos estão muito bem escritos, ostentando um vocabulário rico, uma pontuação sugestiva e o emprego de recursos estilísticos demonstrativos da qualidade literária de muitos extratos. O idioleto, ou seja, a variedade estilística, individual de Maria Irma é o duma mulher culta, letrada e viajada.



## CAPÍTULO 5

### ANÁLISE DISCURSIVA DO DIÁRIO 1 “PORTUGAL – FÁTIMA”

A edição e a análise interdisciplinar dum acervo particular duma mulher comum constituem um estudo de caso, uma vez que a abordagem histórica, arquivística, turística lexical e discursiva deste primeiro diário de turiperegrinações ao maior santuário católico português permite acompanhar, pelas descrições e reflexões da turista cultural, o crescimento arquitetónico, espiritual, turístico e económico do santuário.

No caso concreto do DIÁRIO 1 – “Portugal – Fátima”, a abordagem multidisciplinar empreendida faculta a observação do ponto de vista duma turista cultural, Maria Irma, relativamente à evolução do turismo religioso e interno, em termos de transportes, de alojamento e de infraestruturas de apoio ao fomento do citado turismo, no santuário de Fátima, o mais vulgarizado do país.

## 5.1 Análise estatístico-lexical do DIÁRIO 1

Antes de fornecermos a análise estatístico-discursiva dos 23 discursos do Diário 1: “Portugal – Fátima”, importa encetar a nossa leitura pela definição de discurso: “O discurso é, antes de mais, tudo o que é dito, e ao mesmo tempo a forma como é dito” (Camlong 1984: 121). O discurso é o dizer, a matéria linguística (palavras, frases, pontuação, ritmo) ou a gramática e a temática, que o compõem o enunciado, mas também a forma pessoal, o estilo, que cada escrevente ou escritor imprime ao seu discurso, isto é, ao seu idioleto, à sua variedade pessoal, individual, feita das escolhas possíveis existentes na sua língua, no sistema linguístico que usa e domina.

A análise discursiva que apresentamos é proposta pelo programa de estatística lexical (Stablex 6) da autoria de André Camlong. Este tipo de análise possibilita a emersão na tessitura discursiva do referido diário, proporcionando uma análise pormenorizada do “dito” e da “forma de o dizer” da narradora-viajante, Maria Irma Nunes de Sousa.

Para efetivar a análise estatístico-descritiva, é preciso realizar duas edições do DIÁRIO 1: uma, paleográfica<sup>46</sup> e outra uniformizada com vista à aplicação do programa de estatística lexical (Stablex 6).

Esta metodologia de estatística paramétrica estriba-se na “complementaridade de uma ferramenta — informática — e de estatística paramétrica —, permite um tratamento integral e exaustivo do texto e apresenta-se como científico, por ser descritivo, objectivo e indutivo” (Zapparoli; Camlong 2002:

---

<sup>46</sup> A primeira edição do diário “Portugal – Fátima” de Maria Irma Nunes de Sousa faz parte da nossa obra (2018): *Edição e Estudo dum Diário de Turiperegrinações ao Santuário de Fátima (1938 – 1973)*. Vila Real: Sodivir Edições do Norte, Lda.

25)<sup>47</sup>. A referida metodologia parte da análise dos dados globais para chegar aos dados particulares, por meio duma leitura horizontal, comparativa ou contrastiva e duma leitura vertical feita de variável a variável, no nosso caso concreto, de cada visita e turiperegrinação a Fátima.

Para aplicar o programa Stalex foi necessário fazer uma edição uniformizada dos vocábulos e expressões de todo corpus, constituído pelas 23 viagens ao santuário de Fátima. Depois disso o programa analisou estatisticamente texto a texto e produziu várias tabelas: uma tabela do vocabulário por ordem alfabética, uma tabela por ordem decrescente, uma tabela dos desvios reduzidos e inúmeros gráficos. Todos os cálculos estatísticos foram efetuados automaticamente pela função macrostab que integra o citado programa. O desvio reduzido possibilita uma interpretação qualitativa dos dados, porque tem como referência a Tabela da Norma (Lei Normal Reduzida ou Centrada) na qual é fornecido o significado dos vários valores do desvio reduzido.

As tabelas de frequências e dos desvios reduzidos estipulam estatisticamente a colocação dos vocabulários: comum, básico, preferencial e diferencial<sup>48</sup> de cada discurso e desvelam as gramáticas e temáticas dos discursos analisados. A leitura dos valores calculados, em confronto com os valores da tabela da Lei Normal ou Lei Centrada, evidencia quais as células que encerram um valor estatisticamente centrado, positivo ou negativo. São significativos positivos os valores que alcançam ou ultrapassam o valor absoluto +1,96<sup>49</sup>, isto é, aproximadamente +2, significativos negativos os valores algebricamente inferiores a -1,96 ou -2 e centrados os valores localizados entre -1,96 e +1,96.

Procedemos a uma leitura horizontal das 23 narrativas viáticas, com o objetivo de constatar o peso lexical de cada uma. A maior parte delas patenteia um peso lexical à volta da média zero. O texto 1 (-8,45), o 2 (1,85), o 3 (-1,69), o 4 (-1,48), o 5 (3,77), o 6 (4,11), o 7 (0,476), o 8 (-1,407), o 9 (6,60) e assim sucessivamente. Os textos que mostram um peso lexical positivo (= / + 2) são os 5 (3,77), 6 (4,11), 9 (6,60), 11 (2,57), 13 (5,40), 14 (4,26), 16 (3,90), 17 (3,55), 19 (3,87), 20 (3,45), 21 (2,05). Os que exibem um peso lexical mais

---

<sup>47</sup> Zapparoli, Zilda Maria, Camlong, André (2002): *Do Léxico ao Discurso pela Informática*. São Paulo: EDUSP/FAPESP: 25.

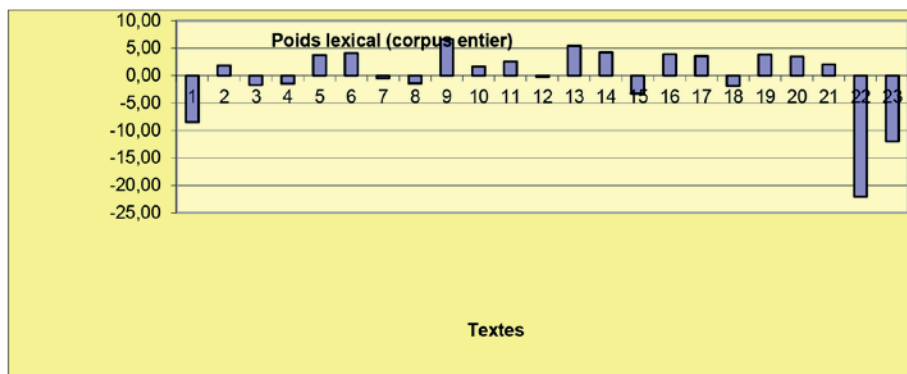
<sup>48</sup> Camlong, André (1991): *Stalex Pratique. Indexation des Textes. Traitement Statistique des Lexiques. Extraction des Séquences. Création des Dictionnaires. Les Huit Contes en prose de Ch. Perrault*. Toulouse: Teknea: 122-123.

<sup>49</sup> Para destacar os elementos segundo o emprego significativamente positivo ou negativo, utilizei o carregado para o primeiro caso e o carregado e itálico para o segundo.



negativo são os 1 (**-8,45**), 15 (**-3,28**), 22 (**-22,04**) e 23 (**-11,934**), os restantes têm valores centrados à volta da média 0. Consulte-se o (Anexo 1 – TDR).

Construímos um gráfico de histogramas com os valores da Tabela de Desvios Reduzidos como objetivo de constatar o peso lexical de cada narrativa-viática.



**Gráfico 1:** peso lexical das 23 narrativas do corpus

Para conseguirmos os diferentes tipos de vocabulário necessitamos de proceder às leituras horizontal e vertical das tabelas. A leitura horizontal exibe as aproximações e afastamentos vocabulares entre as variáveis do corpus. A leitura vertical oferece a estruturação lexical de cada variável. Para delinear as temáticas de todas as narrativas viáticas, fizemos o levantamento do vocabulário em duas fases. Numa primeira etapa, levantámos as formas, que mostram valores algébricos conferentes de significação estatística. Estes vocábulos e expressões estão listados no vocabulário por ordem decrescente e alfabética (Anexo 2 e Anexo 3).

A análise estatístico-lexical inicia-se pela leitura vertical do corpus, listando o vocabulário privilegiado ou preferencial. Numa primeira etapa, arrolamos o vocabulário com um valor estatístico acima de +4, o vocabulário claramente preferencial e, num segundo momento, o vocabulário acima de +2 igualmente privilegiado.

No vocabulário altamente preferencial (+4), deparemos com as frequências 85 – (**6,48**) a palavra gramatical **em**; a f.<sup>50</sup> 28 (**4,43**) a palavra nocional<sup>51</sup> ou plena: **Fátima** e a gramatical **onde**, a f. 22 (**11,22**) **Maria Irma**;

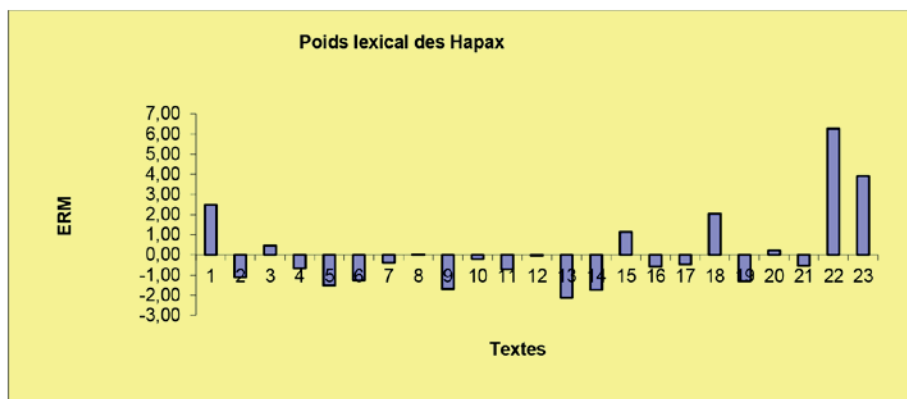
<sup>50</sup> (f.) abreviatura de frequência.

<sup>51</sup> São vocábulos nocionais ou plenos: os nomes, os verbos, os adjetivos, os advérbios em –mente.

a f. 11 (8,29) **Cova da Iria, dia, fui**; a f. 7 (4,79) as palavras: **comboio, estive, seguimos, sua, todos, tudo** e a f. 2 (7,30) constituída por 170 vocábulos e expressões.

Os vocábulos muito significativos no corpus aclaram o quadro paradigmático de todas as turiperegrinações, uma vez que, tão-só, neste pequeno grupo de palavras estatisticamente preferenciais, surge o antropónimo da diarista “Maria Irma”, os verbos de movimento que remetem para a viagem “fui, seguimos”, o meio de transporte empregue “comboio”, um verbo de estado, indicando a permanência do “eu” no local de culto “estive” e os topónimos do santuário “Fátima, Cova da Iria”. Relativamente às palavras gramaticais, ocorre “em” e “onde” que indicam o lugar, o deítico possessivo “sua”, os indefinidos “todos”, “tudo”.

O delineamento das temáticas discursivas foi encontrado nos vocábulos e expressões da frequência 2, juntamente com o vocabulário privilegiado com um valor acima de + 2, porquanto é estatisticamente significativo. É formado pelas frequências: a f. 34 (2,86) a palavra gramatical, no; a f. 30 (3,68) a palavra na; a f. 12 (2,35) a conjunção se; a f. 9 (2,41) as palavras: “após, cerimónias, já, mas, N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>, parte, peregrinação, seguindo, sempre” e a f. 1, os hápax, as palavras que surgem apenas uma vez no corpus e são, por esse motivo, muito informativas.



**Gráfico 2:** o peso lexical dos hápax (freq. 1)

O gráfico de histogramas 2 elucida o peso lexical dos hápax, isto é, dos vocábulos e expressões que aparecem uma única vez no corpus. Os textos viáticos que exibem um peso lexical positivo no gráfico 1, mostram no gráfico 2 um peso lexical de hápax negativo, dado que apresentam um vocabulário repetido, ao invés, os textos que ostentam um peso lexical negativo no gráfico 1, por exemplo, os textos 22 e 23 manifestam na frequência 1 um peso lexical

positivo, o que evidencia que, conquanto possuam poucas formas, estas são exclusivas, mais informativas.

Os hápax são numerosos e amplificam os campos temáticos do vocabulário privilegiado do corpus. Como o vocabulário preferencial surge nas baixas frequências, englobando um número expressivo de formas, não foi preciso levantar o vocabulário centrado, estatisticamente entre +2 e -2, nem o diferencial abaixo de -2, uma vez que o respetivo levantamento de todo esse vocabulário estenderia demasiado a nossa análise.

## 5.2 A análise discursiva do DIÁRIO 1

Dado que o programa Stablex permite a execução duma análise estatística extremamente minudente, porque aquilata todas as formas vocabulares das narrativas viáticas do DIÁRIO 1, por esse motivo resolvemos procurar as coordenadas enunciativas pessoais, espaciais e temporais presentes no “eixo do discurso”, bem como determinadas referências intertextuais explícitas e implícitas destacáveis no “eixo dos discursos no discurso” (Fonseca 1994: 315).

Como elucidou o linguista Joaquim Fonseca: “Todo o discurso é imediatamente dominado por uma situação enunciativa, que se organiza em torno das coordenadas *Eu-Tu / Aqui / Agora*” (Fonseca 1994: 315). “É a partir desse sistema de coordenadas – o EU/TU – AQUI – AGORA da enunciação – que se realizam as operações de referenciação que tornam possível a significação e que constituem a base do funcionamento da deixis” (Fonseca 1996: 439).

O segundo eixo encontrável nos discursos é o “eixo dos discursos no discurso”: o encaixe na formação discursiva de discursos doutros autores nomeados (discursos explícitos), outros sugeridos (discursos implícitos), e ainda discursos, por exemplo, doutros diários da mesma escrevente: discursos explícitos e implícitos. Na senda de Michel Foucault, que defende que um discurso se forma na conetividade com outros, isto é, no interior do interdiscurso duma formação social, ou rememorando as suas palavras: “(...) On ne peut dire une phrase, on ne peut la faire accéder à une existence d'énoncé sans que se trouve mis en œuvre un espace collatéral. Un énoncé a toujours des marges peuplées d'autres énoncés” (Foucault 1969: 134).

Os relatos da viajante-escrevente estão preenchidos com outros discursos, alguns são da própria enunciativa e encontram-se noutros diários do seu arquivo pessoal e outros discursos são de autores disponíveis na sua época histórica e foram lidos e absorvidos pelas suas práticas discursivas (Maingueneau 1997: 82).

Com os dados da análise estatística acima explicada, determinamos objetivamente os campos temáticos escorados no vocabulário preferencial do corpus, articulando-os com as noções do “eixo dos discursos” e do “eixo dos discursos no discurso” apresentados pelo linguista Joaquim Fonseca.

Relativamente às coordenadas pessoais do “eixo do discurso” assomam as palavras e expressões que reenviam à diarista, o “eu”, a enunciadora das narrativas (2 ocorrências). A coordenada pessoal está similarmente refletida no antropónimo da assinatura da diarista: “Maria Irma”, que ocorre 22 vezes em 23 narrativas viáticas. Das coordenadas pessoais surgem também os déicticos pessoais e possessivos da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e plural “me, minha, f. 1 comigo, conosco, eis-me, encontrar-me, encontrava-me, minhas irmãs, munidas de farnel (nós)”. As outras pessoas do discurso expressas nos textos são (tu / vós / elas / eles): “Maria José, f. 1 amigos, (prima Maria Antónia) aviso da sua presença, cadetes da escola de guerra, (raparigas) de saúde mais robusta, Geneviève Haegel, Maria Antónia, pároco reverendo padre Matos Soares, primas, primas do Brasil, raparigas, todas de uniforme, tua”. O “tu” e o “vós” remetem para as acompanhantes das viagens da diarista, assim como os seus antropónimos: “Maria José, Maria Antónia, Geneviève Haegel, pároco reverendo padre Matos Soares” e os déicticos sociais: “primas, primas do Brasil, raparigas”.

Quanto às coordenadas temporais dos múltiplos discursos ocorrem os tempos verbais nas desinências dos tempos verbais e nas palavras e expressões indicativas de tempo, nas datas das viagens e nos advérbios de tempo: “dia, 1939, 11 de junho de 1951, 2 dias, agosto de 1940, algumas horas (visita do dia), às 8h, dia 13, dia seguinte, em seguida, junho de 1949, junho, uns dias, setembro de 1942, setembro de 1946, setembro de 1958, f. 1. 1 hora, 22 VIII 1963, 23h, 24 de setembro de 1938, 24 e 25 de setembro de 1938, 24-IX-938, 25 de setembro de 1962, 2 horas, 30 de setembro de 1964, 3-e-4-de-maio-de-1947, 3 horas, 8-de-dezembro-de-1954, 8h, 9-a-10-de-setembro-de-1939, 9-de-setembro-de-1969, 9-e-10-de-setembro-de-1939, 9h, à meia-noite, às 13h 15, às 14h e 50, às 23h 30, às 9h 25, à tarde, de véspera, dia 11, dia 13 de setembro de 1948, diariamente, diariamente, dias, domingo, hora conveniente, maio de 1938, maio de 1945, madrugada, meia-noite, noite cerrada, noite de 10 para 11 de novembro do ano de 1973, passado, pela manhã, pelas 8 horas, rapidamente, sem delongas, setembro de 1938, setembro de 1939, setembro de 1952, tempos remotos, um dia, verão de 1964, VIII 1963”.

Como podemos verificar aparecem as datas concretas das viagens efetuadas pela diarista ao santuário de Fátima.

As temáticas das 23 narrativas manifestam-se, de igual modo, no vocabulário preferencial através das formas verbais da 1.<sup>a</sup> pessoa do singular e do

plural, remetendo para a escrita de “si”, para discursos subjetivamente narrados pela viajante. As formas verbais dos verbos de movimento reenviam ao tema das viagens da narradora e dos seus acompanhantes nas inúmeras turiperegrinações a Fátima. Atente-se nos vocábulos preferenciais: “conduziram, deixaram-me, f. 1 esperando-nos, esperavam, esperavam-nos, esperei, ia, iam, levei-a, parámos, partíamos, pegamos, percorri, principiei, prosseguindo”. Acresce-se ainda as formas verbais representativas da movimentação da viagem da narradora e das acompanhantes das peregrinações ao santuário: “chegamos, principiou, recolhi, regressámos, segui, seguiu-se, subimos, tomei, f. 1 atingimos, atingir, atravessando, começou, dirigimo-nos, dirigimos, dispusemos, partíamos, regresssei, retomei, trouxe, veio, viemos, vim, vinde, vir, voltámos, voltei”.

O tema da turiperegrinação está retratado nos imensos vocábulos, entre eles, muitas formas verbais de verbos de movimento, indicadores do percurso viático, tais como: “seguindo, caminho, chegada, convidada, indo f. 1 apeámos, caminho da ida, chegada de pessoas de família, chegadas, chegado, chegam, chegar, chegaram, clássica paragem, convidados, deixando, deixei, demora, demorada, desembarcámos, deslocado, deslocar-se, habitual percurso, ida, paisagem do percurso, parámos, parando, partia, partíamos, partida, passeio, pequena digressão, pequenas férias, pequenas férias passadas, pequeno passeio, percorrendo, percorri, permanecemos, pouco demorada, (viagem) promovida, prosseguindo, regresso das Berlengas, regresso do Algarve, residência permanente, retorno, tornar, uma ida a Fátima, vai, visita obrigatória”, vocabulário associado ao tema da viagem de lazer e descanso: “descansar, f. 1 ambiente calmo, canseiras, descansar da viagem, descanso, descanso anterior, espairecer, exausta de cansaço, exaustivo trabalho, excelente andamento, fatigada, fatigadas, gosar, gosei, meu labor profissional, (descanso) merecedor, preocupações, sem fadiga, sempre admirada, sempre de pé (viagem turística), tempo livre, visita obrigatória”, no qual surgem verbos como: “descansar, espairecer, gozar”, ou seja, a viagem era feita a um lugar religioso, ao santuário de Fátima, mas era também uma viagem de lazer, feita para dar prazer, para usufruir do “tempo livre”, para “espairecer” do “exaustivo trabalho”.

Por outro lado, importa notar que durante as viagens, a narradora apreciava e contemplava a paisagem cultural, disso nos dão conta os vocábulos preferenciais: “cidade atraente, cidade considerada, cidades, boa ordem, lindas praias, plenamente satisfeitas, f. 1 6 inesquecíveis dias passados, apreciado, boa, boa ordem e elevação, campo, cedros seculares banhados, cercadas de jardins, chuva miudinha e impertinente, chuvas recentes, especial, especial encanto, formosa ria, imediata condução, partilhando”. A sugestiva adjetivação que qualifica os vocábulos associados à envolvente cultural “praias, ria,

cidade, cidades” mostra a forma subjetiva como a diarista observava e sentia os locais visitados.

O tema das visitas ou das excursões despontam nos vocábulos dos hápax: “f. 1 excursão, excursão ao S. Martinho da Golegã, programa da excursão, rápida visita, uma ida a Fátima, um dia”. De notar que ocorrem as formas: “excursão”, “excursão” com o indicativo do local visitado “S. Martinho da Golegã”, o vocábulo “visita”, “ida”, “um dia”, todas estas formas vocabulares remetem para visitas “rápidas”, passagens de horas ou apenas “um dia” ao santuário de Fátima, sem pernoita. Ao invés, as turiperegrinações são visitas mais prolongadas que associam o turismo cultural com as atividades de cariz mais religioso.

Comparecem, no vocabulário preferencial e nos hápax, os meios de transporte usados nas inúmeras peregrinações a Fátima pela diarista. São eles: “comboio, (camionetes) alinhadas e numeradas, autocarro, automóvel, caminho, f. 1 autocarros, caminho de ferro, camioneta, excelente andamento”, ou seja, os transportes disponíveis na época: o automóvel, poucas vezes, o autocarro de passageiros, com frequência, e com a evolução do turismo espiritual e religioso em Fátima, o comboio. Ocorrem inclusive os nomes das estações do caminho de ferro, sobretudo, do Porto, local da proveniência da narradora-viajante, “estação de S. Bento” e as estações perto de Fátima: “estação, f. 1 Chão de Maçãs (estação caminho de ferro), estação de Chão de Maçãs, estação de Fátima, estação de S. Bento, estação do Valado”.

Regressando às coordenadas enunciativas locativas do “eixo do discurso” estas são veiculadas pelos topónimos, por nomes hagiográficos, pelos termos e expressões, incorporando os locais visitados do santuário mariano de Fátima em ascensão, durante todo o século XX, promovido pela igreja portuguesa. São inúmeros os vocábulos e expressões preferenciais das 23 narrativas associadas ao culto, às práticas religiosas, à religiosidade e espiritualidade em geral: “Fátima (28 oc.), Cova da Iria (11 oc.), cerimónias, N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup>, peregrinação (f. 9), 3 pastorinhos da Serra de Aire, adoração ao Santíssimo sacramento, assistindo, Basílica, capelas, capelinha das Aparições, celebração, celebra, celebrou-se, cerimónia, cerimónias-próprias, comunhão, decorreram, fiéis, exposto, findo, imagem, juventude católica feminina, lindos cânticos, Loca do Cabeço, local lugares das Aparições, Maria, missa, morreu (Cristo), piedosamente, programa, santuário, Valinhos, virgem Nossa Senhora, Sr.<sup>a</sup> da Conceição, visitas, f. 13 pastorinhos, 3 pastorinhos da Fátima, 1<sup>a</sup>-aparicação-de-nossa-senhora, actos-de-reparação-e-súplica, actos-litúrgicos, adeus-sempre, adoração-do-santíssimo, adoração-nocturna, 1<sup>a</sup>-estação-da-via-sacra, altares, altifalantes, alumando-me, a Jesus, amo-vos, andor, anfiteatro, anjo branco de neve, anjo da paz, anjo de Portugal, 1.<sup>a</sup> peregrinação a Fátima, bandeiras, baptizar, bastante sacrifício, bênção dos doentes, bênção dos doen-



tes, bento, benzida, caminhos de Deus, campa rasa (pastorinhos), cantando, capela, capela do Carmelo, capela do fundador, capela dos túmulos, capela penitenciária, capelas imperfeitas, capelinha da memória, casa de formação missionária, casa de Lúcia, cerimónias da peregrinação, cerimónias do dia 13, cerimónias emocionantíssimas, chamada, ciências divinas e humanas, comemorar, com sermão, comungando, comungar, comungaram, comunguei, concentrando, concluir-se, conduzido, congregação mariana da Sé, conquista, conquista de Santarém, convite, coração de todos nós, corações inflamados, corpo docente da casa, correndo, Cova, creêm, creio, cruz, decorrendo, decorrido, deram a vida, destacando-se, destinada, destinadas, destino imortal, de todo o mal, devedora, diocesanas, diocese, direção paroquial da juventude católica feminina, direção nacional do Brasil, dirigida, dispensou, diversas ordens religiosas, diversas peregrinações, diversas vezes, diversos altares, diversos países, diversos sacerdotes, dois soldados desconhecidos, dois túmulos, dotada, dotado, duas alas, em silêncio, encerra, encerramento do ano santo, encerrando-se, encosta, encosta do Cabeço, enormes proporções, entoando-se, episcopado português, estações da via sacra do Calvário Húngaro, estrangeiros, extrema simplicidade e a pobreza, facto extraordinário, favores concedidos, fervorosamente, formando-se, formar alas, Francisco, freguesia Senhora da Conceição, glória, graças, grande animação, grande demonstração de fé, grande fervor, grande movimento, grande multidão, grande número de missas, grande peregrinação alemã, grande peregrinação anual, grandes peregrinações, grandiosa manifestação de fé, guardas da polícia de segurança pública, habituais cerimónias, habituais e comovedoras invocações, horas aflitivas, igreja de Jesus, igreja de Santa, igreja dos congregados, imaculada alvura, imagem de Nossa Senhora, implorar, imponente manifestação de fé, imponentíssima manifestação, irmãs reparadoras do Sagrado Coração de Jesus, Jacinta, juventude católica feminina da diocese do Porto, livrar-nos, local bendito, local combinado, local das aparições de Nossa Senhora, Lúcia, lugar, madrinha de Portugal, mãe do céu, magoavam, maiores necessidades, maioria, maior interesse, maior recolhimento, maior recolhimento e fervor, maior recolhimento e piedade, mandada, mandado erigir, mão maternal, mãos dadas, mártir, meditações diárias, meditando, meu retiro espiritual, missa dos Congregados, missão, missa vespertina, missões, mocidade, multidão compacta, multidão era compacta, nossa devoção patriótica (expressão da propaganda salazarista), nossas almas, nossas intenções, numerosas dirigentes, numerosas ramificações, numeroso, numerosos canais, numerosos penitentes de joelhos, paroquiais, pastorinhos, pegamos (andor), pequenino templo, perdão, peregrinação a Fátima, peregrinação anual, peregrinação de 13-X-1951, peregrinação internacional da juventude católica feminina, peregrinações, piedade, poisou em Portugal, pomba do alto pombal (metáfora e imagem), preces, preces de acção de graças, procissão de Nossa Senhora, procissão de retorno, procissão do adeus, programa da peregrinação, re-

cinto, recinto pedregoso e enlameado, recolhimento, recolhimento e fervor, religiosas, religiosas carmelitas alemães, reuniram, reuniram-se, rezando, rezando-se, sagrada comunhão, salvação das almas, santa, santíssima Trindade, santíssima virgem, santuário de Fátima, sarcófagos, Sé catedral do Porto, se celebrava, se destaca, se deu, se dirigem, se encerra, se encontra, se encontravam, se entoaram, se ergue, seguiam, seguida, seguido, seguinte, seguiram a pé, seguiu, sepultados, ser admirado, se rezou, serviço religioso, solenemente, (imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> em) tamanho natural, templo, três pastorinhos, terra bendita, tesoureira (igreja de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição), tomámos, tomando, via sacra, via sacra do calvário Húngaro, vigília nocturna, voou dos céus, votos feitos”. O tema da religiosidade, da devoção é, na verdade, o mais abundante.

Afloram as peregrinações dos visitantes estrangeiros ao santuário de Fátima, através das formas: “f. 1 França, nação, nacionais, nacionalidade, numerosa peregrinação americana, outros locais, repleta de estrangeiros, Rússia”.

Há ainda referência a atividades genéricas realizadas pela diarista, tanto religiosas como profanas veiculadas por vocábulos preferenciais, como: “(f. 9) peregrinação, aquisição, mercado, f. 1 algumas aquisições, algumas frutas, algumas lembranças, algumas obras, mercado local, retiro”. As ações são também transmitidas por formas verbais de verbos de atividade: “fazer, fazia, fiz, fizemos, fazendo, faziam, fez, realizadas, realizam, realizar, realizaram, realizou-se, trabalhava”.

Um outro tema frequente, nos discursos diarísticos de Maria Irma Nunes de Sousa, é o tema das infraestruturas de apoio ao turismo religioso em Fátima, durante cerca de quarenta anos. Referimo-nos aos locais do alojamento escolhidos pela peregrina no decurso das suas deslocações turísticas e religiosas a Fátima: “pensão sagrada família, casa da Senhora D. Adolfina, Catarino, pensão Católica, f. 1 (Hospital) ainda em construção, ainda em obras, alojada, alojei-me, atenciosos cuidados (D. Adolfina), bastantes deficiências, bocados de madeira (alojamento Hospital), bom quarto, bom serviço, bons quartos, casa dos Retiros, alojadas, comodidade, deficiente instalação, deitámos, duas camas, em construção (Hospital), excelente noite, fiquei alojada, hospedados, hospedamo-nos, hospedei-me, hotel, janela, janela do quarto, maiores atenções e cuidados (D.<sup>a</sup> Adolfina), maleta a servir de travesseira (Hospital), maletas, melhor bem estar, parede incompleta, pavimento coberto de fitas, pensão, pensão dos 3 pastorinhos, pensão excelente, pequeno almoço, quarto N.<sup>o</sup> 39, repousei, repouso, tóco de vela (falta de condições no Hospital, 1938)”. Os verbos de estado: “dormi, dormir, estão, estava, ficamos” estão associados à hospedagem da turíperegrina.

Para além dos locais de alojamento que foram evoluindo, de locais em construção (“em construção (Hospital)”), passando pelo alojamento domésti-

co (“casa da Senhora D. Adolfina”) e em pensões, sem qualidade turística até ao aparecimento de alojamento de alguma qualidade (“hotel”), ou seja, a qualidade do alojamento foi acompanhando a procura turística dos peregrinos. Neste vocabulário, encontramos também as apreciações negativas (“maleta a servir de travesseira”, “parede incompleta, pavimento coberto de fitas”) e positivas (“melhor bem estar”, “pensão excelente”) sobre o alojamento experienciado pela diarista.

Associado ao tema do alojamento aparece, no vocabulário privilegiado e nos hápax, o tema dos locais de restauração, bem como dos repastos consumidos pela narradora: “restaurante, sala, f. 1 alimentação foi boa, almoçámos, almocei, almoço, após o jantar, até a hora de almoço, f. 1 bem servido, boas refeições, confraternizando, depois do almoço, depois do jantar, grande refeitório e cozinha, hora das refeições, hora de jantar, jantar, jantei, refeições, restaurante Aviz, se hospedara, se instalaram, servidas, serviu bem”. Com apreciações muito positivas da gastronomia portuguesa (“alimentação foi boa”, “bem servido”, “boas refeições”, “serviu bem”), ao invés do que acontece noutros diários (Diário 2) sobre a gastronomia espanhola, pouco apreciada pela diarista. Como teremos ocasião de verificar no estudo do DIÁRIO 2 de turiperegrinação a Lourdes.

O tema da recordação, muito importante para a escrita dos textos viáticos, é representado por diversas palavras e expressões dos hápax: “algumas-recordações-da-peregrinação-a-Fátima, fundas e inolvidáveis recordações, gratas recordações, melhor impressão, melhor lembrança, memoráveis visitas, recordado, recordando, recordar, saudosa lembrança, saudoso e comovido”. Este tema liga-se, como já dissemos, ao tema da escrita do diário, com indicações diretas aos momentos da anotação das lembranças das viagens: “apontamentos, apontamentos da peregrinação, f. 1 apontamentos necessários, resumo da peregrinação” e ainda pelos verbos de inteção: “f. 1 conhecer, conhecidas, conhecido, falando-nos, falava, falou, ouvimos, soubemos, transmite, transmitindo, transmitiram, transmitiu, vêem-se, vendo-se, ver” conetados com os vários sentidos: a audição “ouvir”, a visão “ver”, com a cognição e a produção linguística representadas pelos verbos “conhecer”, “falar”.

Estes verbos permitem-nos passar à análise do “eixo dos discursos no discurso”, ou seja, à evocação doutros discursos da mesma escrevente e doutros autores.

O segundo eixo da análise discursiva é o “eixo dos discursos no discurso” (Fonseca 1994: 315). No fundo, os 12 diários viáticos de Maria Irma Nunes de Sousa funcionam como um interdiscurso, ou segundo Maingueneau “um conjunto de discursos de um mesmo campo discursivo (...)”, isto é, os discursos dos 12 diários de viagens tecem uma rede de relações interdiscursivas que

podem ser “discursos citados, discursos anteriores do mesmo género, discursos contemporâneos de outros géneros, etc.” (Maingueneau 1997: 62). Como veremos, a narradora-viajante cita discursos doutros autores, menciona direta ou indiretamente extratos, informações de discursos seus doutros diários, refere citações indiretas de guias turísticos, de compêndios de história, quando descreve as paisagens e os monumentos apreciados durante as viagens e os locais históricos visitados.

No âmbito ainda da interdiscursividade, abordaremos, neste momento, a evocação dos discursos explícitos doutros autores, que ocorrem encaixados nas várias narrativas de turíperegrinação a Fátima. Sendo a diarista uma mulher letrada, é provável que tivesse na sua biblioteca pessoal alguns guias turísticos que circulavam no período em que viajou. Por exemplo, os guias publicados por uma editora da sua terra natal, a Livraria Avis, que publicou diversos guias de viagens, tais como a obra: *Guia Turística Ilustrada (Do Minho ao Algarve)*, profusamente ilustrada, que exibia “315 fotografuras sobre monumentos, praias, paisagens, portos de mar, etc.”, ou ainda, do autor Oliveira Cabral, assim como de Arnaldo Pinto: *Guia turística alfabética de Portugal Continental*, da mesma editora portuense. Encontram-se muitas analogias discursivas e imagéticas nos discursos dos dois autores e no da diarista. Recorde-se a propósito, a página 45 do DIÁRIO 1, no qual a narradora-viajante mencionou uma “expressiva trova” do “cancioneiro popular” português:

Ó Aveiro! Ó Aveiro,  
Que tens marinhas de sal.  
Não há terra mais bonita  
No reino de Portugal!... [p. 46]

Esta mesma quadra popular com uma pequena variante discursiva, no último verso, está presente na obra de Oliveira Cabral (s. d.: 31), “neste nosso Portugal”, em vez de “No reino de Portugal”. Neste caso concreto, observa-se o encaixe de discursos doutros autores no discurso diarístico de Maria Irma, ou seja, estamos no domínio do “eixo dos discursos no discurso”. No plano ilustrativo, as imagens disponibilizadas pelos dois autores são muito semelhantes às suas, porque seriam, por certo, as imagens fabricadas pela cultura epocal do regime e disponibilizadas ao público em geral: “As marinhas de sal”, “A ria”, o “Túmulos de Santa Joana” (Cabral s. d.: 30), entre outros. Encontramos também muita similitude no emprego vocabular dos discursos dos historiadores e da diarista. Repare-se nas expressões: “cidade pitoresca”, “beleza paisagística”. No plano imagético, quer as imagens recortadas e coladas pela diarista e as usadas pelos citados autores, nos seus guias, são estáticas, estereotipadas, sobretudo, as dos monumentos representativos da história de Portugal, tais como: o Mosteiro da Batalha (Cabral s. d.: 120-1) e o Mostei-

ro de Alcobaça (Cabral s. d.: 122-3). Eram as representações discursivas e imagéticas dos locais históricos visitados construídas e propagandeadas pela publicidade turística no Estado Novo.

A análise estatística aplicada aos discursos do DIÁRIO 1 comprovou a presença da interdiscursividade no vocabulário deste diário, por exemplo, nas seguintes expressões dos hápax: f. 1 (quadra) A. Correia de Oliveira (discurso doutro autor), f. 1 cancionero popular (discurso no discurso), longe da guerra (expressão da propaganda salazarista), nossa devoção patriótica (expressão da propaganda salazarista), nossas províncias ultramarinas (expressão da propaganda salazarista), nossos monumentos (expressão da propaganda salazarista), notável e histórico mosteiro, notável e incomparável trabalho artístico (discurso historiográfico do salazarismo), página viva da história de Portugal (expressão da propaganda do Estado Novo), pátria (expressão da propaganda salazarista), valor dos nossos (heróis) (discurso historiográfico do salazarismo).

O discurso historiográfico do Antigo Regime desponta nos discursos da diarista através do apelo às personagens emblemáticas da história pátria, revelado nos antropónimos dos heróis construídos pela historiografia do regime autoritário, a título exemplificativo, atente-se no vocabulário estatisticamente preferencial: “D. Pedro, Princesa Santa Joana, f. 1 (D. João I) 4-dos-seus-filhos, Afonso, D. Afonso Henriques, antepassados, D. Afonso V, D. Dinis e D. Isabel, D. Filipa de Lencastre, D. Fuas Roupinho, D. Henrique, D. Inês de Castro, D. João, D. João II, estátuas jazentes, filha de D. Afonso V, filho, foi coroado rei de Portugal, Henriques, heróis ignorados, João I, príncipe D. Afonso, santa rainha Isabel de Aragão, valor dos nossos”.

Associado à componente turística vulgarizada no período ditatorial, surge nos 23 discursos de Maria Irma as referências aos estereótipos do turismo nacional, estribados na promoção do litoral, do turismo urbano das cidades situadas na orla costeira portuguesa e no turismo histórico-cultural evidenciado na promoção da visita aos monumentos representativos da “grandiosa” história do país. No vocabulário dos 23 discursos viáticos ressaltam os tópicos enunciados: os locais turístico-culturais, os monumentos emblemáticos, aos heróis pátrios, e também a descrição dalgumas partes constituintes do património material mais visitado e admirado na época: “abóbada, Aguda, Alcobaça, Espinho, Figueira da Foz, Granja, Jardim Botânico (Coimbra), lindas praias, Portugal, f. 1 baixos-relevos alegóricos, barcos moliceiros, Barrinha de Esmoriz, Batalha de Aljubarrota, avistando, avistava, beleza da ria, belezas, belezas naturais, belo acidente natural, bonita, bonita cidade, costa, Costa Verde, curiosos barcos moliceiros (personificação), deslumbrada, deslumbrando, elegantes e aristocráticas moradias (personificação), encanta, encanta e deslumbra, encanto, grande maravilha da arquitetura, grande valor,

grandiosa beleza arquitetônica, grandiosa obra de arte, grandioso mosteiro, histórica igreja de estilo românico, histórico castelo, inconfundível pitoresco (aveiro), inúmeros canais (Aveiro), linda praia, lindas praias do Atlântico, lindos prados verdes, Lisboa, mais notável dos monumentos de Portugal, mar de um azul magnífico, matas de choupos, montanhas da Beira, monumentos, Museu de Arte Sacra, muito conhecida, Nazaré, obra de arte, obras de arte, ondas encapeladas, Ovar, praia, praias da Costa Nova e da Barra, preciosas esculturas, região da Bairrada, repleta de beleza natural, resplandecente como o sol, romântico Mondego, salinas, Santarém, Sé Velha, singular beleza, situadas, S. João da Madeira, soberbo espectáculo do mar, tão lindo, terceira cidade do país, típicos barcos saveiros, vale do rio Lis, vasta sala, vastos canais espalhados, verdadeiras maravilhas de arte, vitória”.

Os temas da vivência, da experimentação, de emotividade sentidas durante as viagens e gravadas no vocabulário escolhido no momento da escrita diarística comparecem, de igual forma, nos vocábulos preferenciais, como por exemplo, nos vocábulos e expressões dos hápax: “f. 1 admiração, admirada, admirados, admirável, admirei, adoram, adoro, agradecer, alegria, amam, apreciado, apreciar, ardoroso, aspiram, emoção, entusiasmo, encanto, esperança, espero, grande agrado, imenso agrado, imenso gosto, impressão, impressionando-me, impressões, intensamente vividos, intenso, maior agrado, maior apreço, meu agrado, merecedores de admiração, satisfeita, satisfeitas, satisfizemos, vontade” e pelos verbos de sentimento: “gostei, f. 1 admirei, adoro, agradecer”. As emoções descritas são apreciações positivas dos cenários visionados nas inúmeras visitas e turíperegrinações ao santuário.





## CAPÍTULO 6

### A TURISTIFICAÇÃO DO SANTUÁRIO DE FÁTIMA

## 6.1 A turistificação do santuário de Fátima

Como é sabido a atividade turística é um fenómeno social e económico que se repercute no espaço (Serra 2017: 249). No caso concreto do santuário de Fátima, o aumento progressivo das deslocações dos peregrinos dos seus locais de origem até ao destino religioso, aconteceu, sobretudo, após a aprovação do culto mariano em Fátima, a 13 de outubro de 1930, pelo então bispo de Leiria. A partir dessa data, começaram a intensificar-se as peregrinações à Cova da Iria. Assim sendo, a primeira etapa da vida do pequeno santuário encerrou em 1940, com a criação canónica da fábrica e a consequente entidade jurídico-administrativa autónoma do santuário, enquanto representante dos interesses da Igreja perante a sociedade civil. A Concordata de 1940 feita entre o Estado Português e a Santa Sé veio libertar o santuário da prestação de contas à parte civil e reconhecer a autonomia jurídica e financeira à sua fábrica, gestora de todos os bens do mesmo. Um ano depois (1941) foi dado mais um passo para a emancipação do santuário, este torna-se independente da paróquia de Fátima e o capelão passou a ter a função de reitor que ainda hoje perdura. Estavam, então, criadas institucionalmente pelos dois principais agentes (Estado e Igreja) as condições necessárias para aumentar a atratividade turística do local de culto (Melícias 2015).

As alterações espaciais observadas no santuário de Fátima foram causadas pelo gradual e, a partir das condições acima descritas, exponencial aumento de visitantes, conduzindo a um crescimento da população residente e transformando administrativamente um pequeno lugar (a Cova de Iria), numa vila e, mais recentemente, numa cidade, em 1997.

As transformações administrativas acompanharam a promoção turística do santuário executada, em primeiro lugar, pela Igreja Católica, impulsoradora de múltiplos eventos religiosos interna e externamente, mas também pelo Estado Português, que através dos Caminhos de Ferro portugueses, mandou criar uma paragem próxima do santuário em Chão de Maçãs e implementar comboios especiais para Fátima com o intuito de aumentar a atratividade turística do referido centro religioso.

Tal como verbaliza Eduardo Jesus “O turismo desencadeia e altera as percepções de valores, desloca diferentes formas de capital, enriquece pessoas e localidades e isso aproxima inúmeras oportunidades àquelas pessoas que podem ter no turismo o seu meio de subsistência. O turismo tem efeitos diferentes e indiretos no turista, na comunidade de acolhimento e em todos os protagonistas de uma longa cadeia de serviços” (Jesus 2014: 33).

Na verdade, o turismo provoca efeitos, umas vezes, positivos e, outras, negativos nos turiperegrinos e visitantes, na população residente, nos agentes

do sistema turístico em geral, levando a um ordenamento dos espaços de culto, comerciais, de oferta hoteleira, etc. Foi precisamente o que sucedeu, em termos gerais, em Fátima.

## **6.2 A turistificação do santuário de Fátima através do olhar da diarista**

O DIÁRIO 1 – “Portugal – Fátima” permite observar as várias alterações da espacialidade no santuário, bem como captar os efeitos do turismo religioso sobre o território através do olhar da diarista Maria Irma Nunes de Sousa.

Servindo-nos do estudo do DIÁRIO 1 “Portugal – Fátima”, como um estudo de caso, podemos acompanhar os efeitos da turistificação de Fátima, na perspetiva da turiperegrina Maria Irma. A diarista nos seus 23 relatos forneceu informes interessantes sobre a evolução das infraestruturas, tais como: o alojamento, os meios de transportes, os agentes promotores das viagens, entre outros.

Assim a viajante-escrevente, na 1.<sup>a</sup> turiperegrinação efetuada ao santuário a 13 de maio de 1938, forneceu informes sobre os seus acompanhantes: “um grupo de raparigas da Juventude Católica Feminina”, sobre o meio de transporte usado “a camioneta”. Proferiu que, na época, a Cova da Iria era um pequeno lugar, sendo o recinto de culto “pedregoso e enlameado”, o que significa que ainda não estava pavimentado. A capela das Aparições era “um pequenino templo”, o espaço envolvente encontrava-se em terra batida, ou seja, não estava preparado para receber a “já grande multidão” de “numerosos penitentes”, conforme informou, na página 5. As infraestruturas de alojamento para apoio aos turiperegrinos também ainda não estavam em perfeitas condições, encontrando-se em construção o “Hospital”, local de pernoita para peregrinos, em 1938, conforme ficou claro na página 6 da mesma turiperegrinação “ainda em construção”.

Na 2.<sup>a</sup> turiperegrinação realizada no mesmo ano no mês de setembro, a diarista mencionou o uso dum “comboio especial” até Aveiro, tendo sido usada uma camioneta para visitar turisticamente a cidade, retomando o comboio de novo até Leiria. Portanto, em 1938, já se organizavam viagens turístico-religiosas em grupo para idas ao santuário. Na cidade de Leiria, camionetas conduziram o grupo à Cova da Iria, tendo ficado alojadas na “Pensão Sagrada Família”. Nesta peregrinação ao santuário, a programação das viagens e as infraestruturas já estavam mais organizadas, com ligações entre os meios de transporte (comboio e camionete) e visitas turísticas às cidades do litoral (Aveiro e Leiria), bem como evidentes melhorias no alojamento.

Na 3.<sup>a</sup> turiperegrinação de 9 e 10 de setembro de 1939, Maria Irma foi, de novo, em grupo, em peregrinação a Fátima num “comboio especial”, com paragem em Coimbra para almoçar e visitar a cidade, retomada a viagem de comboio até Leiria, com uma nova visita cultural em camionete ao “Mosteiro de Batalha”, tendo ficado alojada na mesma pensão da peregrinação anterior “Pensão Sagrada Família”. Lamentavelmente, a diarista não nomeou os programadores (agentes do sistema turístico) das duas referidas turiperegrinações. Contudo, podemos inferir que, em 1938-39, eram já organizadas muitas viagens de turiperegrinação a Fátima, designadamente a partir do Porto, conjugando atividades turísticas histórico-culturais e celebrações religiosas.

Na quarta turiperegrinação realizada em agosto de 1940, a redatora viajou, de novo, num “comboio especial”, saído da “Estação de S. Bento no Porto”, desta vez, apreciou a “beleza paisagística” da “janela do comboio”, pois a viagem já era direta a “Chão de Maçãs”, estação próxima da Cova da Iria, seguindo de “camionete” para a “Pensão Católica”. A diarista tece uma crítica ao alojamento “o quarto tinha bastantes deficiências”, e um apreço à “alimentação foi boa”. As infraestruturas hoteleiras ainda não eram as melhores em 1940.

Na quinta turiperegrinação, efetuada em junho de 1941, referiu a sua ida a Fátima a convite do pároco da sua freguesia (Padre Matos Soares), deduz-se que foi ele o programador da referida viagem, talvez apoiado por alguma agência de viagens da cidade do Porto. A turiperegrinação teve, como habitualmente, paragem em Aveiro, Coimbra, Batalha, omitindo o meio de transporte usado. Nesta viagem, o alojamento em obras, em 1938, o “Hospital”, nesta data, já apresentava boas condições de acolhimento, pois mencionou que partilhou “um bom quarto”. Por conseguinte, pelos relatos da diarista as infraestruturas turísticas na envolvência do santuário estavam a evoluir, graças à maior procura.

A 6.<sup>a</sup> turiperegrinação aconteceu em setembro de 1942, no ano do 25.<sup>o</sup> aniversário das Aparições. Curiosamente, desta e da próxima peregrinação efetuada em maio de 1945, registou apenas uma síntese da cada uma delas, tendo mencionado que ficou alojada numa casa de família (D.<sup>a</sup> Adolfinha e marido), alojamento privado familiar, o que demonstra que a procura estava a aumentar e a comunidade local a aproveitar o acréscimo de turismo religioso. Comentou “assisti, em Fátima, à grande peregrinação anual que, (...) reuniu na Cova da Iria, milhares de fiéis piedosos!”.

Em setembro de 1946, na 8.<sup>a</sup> turiperegrinação a escrevente fez um retiro em Fátima de vários dias antecedentes ao dia 13. Indicou que ficou alojada na “pensão Católica” e mencionou que fazia as suas “meditações diárias” na “Capela do Carmelo”, ou, Carmelo de S. José de Fátima, a primeira capela dedicada aos pastorinhos, fundada em 1933. Temos aqui uma alusão à cons-

trução das primeiras infraestruturas religiosas que começaram a ocupar o espaço do santuário a partir de 1930. Os retiros em Fátima tornaram-se uma prática comum, tendo inclusive sido criadas Casas de Retiro.

Na 10 turiperegrinação ocorrida a 3 e 4 de maio de 1947, a diarista participou na peregrinação Internacional da Juventude Católica Feminina. Na síntese, desta peregrinação, Maria Irma elucidou sobre a “imponentíssima manifestação” de “dirigentes da Juventude Católica Feminina de diversos países entre os quais a Rússia” e o Brasil. Aludiu, neste relato, claramente à promoção turística e religiosa feita a Fátima. Estado e igreja, depois da Concordata de 1940, estavam de mãos dadas na turistificação do santuário mariano português.

Na visita ao santuário mariano de 13 de setembro de 1948, o objetivo foi a bênção duma imagem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima para a Sé Catedral do Porto. Note-se que, nos finais da década de 40, designadamente as viagens de 1947 e 1948 já foram efetuadas em automóvel.

As motivações das peregrinações concretizadas por Maria Irma de junho de 1949 a dezembro de 1954 são as mesmas das viagens da década anterior: a devoção, a religiosidade, o turismo cultural, a necessidade de descansar do labor profissional, entre outras.

Nas viagens de turiperegrinação de junho de 1949 e setembro de 1950, pernitou nas Pensões “Católica” e “Sagrada Família”. Na 14.<sup>a</sup> turiperegrinação de 11 e 12 de junho de 1951, ficou alojada na “Casa dos Retiros”. Deve ter ficado na “Casa dos Retiros de Nossa Senhora das Dores”, uma vez que foi a primeira a ser edificada num antigo albergue de doentes. A 13 de outubro de 1951, assistiu ao “Encerramento Ano Santo”, com vista à celebração desta cerimónia o santuário passou por muitas remodelações e ampliações do seu espaço.

O santuário teve vários planos urbanísticos, mas por vicissitudes várias, associadas, sobretudo, aos diferentes poderes católicos no santuário, as suas construções não obedeceram a um plano urbanístico concreto. Ao invés, Fátima foi-se tornando num espaço turístico religioso, crescendo à medida das necessidades de acolhimento dos turiperegrinos.

Voltando aos informes do DIÁRIO 1, em setembro de 1952, a diarista regressou a Fátima com o objetivo de orar e descansar e ficou alojada numa outra unidade hoteleira a “Pensão dos 3 Pastorinhos”.

Retornou ao santuário mariano a 8 de dezembro de 1954. Nesta época, já estava construída e consagrada a Basílica de Nossa Senhora do Rosário, construção só referenciada por Maria Irma na visita de 25 de setembro de 1962.



Há um interregno de 5 anos, nas idas a Fátima, talvez por razões de saúde ou de “exaustivo trabalho”, como profere na 18.<sup>a</sup> turiperegrinação. Nessa estada de 11 a 17 de setembro de 1960, Maria Irma “foi de comboio directa à estação de Fátima onde um bom serviço de camionetes garante imediata condução para a Cova da Iria”. Os transportes para o santuário de Fátima, de acordo com o apreço da turista cultural, tinham melhorado muito. Dessa vez ficou alojada, na “Casa Beato Nuno”, hoje um hotel de 3 estrelas. A quantidade de alojamento em Fátima tinha-se expandido muito, desde as primeiras peregrinações. A autora teceu o seguinte comentário: “Pensão excelente, dirigida por religiosos Carmelitas alemães”. Na verdade, em 1960, o santuário de Fátima já era um grande centro religioso.

Nos relatos feitos durante a década de 60, registam-se alterações significativas a nível das infraestruturas religiosas, comerciais, de transporte, de acessos em torno do santuário.

Na visita de 25 de setembro de 1962, as motivações são as mesmas das restantes viagens (devoção e turismo), o agradecimento de “mercês concedidas”, o aproveitamento da viagem até Fátima para visitar os monumentos e os lugares mais turísticos do centro do país: os claustros da Igreja de Santa Cruz, em Coimbra, a visita e almoço, em Leiria, num restaurante apreciado “Aviz”, etc..

Na visita de 22 de agosto de 1963, Maria Irma, ao regressar dumas pequenas férias nas Berlengas, passou por Fátima e constatou que, nessa altura, o santuário já era um grande centro de devoção. No Diário 4 – VIAGENS TURÍSTICO-CULTURAIS ÀS BERLENGAS, ALGARVE E FÁTIMA (1963, 1964), numa viagem turístico-cultural às Berlengas, efetuada entre 18 e 22 de agosto de 1963, e, numa visita rápida a Fátima, a escrevente reconheceu nesse diário que o santuário de Fátima era, na época, um “centro mundial de grandes peregrinações”.

No ano seguinte, em 1964, de regresso de férias no Algarve ocorridas entre 25 e 30 de setembro, Maria Irma fez um desvio, no percurso, para ir ao santuário de 30 de setembro para 1 de outubro de 1964. No mesmo DIÁRIO 4 – que reuniu a narrativa da viagem às Berlengas e a compilação dos apontamentos dumas férias no Algarve, a diarista forneceu mais alguns informes sobre essa turiperegrinação a Fátima. Pernoitou na “Pensão Catarino” e apreciou a sua hospedagem. Nessa estada em Fátima, decidiu fazer, um outra vez, uma peregrinação a todos os lugares das Aparições: Valinhos, Via-sacra do Calvário Húngaro, Lapa do Cabeço e Cova da Iria, como em muitas outras peregrinações. Curiosamente, nesta peregrinação, há uma alusão a uma grande peregrinação americana: “Como tivesse chegado uma numerosa peregrinação americana da qual faziam parte diversos sacerdotes, os altares foram

rapidamente ocupados, celebrando-se simultaneamente grande número de Missas!”.

Recorde-se que os católicos norte-americanos ofertaram a grande estátua do Imaculado Coração de Maria, que foi colocada no nicho da fachada da Basílica a 13 de junho de 1956.

O santuário de Fátima era, na verdade, nesse período, um grande centro religioso, procurado por católicos de todo o mundo.

Na 22.<sup>a</sup> turiperegrinação efetuada com a amiga francesa Geneviève Hae-gel, a 9 e 10 de setembro de 1969, a diarista deslocou-se ao santuário com a amiga, durante 2 dias, com a intenção de lhe mostrar “um pouco das belezas que o nosso Portugal encerra”, ressoando nas suas palavras o discurso turístico da propaganda do regime, nomeadamente na expressão típica: “o nosso Portugal”. As duas turistas estiveram em Fátima, tendo visitado tudo “em minúcia”. Porém, a diarista registou a turistificação que estava a acontecer em Fátima. Verbalizando num tom crítico: “As impressões não foram as melhores, verificando-se, em alguns lugares, uma transformação em centro comercial, pouco edificante!”. O santuário de Fátima estava a turistificar o espaço envolvente.

Em relação ao alojamento a diarista manifestou o seu agrado. Pernoitaram na “Pensão Catarino”: “bons quartos” e “boas refeições”.

A divulgação do santuário de Fátima foi bem orquestrada pelo Estado e pela Igreja, granjeando um número crescente de peregrinos e obrigando a uma adaptação e à construção de mais instalações urbanísticas. A partir da década mencionada, verificou-se uma ampliação do recinto, foi erigida a colunata, arruamentos, a Praça de Santo António, entre outras obras (Melícias 2015: 60). As alterações espaciais iam respondendo aos interesses dos agentes do sistema turístico e, neste caso em particular, da Igreja, do Estado e dos empresários locais, nacionais e internacionais (Serra 2017: 257).

Por fim, a última turiperegrinação ao santuário assinalada no DIÁRIO 1, ocorreu de 10 para 11 de novembro de 1973. A turista aproveitou uma outra viagem a S. Martinho da Golegã, para fazer mais uma peregrinação ao santuário de Fátima. Deu conta que ficou alojada nas “Irmãs Reparadoras do Sagrado Coração de Jesus”.

Na década de 70, Fátima já era administrativamente uma vila, transformando-se num local de turismo religioso massificado com consequências na qualidade dos serviços prestados aos turiperegrinos, como nos informou a diarista, na sua turiperegrinação de 1969.



# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dissemos na introdução deste trabalho, o DIÁRIO 1 “Portugal – Fátima” é o primeiro de 12 diários viáticos duma mulher comum, natural da cidade do Porto, a ser por nós estudado numa abordagem multidisciplinar (histórica, arquivística, turística, linguística). Os referidos textos de viagem são exemplos paradigmáticos de relatos de viagens turístico-culturais e espirituais pouco encontráveis na literatura em Portugal. Daí a importância da sua edição, estudo e divulgação.

A narradora-viajante na abertura dos seus diários tem o cuidado de esclarecer junto do putativo leitor as suas motivações: a prática do turismo cultural e a devoção. Na maior parte das suas viagens, Maria Irma saía da sua cidade natal, o Porto, em direção ao santuário de Fátima, durante os percursos de ida e volta, admirava a paisagem cultural, o património material (histórico e monumental) recomendado pelo turismo português da época, não se esquecendo de registar as referências ao alojamento, às refeições, às compras, tecendo o seu apreço ou desagrado em relação às infraestruturas turísticas que iam sendo construídas à volta e por causa do santuário mariano.

A diarista, como todo indivíduo, foi influenciada pela história da sua época. É um “eu”, uma enunciativa de discursos viáticos, que estão datados, por isso mesmo não escapando às circunstâncias do espaço e do tempo, ou seja, do país e do momento histórico vividos pela narradora-viajante. Por conseguinte, nos seus textos a turista cultural fez ecoar as palavras e as expressões bebidas nos discursos lidos (guias turísticos, manuais de história pátria) influenciados pela propaganda turística e cultural construída

e transmitida pelos órgãos dirigentes da comunicação social e do turismo no regime salazarista (SPN<sup>52</sup>, SNI<sup>53</sup>). Os monumentos visitados, nas suas viagens ao santuário de Fátima, eram sempre os mesmos, eram os aconselhados nos breviários turísticos do salazarismo, ou seja, eram os símbolos da “grandeza” da nação portuguesa propalada pelo regime autoritário: o Mosteiro da Batalha, o Mosteiro de Alcobaça, ou monumentos religiosos: o antigo Convento de Jesus (túmulo da Princesa Santa Joana), em Aveiro. As cidades visitadas eram as mais “pitorescas”, para empregar um termo caro à diarista e recorrente no discurso turístico do Estado Novo. Esse vocábulo era atribuído a Aveiro, Leiria, Figueira da Foz e à mais famosa praia do centro do país: a Nazaré e ao seu mítico sítio associado à lenda do D. Fuas Roupinho, mas também à cidade natal – o Porto. Em Coimbra era visitado o famoso “Portugal dos Pequeninos”, construção de Cassiano Branco em 1940. Este marco histórico e pedagógico das inúmeras gerações juvenis portuguesas que procurou retratar a “portugalidade” e a “presença portuguesa no mundo” tão prezados pela ideologia do regime do Estado Novo.

Como constatamos acima, apesar deste DIÁRIO 1: “Portugal – Fátima” ser um texto não literário do género viático, datado, é uma fonte histórica interessante para o acompanhamento do processo de turistificação do santuário de Fátima. Pelo olhar da diarista Maria Irma Nunes de Sousa, sobretudo, nas últimas turiperegrinações, já nos apercebemos da massificação turística do santuário mariano.

No próximo trabalho, sobre o DIÁRIO 2: “Turiperegrinação a Lourdes” (1958), precederemos, igualmente à edição do original manuscrito, e analisaremos o mesmo numa perspetiva multidisciplinar semelhante à aplicada no DIÁRIO 1. Nesse segundo diário, a viajante-escrevente descreve duma forma detalhada a sua turiperegrinação ao santuário mariano de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Lourdes, no centenário das Aparições, em 1958. O santuário de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Lourdes, em meados do século XX, era muito mais visitado do que o santuário de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> de Fátima, este cenário inverteu-se na atualidade.

---

<sup>52</sup> O *Secretariado da Propaganda Nacional* foi criado em 1933, com o objetivo de dirigir a comunicação social, o turismo e a cultura, durante o regime do Estado Novo em Portugal.

<sup>53</sup> O *Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo* adotou esta designação a partir de 1945. Era o organismo que tutelava a propaganda política, a informação pública, a comunicação social, o turismo e a cultura no Estado Novo.

Para finalizar, gostaríamos de alertar para a necessidade de preservar, editar e estudar em múltiplas perspectivas científicas os egodocumentos dos arquivos pessoais, tais como: os diários, as correspondências, as fotografias, materiais que podem ajudar os investigadores a conhecerem melhor factos poucos estudados relacionados com a evolução do turismo cultural e espiritual de muitos locais religiosos e profanos.





# BIBLIOGRAFIA GERAL

## Fontes manuscritas

Sousa, Maria Irma Nunes de

\_\_\_\_\_ D1 – Caderno de peregrinações a Fátima, de 13 de maio de 1938 a 11 de novembro de 1973.

\_\_\_\_\_ D2 – Caderno de peregrinação a Lourdes, de 26 de agosto a 5 de setembro de 1958.

\_\_\_\_\_ D4 – Caderno de “apontamentos da excursão às Berlengas em 18 a 22 de agosto de 1963”, viagem ao Algarve de 25 a 31 de setembro 1964, viagem a Fátima de 31 de setembro a 1 de outubro de 1964.

\_\_\_\_\_ D7 – Caderno da viagem à Alsácia e à Suíça, de 17 de julho a 12 de agosto 1969.

\_\_\_\_\_ D10 – Caderno – Resumo de todas as viagens. (Antes de 1938 a 1973).

\_\_\_\_\_ A1 (Álbum 1) Viagem de peregrinação a Lourdes, de 26 de agosto a 5 de setembro 1958.

## Fontes impressas

Adam, Jean-Michel (2005). *La linguistique textuelle: introduction à l'analyse textuelle des discours*. Paris: Armand Colin.

Albert, Jean-Pierre (1993). “Façons d’écrire. Approches anthropologiques de l’écriture ordinaire”. In: *Lire en France aujourd’hui*. Paris: Edition du Cercle de la Librairie: 183-206. Martine Poulain (direction de).

(S.n.) (1953): *Álbum de Portugal: repositório gráfico das suas belezas naturais, seus monumentos e grandes obras realizadas para engrandecimento nacio-*

---

Santana, Maria Olinda Rodrigues (2020). *Diários de viagem duma portuense – Diário 1: Turiperegrinações a Fátima (1938-1973)*.

- nal. (S.l.): O Século.
- Artières, Philippe (1998). “Arquivar a Própria Vida”. *Estudos Históricos* 21. Revista História Contemporânea Brasil. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos Brasileiros – IEB / USP: 1-30. Tradução de Dora Rocha.
- Artières, Philippe; Kalifa, Dominique (2002). *L'historien et les archives personnelles: pas à pas*. Internet. Disponível em <https://www.cairn.info/revue-societes-et-representations-2002-1-page-7.htm>: 7-15. (Acedido 28, fevereiro, 2020).
- Augé, Marc (2003): *El tiempo en ruinas*. Barcelona: Gedisa.
- Austin, J. L. (1970). *Quand dire, c'est faire*. Paris: Éditions du Seuil.
- Bakhtin, Mikhaïl (1926): “Le discours dans la vie et dans la poésie”. In: Todorov, T. (1981): *Mikhaïl Bakhtin: le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil.
- \_\_\_\_ (1984): *Esthétique de la création verbale*. Paris: Gallimard.
- Barros, Vera Gouveia (2016). *Turismo em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Barthes, Roland (1976). *O prazer do texto*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Edições 70. Tradução portuguesa.
- \_\_\_\_ (1977). “Escritores e Escreventes”. In: *Ensaaios Críticos*. Lisboa: Edições 70: 205-215.
- Benveniste, Émile (1987). *O Homem na Linguagem*. Lisboa: Arcádia.
- Cabral, Oliveira (s.d.). *Guia turística Ilustrada (Do Minho ao Algarve)*. Porto: Livraria Avis.
- Cadet, Christiane; Charles, René; Galus, Jean-Luc (1990). *La communication par l'image*. Paris: Éditions Nathan.
- Camlong, André (1984). “Essai d'analyse sémiotique du sonnet VIII de Cláudio Manuel da Costa”. In: *Separata Arquivos do Centro Cultural Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Paris: Centro Cultural Português, XX: 115-147.
- \_\_\_\_ (1991). *Stablex Pratique. Indexation des Textes. Traitement Statistique des Lexiques. Extraction des Séquences. Création des Dictionnaires. Les Huit Contes en prose de Ch. Perrault*. Toulouse: Teknea.
- (S.n.) (1950): *Cartilha da Terra Portuguesa*. Lisboa: Edições S.N.I.
- Castillo Gómez, Antonio (2000). “Un archipiélago desconocido: Archivos y escrituras de la gente común”. In: *Revista Archivamos*, n.º 38 (4.º trimestre): 6-11.
- \_\_\_\_ e Monteagudo Robledo, José Ignacio (2000): “Los archivos europeos de la escritura popular”. In: *Revista Archivamos*, n.º 38 (4.º trimestre): 5.
- \_\_\_\_ (2001). *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Gipuzkoa: Sendoa. (Ed.).
- \_\_\_\_ (2001): “Tras la huella escrita de la gente común”. In: *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Gipuzkoa: Sendoa: 9-34. Antonio Castillo Gómez (ed.).

- Chantal, Suzanne (1944). *PORTUGAL terres et gens*. Lisboa: Shell Portuguesa. Colaboração S.N.I.
- Croix, Alain; Guyvarc'h, Didier (1990). *Guide de l'Histoire Locale: faisons notre histoire!* Paris: Seuil. (Direction de).
- Cunha, Licínio, Abrantes, António (2013). *Introdução ao Turismo*. 5.<sup>a</sup> edição atualizada e aumentada. Lisboa: Lidel – Edições Técnicas, Lda.
- Cunha, Paula Morais (2012). “Apontamentos teóricos sobre literatura de viagens”. *Caracol 3 - Dossiê*: 152-174. PDF. (Acedido 1, outubro, 2016).
- Dekker, Rudolf (2002<sup>a</sup>). “Introduction”. In: *Egodocuments and history: autobiographical writing in its social context since the Middle Age*. Hilversum: Verloren: 7-20.
- \_\_\_\_\_. (2002<sup>b</sup>). “Jacques Presser’s heritage: egodocuments in the study of History”. *Memoria y civilización* (MyC), 5: 13-37.
- Fabre, Daniel (1993). *Écritures ordinaires*. Paris: Editions P.O.L. / Centre Georges Pompidou. (Dir.)
- Faria, Cláudia (s.d.). “As travessias da diarística e da escrita do eu (Possíveis reflexões)”. Internet. Disponível em <https://cetaps.academia.edu/ClaudiaFaria> (Acedido, 27, março, 2020).
- Fonseca, Joaquim (1994). *Pragmática Linguística: introdução, teoria e descrição do Português*. Porto: Porto Editora.
- Foucault, Michel (1969). *Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- García Lorenzana, Francisco (2001). “Conjurar el olvido: Archivos de la Memoria Popular”. In *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Madrid: Sendoa. António Castillo Gómez (ed.): 191-204.
- Hagège, Claude (1990). *O Homem Dialogal: contribuição linguística para as Ciências Humanas*. Lisboa: Edições 70. Tradução portuguesa.
- Horne, Donald (1984). *The Great Museum: the representation of history*. London: Pluto Press.
- Jesus, Eduardo Taborda de (2014). *História e Gestão do Turismo Católico: Pastoralismo e turismo*. 1.<sup>a</sup> edição. Porto Alegre: DM Editora.
- Lacoue-Labarthe, Isabelle; Mouysset, Sylvie (2012). «De ‘l’ombre légère’ à la ‘machine à écrire familiale’», *Clio. Femmes, Genre, Histoire*, 35, 2012, URL: <http://clio.revues.org/10489>: 7-20. (Acedido 1, outubro, 2016).
- Le Goff, Jacques (1999): *Reflexões sobre a História*. Lisboa: Edições 70. Tradução de António José Pinto Ribeiro.
- MacCannell, Dean (1976). *The tourist: a new theory of the leisure class*. New York: Schocken.
- Maingueneau, Dominique (1997). *Os termos-chave da Análise do Discurso*. Lisboa: Gradiva.
- Marcuschi; Luiz A. (2001): *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 3.<sup>a</sup> edição. S. Paulo: Cortez Editora.
- \_\_\_\_\_. (2002): “Gêneros textuais: definições e funcionalidade”. In Dionísio, Ângela et al. (2002): *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna: s.p.

- Marques, A. H. de Oliveira (1981): *História de Portugal: desde os tempos mais antigos até à presidência do Sr. General Eanes*. Volume III: *Das Revoluções Liberais aos Nossos Dias*. 2.<sup>a</sup> edição. Lisboa: Palas Editores.
- Martínez Cárdenas, Rogelio (2011). *Turismo Espiritual: una alternativa de desarrollo para las poblaciones*. 1.<sup>a</sup> edición. (S.l.): Universidad de Guadalajara. (Coordinación). [www.turismoespiritual.com.mx](http://www.turismoespiritual.com.mx) (Acedido 1, outubro, 2017).
- Melícias, André Filipe Vítor (2015): *O Sistema de Informação Arquivística do Santuário de Nossa Senhora do Rosário de Fátima*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa: PDF In: Repositório Universidade de Lisboa. (Acedido 2, abril, 2017).
- Monteagudo Robledo, José Ignacio (2001): “Escritura popular y etnografía”. In: *Cultura escrita y clases subalternas: una mirada española*. Gipuzkoa: Sendoa: 207-236. Antonio Castillo Gómez (ed.).
- Paulino, Fernando Jorge Sousa Faria (2010). *Cultura Visual e Turismo: natureza e cultura no Alto Douro Vinhateiro*. Lisboa: Universidade Aberta. Tese de doutoramento em Antropologia, especialidade Antropologia Visual. In: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2041>. (Acedido 2, outubro, 2017).
- Perec, Georges (1989): *L'infra-ordinaire*. Paris: Le Seuil.
- Pereiro, Xerardo (2009). *Turismo cultural. Uma visão antropológica*. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. IV. Serie. Colección PASOS edita, n.º 2. [www.pasosonline.org](http://www.pasosonline.org) (Acedido 2, maio, 2011).
- (2017). “Turiperegrinos portugueses no Caminho Português Interior de Santiago de Compostela”, em *Revista Turismo e Desenvolvimento - Journal of Tourism and Development*, ISSN: 1645-9261; e-ISSN: 2182-1453. Internet. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/rtd/article/view/6816/5325>. Vol. 27/28: 413-423. (Acedido 2, maio, 2018).
- (2017). “La desdiferenciación entre turismo y peregrinación: turiperegrinos en el Camino Portugués Interior de Santiago de Compostela”, em Santamarina, Beatriz (coord.): *Atas do XIV Congresso de Antropologia da FAAEE (Federação de Associações de Antropologia do Estado Espanhol)*. Universitat de Valencia, de 5 a 8 de setembro de 2017. Valencia: Universidade de Valencia ISBN: 978-84-9133-096-6. Internet. Disponível em <http://congresoantropologiavalencia.com/wp-content/uploads/2017/09/XIV-Congreso-Antropologia-PRE-PRINT.pdf>: 1468-1483. (Acedido 3, abril, 2018).
- Pereiro, Xerardo; Fernandes, Filipa (2018). *Antropologia e Turismo: Teorias, métodos e praxis*. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. IV. Serie. Colección PASOS edita, n.º 20. [www.pasosonline.org](http://www.pasosonline.org). (Acedido 3, maio, 2019).
- Santana, Maria Olinda Rodrigues (1995). *Um Estudo Estatístico-Lexical das Éclogas de Bernardim Ribeiro*. Vila Real: UTAD. (Série Didáctica — Ciên-

- cias Sociais e Humanas, 6).
- \_\_\_\_\_. (1998). “O vocabulário das *Éclogas* de Bernardim Ribeiro”. *Separata Actas / Forum de Linguística e Didáctica das Línguas* (26, 27 e 28 de Abril de 1995). Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro: 459-471.
- \_\_\_\_\_. (2000). *O Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação na aula de língua materna: análise estatístico-lexical dos contos “A Galinha”, “O Tesouro” e “Saga”*. Vila Real: UTAD. (Série Didáctica. Ciências Sociais e Humanas; 26).
- \_\_\_\_\_. (2005). *Crónicas de António Alçada Baptista, Inês Pedrosa e Júlio Machado Vaz: estudo lexicométrico*. Vila Real: UTAD. (Série Didáctica. Ciências Sociais e Humanas; 56).
- \_\_\_\_\_. (2005). “Crónicas de Alçada Baptista, Inês Pedrosa e Júlio Machado Vaz: uma análise lexicométrica”. *Estudos em Homenagem ao professor Mário Vilela (I e II volumes)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Volume 2: 731-745.
- \_\_\_\_\_. (2011). “Diários de viagem de uma senhora comum: Maria Irma Nunes de Sousa”. *V Jornadas Archivo y Memoria: Extraordinarios y fuera de série: formación, conservación y gestión de archivos personales* (17 a 18 de Fevereiro – Madrid, Centro de Ciencias Humanas y Sociales; Museo Ferrocarril): Actas em CD-ROM-DVD: 81-100.
- Santana, Maria Olinda Rodrigues & Coelho, Francisco Xavier (2016): “O Santuário de Nossa Senhora do Fojo na Serra de Montemuro - Marian sanctuary dedicated to Our Lady of Refuge or Fojo in Montemuro mountain.” *Santuários, Cultura, Arte, Romarias, Peregrinações, Paisagens e Pessoas*, 6, 1, 177-182. *Revista Nacional* | URL: [http://www.ccsp.it/web/santuarios2016/programma%20e%20pdf%20vari/pdf\\_articoli/santana%20coelho.pdf](http://www.ccsp.it/web/santuarios2016/programma%20e%20pdf%20vari/pdf_articoli/santana%20coelho.pdf)
- Santana, Maria Olinda Rodrigues (2017): *Capela de Nossa Senhora do Fojo*. Castro Daire: Município de Castro Daire.
- Santana, Maria Olinda Rodrigues & Alves, Artur (2019): Capítulo 3: A Paisagem Cultural Sagrada no Caminho Português Interior de Santiago. In: *Património Cultural Jacobeu, turismo e peregrinação: o Caminho Português Interior de Santiago (CPIS)*: 59-77. Colección Pasos edita n.º 25. Coordenação Xerardo Pereiro.
- Santos, M. Da G. (2006): *Espiritualidade, turismo e território*. São João do Estoril: Principia.
- Saramago, José (1981). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Sarmiento, J. C. V. (2004). *Representação, Imaginação e Espaço Virtual: geografias de paisagens turísticas em West Cork e nos Açores*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Serra, Debora Rodrigues de Oliveira (2017): *O processo de turistificação do espaço em santuários e eventos católicos: uma análise sobre o círio de Na-*

- zaré em Belém-Pa. In: Geo UERJ. Rio de Janeiro, n.º 30, p. 240-276, doi: 10.12957/geouerj.2017.18275. (Acedido 3, abril, 2018).
- Silva, Armando Malheiro da (2004). “Arquivos familiares e pessoais: bases científicas para a aplicação do modelo sistémico e interactivo”. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Ciências e Técnicas do Património*. Porto, 3: 55-84.
- \_\_\_\_\_, Gonçalves, Maria Fernanda Silva (2007). “Da memória ao acesso à informação na Casa de Mateus: as bases e objectivos de um projeto sistémico”. *Revista de Letras*. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Letras, Centro de Estudos em Letras, II, n.º 6 (dezembro 2007): 305-317.
- Torga, Miguel (1973). *Diário XI*. Coimbra: Edição do Autor.
- (1977). *Diário IX*. 2ª edição. Coimbra: Edição do Autor.
- (1983). *Diário VII*. 3ª edição revista. Coimbra: Ed. do Autor.
- (1983). *Diário XIII*. Coimbra: Edição do Autor.
- (1983). *Diário XIII*. Coimbra: Edição do Autor, 1983.
- (1986). *Diário XII*. 3ª edição revista. Coimbra: Edição do Autor.
- (1993). *Diário XVI*. Coimbra: Edição do Autor.
- Vilela, Mário (1999). *Gramática da Língua Portuguesa: gramática da palavra, gramática da frase, gramática do texto/ discurso*. 2.ª edição. Coimbra: Livraria Almedina.
- Wolfe, Tom (1984). “The worship of Art. Notes on a New God”. In *Harper’s*, vol. 289: 61-68.
- Zapparoli, Zilda, Camlong, André (2002). *Do léxico ao discurso pela informática*. São Paulo: Editora da Universidade de S. Paulo: EDUSP/FAPESP com CD-Rom.



*Diários de viagem duma portuense*  
**Diário 1: Turíperegrinações a Fátima (1938-1973)**

## ÍNDICE DE TABELAS, MAPAS, FIGURAS E GRÁFICOS

|                                                                                                           |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Tabela 1:</b> diários do Arquivo Pessoal de Maria Irma Nunes de Sousa                                  | 26 |
| <b>Tabela 2:</b> álbuns-diários do Arquivo de Maria Irma Nunes de Sousa                                   | 27 |
| <b>Mapa 1:</b> freguesia de Paranhos, Porto                                                               | 16 |
| <b>Mapa 2:</b> Colégio Lusitano, desaparecido                                                             | 17 |
| <b>Figura 1:</b> Maria Irma, do lado direito, com Maria José, à porta duma Igreja em Toledo, em 1958 (A1) | 19 |
| <b>Figura 2:</b> capa exterior do diário                                                                  | 46 |
| <b>Figura 3:</b> início do relato da 1. <sup>a</sup> peregrinação a Fátima                                | 47 |
| <b>Figura 4:</b> recorte duma imagem da Fonte da Nogueira no Jardim da Sereia, Coimbra                    | 48 |
| <b>Figura 5:</b> recorte da imagem do Mosteiro da Batalha                                                 | 49 |
| <b>Figura 6:</b> recorte com imagem da multidão no santuário de Fátima                                    | 51 |
| <b>Figura 7:</b> recorte com imagem do episcopado no santuário de Fátima                                  | 52 |
| <b>Figura 8:</b> recorte com imagem da bênção dos doentes no santuário de Fátima                          | 53 |
| <b>Figura 9:</b> página com um recorte do mapa sinalizando Fátima                                         | 54 |
| <b>Figura 10:</b> recorte com imagem da multidão em Fátima à noite                                        | 55 |

|                                                                                                                           |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 11:</b> recorte duma imagem do túmulo de Santa Joana                                                            | 56 |
| <b>Figura 12:</b> recorte do Mosteiro da Batalha                                                                          | 57 |
| <b>Figura 13:</b> recorte duma imagem do castelo de Leiria à noite                                                        | 58 |
| <b>Figura 14:</b> recorte duma imagem da procissão de N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> em Fátima                          | 59 |
| <b>Figura 15:</b> página com um recorte do nome Fátima                                                                    | 60 |
| <b>Figura 16:</b> recorte da imagem do Santuário de Fátima                                                                | 61 |
| <b>Figura 17:</b> recorte duma imagem do Mosteiro de Alcobaça                                                             | 62 |
| <b>Figura 18:</b> recorte com uma imagem do interior do Mosteiro                                                          | 63 |
| <b>Figura 19:</b> imagens com legendas da autora: “Praia da Nazaré 9-IX-939” e “Pescadores de Nazaré preparando as redes” | 65 |
| <b>Figura 20:</b> legenda da autora: “O maravilhoso Castelo de Leiria domina a cidade”                                    | 66 |
| <b>Figura 21:</b> recorte com imagem do Santuário de Fátima                                                               | 67 |
| <b>Figura 22:</b> legenda da diarista: “Coimbra, ergue-se em anfiteatro numa encosta da Serra de Lorvão”                  | 68 |
| <b>Figura 23:</b> legenda da autora: “Moinhos da Fazarga, Fátima”                                                         | 69 |
| <b>Figura 24:</b> recorte duma imagem religiosa                                                                           | 71 |
| <b>Figura 25:</b> recorte duma imagem do “Portugal dos Pequenos”                                                          | 72 |
| <b>Figura 26:</b> recorte da palavra: “Fátima”                                                                            | 73 |
| <b>Figura 27:</b> recorte duma imagem noturna de Fátima                                                                   | 74 |
| <b>Figura 28:</b> recorte doutra imagem noturna de Fátima                                                                 | 75 |
| <b>Figura 29:</b> legenda da diarista “Entrada da Igreja Paroquial da Batalha”                                            | 76 |
| <b>Figura 30:</b> recorte duma imagem religiosa                                                                           | 77 |
| <b>Figura 31:</b> recorte duma imagem do Mosteiro da Batalha                                                              | 79 |
| <b>Figura 32:</b> recorte de imagem da N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> de Fátima                                         | 81 |

|                                                                                                        |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 33:</b> recorte duma imagem do Mosteiro da Batalha                                           | 82  |
| <b>Figura 34:</b> recorte duma imagem religiosa                                                        | 84  |
| <b>Figura 35:</b> recorte duma imagem de N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> de Fátima e os 3 pastorinhos | 85  |
| <b>Figura 36:</b> recorte duma imagem da janela manuelina do Convento de Cristo em Tomar               | 87  |
| <b>Figura 37:</b> recorte duma imagem do Mosteiro de Alcobaça                                          | 88  |
| <b>Figura 38:</b> recorte duma imagem do interior do Mosteiro                                          | 89  |
| <b>Figura 39:</b> recorte duma imagem do jardim de Aveiro                                              | 90  |
| <b>Figura 40:</b> recorte duma imagem da ria de Aveiro                                                 | 91  |
| <b>Figura 41:</b> recorte duma imagem de claustros                                                     | 92  |
| <b>Figura 42:</b> recorte duma imagem com a palavra “Credo”                                            | 94  |
| <b>Figura 43:</b> recorte duma imagem religiosa                                                        | 95  |
| <b>Figura 44:</b> recorte duma imagem religiosa                                                        | 97  |
| <b>Figura 45:</b> recorte duma imagem de Sé do Porto                                                   | 97  |
| <b>Figura 46:</b> recorte duma imagem da Ria de Aveiro                                                 | 98  |
| <b>Figura 48:</b> recorte duma imagem dum barco moliceiro                                              | 99  |
| <b>Figura 47:</b> recorte duma imagem dos pescadores da Ria de Aveiro                                  | 99  |
| <b>Figura 49:</b> recorte duma imagem do Mosteiro da Batalha                                           | 100 |
| <b>Figura 50:</b> recorte duma imagem do castelo de Leiria à noite                                     | 101 |
| <b>Figura 51:</b> recorte duma imagem do santuário de Fátima                                           | 102 |
| <b>Figura 52:</b> recorte duma imagem dos cardeais no santuário de Fátima                              | 103 |
| <b>Figura 53:</b> recorte duma imagem da “Casa do Beato Nuno”                                          | 104 |
| <b>Figura 54:</b> recorte duma imagem dum santinho                                                     | 105 |
| <b>Figura 55:</b> recorte duma imagem dum santinho                                                     | 106 |

|                                                                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 56:</b> recorte duma imagem dum santinho                                                                                       | 107 |
| <b>Figura 57:</b> recorte duma imagem dum santinho                                                                                       | 108 |
| <b>Figura 58:</b> recorte duma imagem dum santinho                                                                                       | 109 |
| <b>Figura 59:</b> recortes de duas imagens: um baixo-relevo e um santinho                                                                | 111 |
| <b>Figura 60:</b> recorte dum púlpito                                                                                                    | 112 |
| <b>Figura 61:</b> recorte duma imagem religiosa e do nome Fátima acompanhado da tradução para francês de altar do mundo “autel du monde” | 113 |
| <b>Figura 62:</b> recorte duma imagem da Pensão Catarino                                                                                 | 114 |
| <b>Figura 63:</b> recorte duma imagem de N. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> de Fátima e dum cartão da Pensão Catarino                      | 115 |
| <b>Figura 64:</b> recorte duma imagem com o nome Fátima                                                                                  | 116 |
| <b>Gráfico 1:</b> peso lexical das 23 narrativas do corpus                                                                               | 124 |
| <b>Gráfico 2:</b> o peso lexical dos hápax (freq. 1)                                                                                     | 125 |

# ANEXOS

## Anexo 1 – Tabela de Desvios Reduzidos

|            |        |       |        |        |       |       |        |        |       |
|------------|--------|-------|--------|--------|-------|-------|--------|--------|-------|
| -5,806 Tot | -8,451 | 1,850 | -1,691 | -1,482 | 3,778 | 4,111 | -0,476 | -1,407 | 6,601 |
| -0,176 Moy | -0,256 | 0,056 | -0,051 | -0,045 | 0,114 | 0,125 | -0,014 | -0,043 | 0,200 |
| 0,840 Khi2 | 0,066  | 0,003 | 0,003  | 0,002  | 0,013 | 0,016 | 0,000  | 0,002  | 0,040 |

|         |        |       |        |                      |       |       |  |  |  |
|---------|--------|-------|--------|----------------------|-------|-------|--|--|--|
| Ecart : | Moy    | Max   | Min    | Borne inférieure sup |       | 0,00% |  |  |  |
|         | -0,176 | 6,267 | -2,271 | -4,000               | 4,000 |       |  |  |  |

| Rang | Fréq   | T1     | T2     | T3     | T4     | T5     | T6     | T7     | T8     | T9     |
|------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| 1    | -6,287 | 0,598  | -0,337 | -0,437 | 1,289  | 0,311  | 0,126  | 0,018  | -0,402 | -0,959 |
| 2    | -4,208 | -0,815 | 2,023  | 2,216  | -0,540 | -1,228 | -1,047 | -1,088 | -0,458 | -0,738 |
| 3    | 6,484  | 0,005  | -0,725 | -1,740 | -1,122 | 1,205  | 0,971  | 2,774  | 1,259  | 2,087  |
| 4    | -2,395 | -1,205 | -0,319 | 1,349  | -0,721 | 3,017  | 0,989  | 0,876  | 0,447  | -0,713 |
| 5    | -6,082 | 0,274  | -0,156 | 1,234  | 0,103  | -1,729 | -0,486 | -0,565 | 1,099  | -0,901 |
| 6    | -1,407 | 1,960  | -1,485 | 1,414  | 1,696  | 2,949  | 1,624  | 0,322  | -0,997 | 1,145  |
| 7    | -0,693 | -0,263 | -1,199 | 1,442  | -0,717 | 0,288  | -0,757 | -0,787 | 0,202  | 1,352  |
| 8    | 2,868  | -0,902 | -0,565 | -1,726 | 1,070  | 1,078  | -0,910 | 0,125  | -0,171 | -0,642 |
| 9    | -5,312 | 1,428  | 0,008  | -0,745 | 0,837  | 0,524  | 1,409  | -0,918 | -0,110 | -0,623 |
| 10   | -0,976 | -0,708 | 0,063  | 0,151  | 0,045  | -1,058 | 1,032  | -0,639 | -0,742 | 1,888  |
| 11   | 3,687  | -2,219 | 0,750  | 0,211  | 0,104  | -1,041 | -0,605 | 0,984  | 2,061  | 1,934  |
| 12   | 4,433  | -1,496 | -0,108 | 0,007  | -1,502 | 0,764  | 0,399  | 0,322  | 1,046  | 1,145  |
| 13   | -1,992 | -0,531 | 1,019  | 0,180  | 0,043  | 0,142  | -0,796 | -0,827 | -0,960 | -0,561 |
| 14   | 11,224 | -1,288 | -0,774 | -0,718 | -0,785 | 0,271  | 1,437  | 1,345  | 1,005  | 2,391  |
| 15   | -2,191 | 0,651  | 0,777  | -0,666 | -1,480 | 0,319  | -0,506 | -0,526 | -0,610 | -0,357 |
| 16   | -2,586 | -0,448 | 0,965  | -0,557 | -0,623 | 0,422  | -0,481 | -0,500 | -0,581 | -0,339 |
| 17   | -1,870 | 1,117  | 0,342  | 0,414  | -1,331 | -0,784 | -0,455 | -0,473 | -0,549 | -0,321 |
| 18   | -2,633 | -0,768 | 2,435  | 0,094  | 0,592  | -1,075 | -0,624 | -0,649 | 0,598  | -0,440 |
| 19   | -4,123 | -0,171 | -0,713 | -0,608 | 0,589  | -0,064 | -0,855 | 1,392  | -1,032 | -0,603 |
| 20   | 1,590  | 0,020  | -1,201 | -0,231 | -0,294 | 0,746  | 4,488  | -0,429 | -0,498 | -0,291 |
| 21   | -4,689 | 0,133  | -1,158 | -1,127 | -0,216 | -0,685 | -0,398 | -0,414 | -0,480 | -0,281 |
| 22   | 2,353  | -0,574 | -0,121 | -0,069 | 1,843  | -0,658 | -0,382 | -0,397 | 1,745  | -0,270 |
| 23   | 8,297  | -0,827 | -0,051 | -1,796 | -1,260 | 0,807  | 2,558  | 0,878  | -0,765 | -0,447 |
| 24   | -3,212 | -0,373 | -1,015 | 0,122  | -1,021 | -0,601 | -0,349 | -0,363 | -0,421 | -0,246 |
| 25   | 2,412  | -1,092 | 0,545  | -1,643 | 0,134  | 0,107  | 1,044  | -0,051 | -1,199 | 2,172  |
| 26   | -1,351 | -1,496 | 0,351  | 0,007  | -0,588 | 2,221  | -0,826 | 1,502  | 0,025  | -0,582 |
| 27   | 4,796  | -0,409 | 0,039  | 0,141  | 1,601  | -0,390 | -0,715 | -0,744 | -0,863 | 3,485  |
| 28   | -1,080 | -0,462 | 0,774  | 0,918  | -0,940 | -0,202 | -0,897 | -0,932 | 0,799  | -0,632 |
| 29   | -3,690 | 0,805  | 1,979  | -0,275 | 1,152  | 0,243  | -0,956 | 0,026  | -0,271 | -0,674 |
| 30   | -4,746 | -1,054 | 0,201  | 1,522  | 0,553  | -0,481 | 0,038  | -1,026 | -1,191 | 0,749  |
| 31   | -1,987 | -0,258 | 0,155  | 0,113  | -0,643 | -0,193 | -0,161 | 0,378  | -0,696 | -0,114 |
| 32   | 7,301  | -0,572 | 0,450  | -1,355 | 1,318  | 0,065  | 1,461  | 0,293  | 1,293  | 0,679  |
| 33   | 2,257  | 2,486  | -1,100 | 0,470  | -0,667 | -1,512 | -1,258 | -0,380 | 0,012  | -1,692 |



|       |              |        |              |              |               |              |              |        |              |              |              |
|-------|--------------|--------|--------------|--------------|---------------|--------------|--------------|--------|--------------|--------------|--------------|
| 1,616 | <b>2,571</b> | -0,206 | <b>5,409</b> | <b>4,263</b> | <b>-3,286</b> | <b>3,903</b> | <b>3,559</b> | -1,877 | <b>3,875</b> | <b>3,454</b> | <b>2,057</b> |
| 0,049 | 0,078        | -0,006 | 0,164        | 0,129        | -0,100        | 0,118        | 0,108        | -0,057 | 0,117        | 0,105        | 0,062        |
| 0,002 | 0,006        | 0,000  | 0,027        | 0,017        | 0,010         | 0,014        | 0,012        | 0,003  | 0,014        | 0,011        | 0,004        |

| T10    | T11    | T12    | T13    | T14    | T15    | T16    | T17    | T18    | T19    | T20    | T21    |
|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|
| 1,526  | -0,301 | -1,228 | -0,617 | -1,360 | 0,792  | -1,208 | -0,154 | -0,290 | -0,047 | -0,729 | 0,240  |
| 0,988  | 0,227  | 0,124  | -0,081 | 1,177  | 0,059  | 0,157  | -0,682 | -0,849 | -0,276 | -0,561 | -0,416 |
| 0,540  | 0,284  | 1,281  | 1,966  | 1,866  | -2,079 | 1,332  | 0,126  | -0,922 | -0,194 | 1,295  | -1,394 |
| -0,020 | -0,867 | 1,300  | -1,012 | -0,280 | -0,510 | 0,227  | -0,609 | 0,878  | -1,525 | -0,542 | -0,836 |
| -0,389 | -0,174 | -0,277 | 1,098  | -1,124 | 1,937  | -1,134 | 1,257  | -0,541 | -0,859 | -0,685 | -1,138 |
| -0,732 | -0,708 | -0,745 | -0,826 | -0,228 | 0,057  | -0,733 | -0,190 | -2,271 | -0,420 | -0,443 | -0,905 |
| 0,236  | 0,907  | -0,683 | -0,757 | -0,704 | -1,084 | 0,832  | -0,013 | 0,848  | 1,563  | -0,405 | 0,740  |
| -0,297 | 0,513  | 0,408  | 1,313  | 1,912  | -0,828 | 0,442  | -1,224 | -0,434 | 0,875  | 3,628  | 1,288  |
| -0,879 | -0,757 | -0,797 | 0,263  | -1,047 | 0,631  | -0,784 | -0,326 | -0,559 | -0,559 | -0,473 | 0,188  |
| -0,115 | -0,527 | 1,267  | -0,615 | -1,163 | 0,190  | -0,545 | -0,826 | 1,365  | 0,183  | -0,329 | 1,514  |
| 0,897  | 1,429  | 1,306  | 1,069  | 0,680  | -1,692 | 1,345  | -0,813 | -0,980 | 0,217  | -0,324 | -0,240 |
| -0,732 | 0,717  | 0,610  | 0,399  | -0,228 | -0,417 | 0,644  | 0,730  | -0,120 | 1,231  | 1,825  | 1,091  |
| 0,090  | -0,682 | -0,718 | -0,796 | 1,264  | -0,753 | 0,723  | 2,750  | 0,124  | 1,370  | -0,426 | -0,822 |
| 0,235  | 1,830  | 1,695  | 1,437  | 0,085  | -0,693 | 1,738  | 0,772  | -1,526 | 0,537  | 3,340  | 0,077  |
| 0,282  | -0,434 | -0,456 | -0,506 | 3,403  | 0,905  | -0,449 | -0,680 | -0,878 | -0,762 | -0,271 | 1,211  |
| 0,386  | 2,034  | -0,434 | -0,481 | -0,911 | 1,907  | -0,427 | -0,647 | 1,129  | -0,725 | -0,258 | -0,914 |
| -0,798 | -0,390 | -0,411 | -0,455 | 1,562  | -0,414 | 2,096  | 1,059  | 0,759  | -0,686 | -0,244 | -0,865 |
| -0,148 | 1,350  | -0,563 | -0,624 | -1,182 | -1,748 | -0,554 | 0,378  | -0,632 | 1,243  | -0,335 | 1,453  |
| -1,500 | -0,733 | -0,771 | 0,329  | 0,316  | -1,020 | 0,572  | 1,518  | 1,039  | 0,306  | -0,458 | 0,303  |
| 0,708  | -0,354 | -0,373 | -0,413 | -0,782 | 0,739  | -0,367 | 1,285  | -0,239 | 1,028  | -0,221 | -0,785 |
| -0,698 | -0,341 | -0,359 | -0,398 | -0,753 | 1,836  | -0,353 | 1,375  | 2,109  | -0,600 | -0,213 | -0,756 |
| -0,671 | -0,328 | -0,345 | 2,264  | 0,718  | -0,047 | -0,339 | -0,514 | 0,000  | -0,576 | -0,205 | -0,727 |
| 1,687  | 1,313  | -0,572 | -0,634 | -0,331 | -0,540 | -0,563 | 1,545  | -0,234 | 1,195  | 2,614  | 2,261  |
| 1,083  | -0,299 | -0,315 | -0,349 | 0,919  | 0,144  | -0,310 | -0,469 | 2,828  | -0,526 | -0,187 | -0,663 |
| 0,640  | -0,852 | 0,230  | 2,063  | 1,450  | -0,417 | -0,882 | 0,960  | -1,640 | 0,562  | -0,532 | 3,090  |
| 0,700  | -0,708 | -0,745 | 1,624  | 0,439  | 0,057  | 0,644  | -1,110 | 0,956  | -1,245 | -0,443 | -0,239 |
| -1,255 | -0,613 | 2,484  | 2,114  | -1,354 | -0,908 | 0,955  | 0,101  | -1,242 | 0,828  | 2,235  | 0,945  |
| -0,913 | 0,544  | -0,809 | 0,232  | 0,147  | -0,328 | 1,741  | 0,490  | -0,661 | 2,450  | -0,480 | 0,134  |
| 1,418  | 0,412  | 0,308  | 0,103  | 0,498  | 0,190  | -0,848 | -1,285 | -1,704 | -1,441 | -0,512 | -0,667 |
| 0,665  | -0,846 | -0,891 | -0,987 | -1,869 | 0,408  | 0,276  | 0,213  | 0,500  | 1,274  | -0,529 | -0,763 |
| 0,111  | 1,055  | -0,615 | -0,161 | 1,546  | -1,094 | 0,931  | -0,509 | 0,197  | 0,449  | -0,807 | 0,789  |
| -1,227 | 0,581  | 0,927  | 0,963  | 1,321  | 0,299  | -0,680 | -0,480 | -0,924 | 0,301  | -1,087 | -0,608 |
| -0,201 | -0,710 | -0,037 | -2,115 | -1,725 | 1,132  | -0,575 | -0,471 | 2,034  | -1,297 | 0,217  | -0,528 |



|                |                |
|----------------|----------------|
| <b>-22,043</b> | <b>-11,934</b> |
| -0,668         | -0,362         |
| 0,446          | 0,131          |

| T22          | T23          |
|--------------|--------------|
| -1,870       | -1,248       |
| -1,439       | -0,960       |
| -1,399       | -0,933       |
| -1,390       | -0,928       |
| -1,756       | -1,172       |
| -1,135       | -0,757       |
| -1,040       | -0,694       |
| -1,251       | -0,835       |
| -1,214       | -0,810       |
| -0,845       | -0,564       |
| -0,831       | -0,554       |
| -1,135       | -0,757       |
| -1,094       | -0,730       |
| -0,712       | -0,475       |
| -0,695       | -0,464       |
| -0,661       | -0,441       |
| -0,625       | -0,417       |
| -0,858       | -0,573       |
| -1,175       | -0,784       |
| -0,568       | -0,379       |
| -0,547       | -0,365       |
| -0,526       | 2,531        |
| 0,302        | 1,156        |
| -0,480       | -0,320       |
| -1,365       | -0,911       |
| -1,135       | -0,757       |
| -0,983       | -0,656       |
| -1,232       | -0,822       |
| -1,314       | -0,876       |
| -0,603       | -0,905       |
| -1,080       | -1,380       |
| 2,346        | 1,940        |
| <b>6,267</b> | <b>3,905</b> |

Anexo 2 – Extrato de vocabulário por ordem alfabética

| Vocabúlos, expressões Total |   | Extrato do vocabulário por ordem alfabética dos 23 discursos viáticos – DIÁRIO |    |    |    |    |    |    |    |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |
|-----------------------------|---|--------------------------------------------------------------------------------|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
|                             |   | T1                                                                             | T2 | T3 | T4 | T6 | T7 | T8 | T9 | T10 | T11 | T12 | T13 | T14 | T16 | T16 | T17 | T18 | T19 | T20 | T21 | T22 | T23 |
| 4                           | 5 | 5                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 3                           | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 4                           | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   |
| 1938                        | 1 | 0                                                                              | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 1939                        | 2 | 0                                                                              | 0  | 2  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 1941                        | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 1947                        | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 1948                        | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 1949                        | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 1954                        | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 1960                        | 3 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 3   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| outubro-1951                | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "adeus-à-virgem"            | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "casa-beato-nuno"           | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "casa-do-beato-nuno"        | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "cortejo-do-mar"            | 1 | 0                                                                              | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "hospital"                  | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "irmãzinhas-de-jesus"       | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "meu-deus"                  | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   |
| "nossa-senhora-de-fátima"   | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "nossa-senhora-de-portugal" | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "O                          | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "pensão"                    | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "pensão-católica"           | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "pensão-sagrada-família"    | 2 | 0                                                                              | 1  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "poço"                      | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "Portugal"                  | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "portugal-dos-pequeninos"   | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "sítio"                     | 1 | 0                                                                              | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| "veneza-lusitana"           | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 1000-monges                 | 1 | 0                                                                              | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 11-a-17-de-setembro-de-1960 | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   |
| 11-de-junho-de-1951         | 2 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 2   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 11-e-12-de-junho-de-1951    | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 11h-30                      | 1 | 0                                                                              | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| 12-de-outubro-de-1951       | 1 | 0                                                                              | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |



[illegible]

[illegible]











[illegible]













[illegible]





[illegible]

[illegible]





[illegible]







[illegible]







| Mots   | Tot | T1 | T2 | T3 | T4 | T5 | T6 | T7 | T8 | T9 | T10 | T11 | T12 | T13 | T14 | T15 | T16 | T17 | T18 | T19 | T20 | T21 | T22 |
|--------|-----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| a      | 152 | 24 | 13 | 12 | 19 | 6  | 2  | 2  | 2  | 0  | 9   | 1   | 0   | 1   | 3   | 16  | 0   | 3   | 24  | 4   | 0   | 7   | 0   |
| de     | 90  | 10 | 14 | 14 | 7  | 1  | 0  | 0  | 1  | 0  | 5   | 1   | 1   | 1   | 6   | 8   | 1   | 1   | 12  | 2   | 0   | 3   | 0   |
| em     | 85  | 12 | 6  | 3  | 5  | 5  | 2  | 4  | 3  | 2  | 4   | 1   | 2   | 3   | 7   | 2   | 2   | 2   | 11  | 2   | 1   | 1   | 0   |
| o      | 84  | 8  | 7  | 1  | 6  | 8  | 2  | 2  | 2  | 0  | 3   | 0   | 2   | 0   | 3   | 6   | 1   | 1   | 17  | 0   | 0   | 2   | 0   |
| e      | 67  | 13 | 6  | 8  | 6  | 1  | 0  | 0  | 2  | 0  | 2   | 0   | 0   | 1   | 2   | 9   | 0   | 1   | 10  | 2   | 0   | 2   | 0   |
| que    | 67  | 7  | 6  | 8  | 7  | 0  | 1  | 1  | 2  | 0  | 2   | 1   | 1   | 2   | 1   | 9   | 0   | 4   | 10  | 0   | 0   | 1   | 0   |
| com    | 56  | 3  | 1  | 2  | 8  | 9  | 6  | 2  | 1  | 0  | 1   | 1   | 0   | 0   | 2   | 5   | 0   | 1   | 3   | 1   | 0   | 1   | 0   |
| para   | 47  | 6  | 2  | 7  | 3  | 2  | 0  | 0  | 1  | 1  | 2   | 1   | 0   | 0   | 1   | 2   | 1   | 1   | 10  | 3   | 0   | 3   | 0   |
| à      | 34  | 4  | 3  | 1  | 6  | 1  | 0  | 1  | 1  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 2   | 0   | 0   | 8   | 2   | 0   | 4   | 0   |
| no     | 34  | 3  | 2  | 1  | 3  | 3  | 0  | 0  | 0  | 0  | 2   | 1   | 1   | 2   | 5   | 2   | 1   | 0   | 2   | 1   | 2   | 1   | 0   |
| as     | 32  | 8  | 4  | 1  | 3  | 1  | 1  | 0  | 1  | 0  | 0   | 0   | 0   | 1   | 1   | 2   | 0   | 1   | 5   | 1   | 0   | 0   | 0   |
| da     | 32  | 5  | 2  | 3  | 5  | 2  | 1  | 0  | 0  | 0  | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 5   | 0   | 0   | 4   | 0   | 0   | 3   | 0   |
| os     | 31  | 3  | 3  | 3  | 3  | 0  | 1  | 0  | 0  | 1  | 1   | 0   | 1   | 0   | 0   | 3   | 0   | 0   | 8   | 1   | 0   | 3   | 0   |
| na     | 30  | 0  | 4  | 3  | 3  | 0  | 0  | 1  | 2  | 1  | 2   | 1   | 1   | 1   | 2   | 0   | 1   | 0   | 3   | 1   | 0   | 1   | 0   |
| Fátima | 28  | 0  | 1  | 1  | 0  | 2  | 1  | 1  | 2  | 1  | 1   | 1   | 1   | 1   | 2   | 1   | 1   | 1   | 5   | 1   | 1   | 1   | 0   |
| onde   | 28  | 4  | 4  | 4  | 2  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 3   | 0   | 1   | 4   | 2   | 0   | 3   | 0   |
| ao     | 26  | 4  | 3  | 5  | 3  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 2   | 0   | 0   | 0   | 2   | 0   | 1   | 1   | 1   | 2   | 0   | 1   | 0   |
| do     | 26  | 2  | 4  | 0  | 2  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 2   | 3   | 0   | 3   | 8   | 1   | 0   | 0   | 0   |
| Maria  | 22  | 1  | 1  | 1  | 1  | 1  | 1  | 1  | 1  | 1  | 1   | 1   | 1   | 1   | 1   | 1   | 1   | 1   | 1   | 1   | 1   | 1   | 0   |
| Irma   | 21  | 4  | 3  | 1  | 0  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 1   | 0   | 0   | 0   | 4   | 3   | 0   | 0   | 2   | 0   | 0   | 2   | 0   |
| pela   | 19  | 2  | 3  | 1  | 1  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 1   | 1   | 0   | 0   | 0   | 4   | 0   | 0   | 5   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| foi    | 17  | 4  | 2  | 2  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 2   | 1   | 1   | 1   | 4   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| por    | 16  | 1  | 5  | 2  | 4  | 0  | 0  | 0  | 1  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 1   | 0   |
| às     | 16  | 2  | 2  | 1  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 0  | 1   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 3   | 2   | 0   | 2   | 0   |
| uma    | 15  | 1  | 0  | 0  | 1  | 0  | 0  | 1  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 1   | 6   | 0   | 0   | 1   | 0   |     |
| das    | 15  | 3  | 2  | 3  | 4  | 0  | 0  | 1  | 0  | 0  | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 1   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   | 0   |
| nos    | 15  | 2  | 1  | 1  | 1  | 1  |    |    |    |    |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |     |

# AGRADECIMENTOS

Esta edição é um produto das atividades docente e de investigação levadas a cabo na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, no Departamento de Letras, Artes e Comunicação e no Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento da mesma Instituição do Ensino Superior. No CETRAD, a autora é Membro Integrado no grupo de investigação GI-1 “Turismo, identidades e património cultural”.

A autora agradece ao CETRAD o apoio a esta edição, através dos fundos nacionais da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P.



O CETRAD é financiado pelos mencionados fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04011/2020.



Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

UIDB/04011/2020

**PT:** Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto UIDB/04011/2020.

**EN:** This work is supported by national funds, through the FCT – Portuguese Foundation for Science and Technology, under the project UIDB/04011/2020.



# NOTA BIOGRÁFICA DA AUTORA

Maria Olinda Rodrigues Santana fez o Doutoramento Europeu em Linguística Portuguesa na Université de Toulouse-Le-Mirail II e na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, em 1998. Concluiu a Agregação em Cultura Portuguesa, na UTAD, em 2009. É Professora Associada com Agregação na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Publicou 35 artigos em revistas especializadas e 22 trabalhos em atas de eventos. Possui 15 capítulos de livros e 43 livros publicados. Possui 189 itens de produção técnica. Participou em 14 eventos no estrangeiro e 57 em Portugal. Orientou 2 teses de doutoramento e orientou 15 dissertações de mestrado nas áreas das Humanidades, História e Arqueologia, Outras Humanidades e Línguas e Literaturas. Atualmente participa em vários projetos de investigação. Atua nas áreas de Humanidades com ênfase na cultura portuguesa, história, linguística portuguesa, património cultural e turismo. Nas suas atividades profissionais interagiu com 52 colaboradores em coautorias de trabalhos científicos.

Nos últimos anos, enquanto membro integrado no grupo de investigação GI-1 “Turismo, identidades e património cultural” do Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, tem coordenado e editado trabalhos nas áreas do património cultural e do turismo. Coordenou, recentemente, a obra (2019): *Para Uma História do Turismo no Douro*, no âmbito do projeto I&D Dourotur DOUROTUR – Turismo e inovação tecnológica no Douro, publicado em suporte papel e digital divulgado em [http://www.pasosonline.org/Publicados/pasos\\_difunde/PS\\_DIF\\_2019\\_1.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/pasos_difunde/PS_DIF_2019_1.pdf) e na versão inglesa (2019): *For a History of tourism In Douro* é disponibilizada em [http://www.pasosonline.org/Publicados/pasos\\_difunde/PS\\_DIF\\_2019\\_1\\_EN.pdf](http://www.pasosonline.org/Publicados/pasos_difunde/PS_DIF_2019_1_EN.pdf)

Ciencia Vitae: <https://www.cienciavitae.pt/pt/331B-804A-8C92>







